

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Inês Abrantes Gonçalves Pereira

Lisboa, julho de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Violante Magalhães.....
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Imês Abnantes Gonçalves Pereira.....

.....
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) em Ensino do 1.º
Ciclo do Ensino Básico..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 3 de Julho de 2012

O(A) Orientador(a)



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Inês Abrantes Gonçalves Pereira

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, julho de 2012

A criança está completamente imersa na infância
a criança não sabe que há-de fazer da infância
a criança coincide com a infância
a criança deixa-se invadir pela infância como pelo sono
deixa cair a cabeça e voga na infância
a criança mergulha na infância como no mar
a infância é o elemento da criança como a água
é o elemento próprio do peixe
a criança não sabe que pertence à terra
a sabedoria da criança é não saber que morre
a criança morre na adolescência
Se foste criança diz-me a cor do teu país
Eu te digo que o meu era da cor do bibe
e tinha o tamanho de um pau de giz
Naquele tempo tudo acontecia pela primeira vez
Ainda hoje trago os cheiros no nariz
Senhor que a minha vida seja permitir a infância
embora nunca mais saiba como ela se diz.

Ruy Belo

ÍNDICE GERAL

	pág.
Índice de Figuras	XIV
Índice de Quadros	XV
Introdução	1
1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	3
2. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	4
3. Local de realização do Estágio Profissional	4
4. Identificação do grupo de Estágio Profissional	6
5. Pertinência do Estágio Profissional	6
6. Metodologia utilizada	7
7. Cronograma do Estágio Profissional	9
Parte I Relatos diários	13
1. Estágio Profissional no 1.º ano A	15
1.1. Caracterização da turma	15
1.2. Caracterização do espaço	16
1.3. Horário	17

	pág.
1.4. Rotinas	18
1.5. Relatos diários	21
2. Estágio Profissional no 4.º ano B	41
2.1. Caracterização da turma	41
2.2. Caracterização do espaço	41
2.3. Horário	42
2.4. Rotinas	43
2.5. Relatos diários	44
3. Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	61
3.1. Relatos Diários	61
4. Estágio Profissional no 3.º ano B	68
4.1. Caracterização da turma	68
4.2. Caracterização do espaço	68
4.3. Horário	69
4.4. Rotinas	70
4.5. Relatos diários	70
5. Estágio Profissional no 2.º ano A	87
5.1. Caracterização da turma	87
5.2. Caracterização do espaço	88

	pág.
5.3. Horário	88
5.4. Rotinas	89
5.5. Relatos Diários	89
Parte II Planificação	97
1. Fundamentação teórica	99
2. Planificações fundamentadas	103
2.1. Área curricular de Estudo do Meio	103
2.1.1. Fundamentação teórica e inferências	105
2.2. Área curricular de Matemática	107
2.2.1. Fundamentação teórica e inferências	108
2.3. Área curricular de Língua Portuguesa	109
2.3.1. Fundamentação teórica e inferências	110
Parte III Dispositivos de avaliação	113
1. Fundamentação teórica	115
2. Dispositivos de avaliação	119
2.1. Área curricular de Língua Portuguesa	119
2.1.1. Contextualização da atividade	119
2.1.2. Descrição dos parâmetros, critérios de avaliação e cotações	119

	pág.
2.1.3. Grelha de correção da atividade da área curricular de Língua Portuguesa	121
2.1.4. Apresentação dos resultados em gráfico da atividade da área curricular de Língua Portuguesa	123
2.1.5. Análise do gráfico	123
2.2. Área curricular de Matemática	123
2.2.1. Contextualização da atividade	123
2.2.2. Descrição dos parâmetros, critérios de avaliação e cotações	124
2.2.3. Grelha de correção da atividade da área curricular de Matemática	126
2.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico da atividade da área curricular de Matemática	127
2.2.5. Análise do gráfico	127
2.3. Área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal	127
2.3.1. Contextualização da atividade	127
2.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios de avaliação e cotações	128
2.3.3. Grelha de correção da atividade da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal	129
2.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico da atividade da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal	130
2.3.5. Análise do gráfico	130

	pág.
Reflexão final	131
1. Considerações finais	133
1.1. Limitações	134
1.2. Novas pesquisas	135
Referências bibliográficas	137
Anexos	149
Anexo 1	151
(Dispositivos de avaliação da área curricular de Língua Portuguesa)	
Anexo 2	157
(Dispositivos de avaliação da área curricular de Matemática)	
Anexo 3	161
(Dispositivos de avaliação da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal)	

ÍNDICE DE FIGURAS

	pág.
Figura 1 – Fachada do Jardim-Escola João de Deus da Estrela	5
Figura 2 – Sala de aula do 1.º ano	17
Figura 3 – Representação da roda	20
Figura 4 – Sala de aula do 4.º ano	42
Figura 5 – Sala de aula do 3.º ano	69
Figura 6 – Sala de aula do 2.º ano	88
Figura 7 – Inteligência como conjunto de capacidades, destrezas e habilidades, e seu desenvolvimento	103
Figura 8 – Gráfico da atividade da área curricular de Língua Portuguesa	123
Figura 9 – Gráfico da atividade da área curricular de Matemática	127
Figura 10 – Gráfico da atividade da área curricular da Estudo do Meio, domínio da História de Portugal	130

ÍNDICE DE QUADROS

	pág.
Quadro 1 – Distribuição dos quatro momentos de Estágio Profissional	9
Quadro 2 – Cronograma	11
Quadro 3 – Horário do 1.º ano	18
Quadro 4 – Hino dos Jardins-Escola João de Deus	19
Quadro 5 – Horário do 4.º ano	43
Quadro 6 – Horário do 3.º ano	70
Quadro 7 – Horário do 2.º ano	89
Quadro 8 – Modelo T de Unidade de Aprendizagem	101
Quadro 9 – Modelo T de Unidade de Aprendizagem adotado pela Associação de Jardins-Escola João de Deus	101
Quadro 10 – Planificação da área curricular de Estudo do Meio	104
Quadro 11 – Planificação da área curricular de Matemática	107
Quadro 12 – Planificação da área curricular de Língua Portuguesa	109
Quadro 13 – Escala de avaliação de Likert	118
Quadro 14 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área curricular de Língua Portuguesa	120
Quadro 15 – Grelha de correção da área curricular de Língua Portuguesa	122
Quadro 16 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área curricular de Matemática	125
Quadro 17 – Grelha de correção da área curricular de Matemática	126

	pág.
Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal	128
Quadro 19 – Grelha de correção da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal	129

Introdução

O Relatório de Estágio Profissional é o último passo da minha formação profissional (simultaneamente, a minha última prova para avaliação), que me permitirá futuramente exercer a docência no Ensino 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O presente relatório foi realizado no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I e II. O Estágio teve início a 26 de setembro de 2011 e terminou a 22 de junho de 2012. Realizou-se durante três dias por semana (às segundas, terças e sextas-feiras), das 9h às 13h. Por motivos profissionais, e com a devida autorização prévia do Senhor Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, entre 5 e 23 de março, fiz Estágio intensivo (105 horas). Estas horas suplementares destinaram-se a compensar a impossibilidade de, a partir de 13 de abril, estar presente nos dias aprazados, passando a realizar o Estágio somente à sexta-feira.

Ao longo do período de Estágio Profissional, estive presente nos quatro anos de Ensino Básico, ou seja, do 1.º ano ao 4.º ano de escolaridade.

Seguidamente, é relatada a forma como este Relatório de Estágio Profissional se encontra organizado, referindo a sua importância. Em relação ao Estágio Profissional, é caracterizado o local, assim como o grupo de estágio, a pertinência do estágio, após o que é mencionada a metodologia utilizada e, para finalizar, é apresentado um cronograma.

1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O Relatório de Estágio Profissional terá a estrutura dividida em três Partes, contendo as necessárias introdução e considerações finais.

A primeira Parte é referente aos Relatos diários. Estes encontram-se subdivididos por capítulos. Cada um destes capítulos corresponde aos diferentes momentos de estágio passados nos quatro anos do Ensino Básico 1.º Ciclo. Há um capítulo dedicado ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa. É nesta Parte I que são registadas as observações mais relevantes das manhãs de estágio e apresentadas as respetivas inferências, sustentadas cientificamente.

Na Parte II, relativa às Planificações, são apresentadas algumas das atividades realizadas por mim ao longo do estágio. Estas atividades são acompanhadas por uma planificação, baseada no modelo T de Aprendizagem, assim como pela fundamentação científica e pela explicação das estratégias utilizadas.

A Parte III, Dispositivos de avaliação, é constituída pelos instrumentos de avaliação por mim utilizados nas várias áreas curriculares (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio). Farei uma breve reflexão sobre os mecanismos que utilizei e sobre os resultados obtidos pelos alunos.

Na Reflexão final, para além de serem feitas algumas considerações, são definidos e esclarecidos os objetivos que foram alcançados, bem como algumas limitações deste Relatório de Estágio Profissional.

2. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A realização deste Relatório é extremamente importante por diversas razões. Primeiramente, o Relatório de Estágio Profissional é um elemento de avaliação indispensável para a concretização do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A realização do Relatório implicou um trabalho de procura, pesquisa, descoberta, investigação, leitura e estudo ao nível de diversos conceitos, ideias e processos. Todo este trabalho, realizado durante vários meses, contribuiu para consolidar o conhecimento adquirido ao longo dos três anos de licenciatura sobre as diversas áreas na Educação.

É essencial que o docente ou futuro docente consolide os seus conhecimentos e retire ensinamentos que, no futuro, o ajudem a ultrapassar certas situações que lhe surgem.

3. Local de realização do Estágio Profissional

O Jardim-Escola João de Deus – Estrela foi fundado em 1915. Pertence à Associação de Jardins-Escola João de Deus. Esta Associação possui vários centros infantis, espalhados pelo país, tendo uma longa tradição no Ensino em Portugal.

Este Jardim-Escola situa-se no centro da cidade de Lisboa, na Avenida Álvares Cabral, numa zona urbana e residencial, com alguns espaços comerciais. Localiza-se junto à Escola Superior de Educação João de Deus e ao Museu João de Deus. Próximo do Jardim-Escola encontra-se o Jardim Guerra Junqueiro (mais conhecido por Jardim da Estrela). À frente do Jardim-Escola existe uma Escola Secundária (Liceu Pedro Nunes). Esta é uma zona de fácil acesso, existindo diferentes meios de transporte.



Figura 1 – *Fachada do Jardim-Escola João de Deus da Estrela*

O espaço exterior do Jardim-Escola possui duas zonas de recreio, onde as crianças podem realizar as suas brincadeiras. Uma zona é destinada para as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico e outra frequentada pelas crianças do Pré-escolar.

Relativamente ao espaço interior, o Jardim-Escola tem um salão amplo, doze salas de aula, uma biblioteca, um ginásio, um gabinete de Direção, uma secretaria, casas de banho, um refeitório e uma cozinha.

O Jardim-Escola tem as valências de Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. As crianças que o frequentam têm idades compreendidas entre os 3 e os 9 anos de idade e estão distribuídos por faixas etárias, havendo duas turmas de cada idade. As crianças usam Bibes consoante as idades. No Pré-escolar, usam Bibe Amarelo (3 anos), Bibe Encarnado (4 anos) e Bibe Azul (5 anos). No 1.º Ciclo do Ensino Básico, usam Bibe Castanho, Bibe Verde, Bibe Azul-Claro e Bibe Azul-Escuro (respetivamente aos 6, 7, 8, 9 anos).

4. Identificação do grupo de Estágio Profissional

Ao longo do Mestrado em Educação em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o meu grupo de Estágio Profissional foi constituído por três pessoas: as minhas colegas Ana A. e Patrícia R. e eu. No entanto, nos momentos de Estágio junto do 4.º ano B e do 2.º ano A, tive ainda outras duas colegas de Estágio: a Marta e a Mónica (no 4.º B) e a Margarida e a Inês (no 2.º A).

É essencial existir um grupo com quem, durante a nossa formação, possamos partilhar ideias, opiniões, experiências e dúvidas sobre o trabalho realizado ou por realizar, bem como planear diferentes estratégias de ensino e variedade de material utilizado pelas nossas colegas. Como refere Korthagen (2009, p. 44), “na educação, descobriu-se a importância, tanto para os alunos como para os professores, da aprendizagem cooperativa e da co-criação do conhecimento”. Korthagen refere ainda que é importante “a aprendizagem reflexiva assistida por pares” (p. 51). Uma formação partilhada com colegas tornar-se-á numa formação mais produtiva e eficaz.

5. Pertinência do Estágio Profissional

O estágio profissional assume um papel essencial na formação inicial de futuros profissionais, uma vez que permite ao aluno aprender, adquirindo competências e desenvolvê-las. Estrela (citada por Mesquita, 2011, p. 45) define formação inicial de professores como o “início, institucionalmente enquadrado e formal, de um processo de preparação e desenvolvimento da pessoa, em ordem ao desempenho e realização profissional numa escola ao serviço de uma sociedade historicamente situada”. Para Campos (2002, citado por Mesquita, 2011, p. 45), a formação inicial deve proporcionar aos futuros professores “a informação, os métodos e as técnicas científicos e pedagógicos de base, bem como a formação pessoal e social adequada ao exercício da função docente”. Por sua vez, Medina e Dominguez (1989, citados por García, 1999), consideram que a formação de professores é:

... uma preparação e emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento – acção inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projeto educativo comum. (p. 23)

Ao longo da formação inicial, existe uma necessidade de se ser reflexivo, na medida em que se pode ir construindo o saber, não nos apoiando apenas em saberes teóricos, mas também não desempenhando funções sem lhes dar um sentido. Day (2001, p. 27), declara que “os professores não podem ser formados (passivamente), eles formam-se (ativamente). É, portanto, vital que participem activamente na tomada de decisões sobre o sentido e os processos da sua própria aprendizagem”. O sucesso de qualquer estagiário, enquanto futuro profissional, não depende só da teoria, mas do contacto com diversas realidades, que são apresentadas ao longo do estágio profissional.

Formosinho (2001, citado por Mesquita, 2011, p. 65), refere-se à prática pedagógica como uma componente da formação inicial de professores, “cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente”. Batista (2003, citado por Mesquita, 2011), declara que cabe à prática pedagógica:

... uma boa parte da tarefa de promover a formação do profissional qualificado, com elevado grau de autonomia, que saiba, numa perspetiva constante de atualização, implicar-se na mobilização e procura de conhecimentos e competências que lhe permitam fazer face às múltiplas situações educativas e contextos em que se integra ou poderá integrar-se. (p. 66)

De acordo com Mesquita (2011), o futuro docente, ao longo da sua formação inicial, terá de criar:

... um elo de ligação entre o que foi, o que procura ser e o que poderá ser no futuro como pessoa/ profissional, tendo em conta as competências construídas durante o seu percurso formativo, permitindo-lhe a apropriação daquelas que lhes parecem mais significativas, para se tornar num profissional competente. (p. 15)

Em síntese, todos os futuros docentes já adquiriram enquanto discentes um conjunto de teorias e representações sobre o ensino, a aprendizagem e o que é ser professor, contribuindo para o desenvolvimento e aquisição de várias competências e experiências significativas que podem ajudar na prática profissional. É essencial conciliar a teoria obtida ao longo do currículo discente com a ação profissional.

6. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada ao longo do período de Estágio Profissional I e II e da elaboração deste Relatório foi a observação e a análise documental.

Mialaret (1981, p. 130) diz que “uma formação baseada na observação da realidade educacional é o complemento indispensável duma formação científica mais geral”. Segundo Damas e Ketele (1985, p. 11), a observação “é um processo orientado por um objectivo terminal ou organizador do próprio processo de observação”; estes mesmos autores ainda nos dizem que a observação “é um processo cuja função primeira, imediata, consiste em recolher informações sobre o objecto tomado em consideração, em função de objectivo organizador...”. A observação, segundo Beslay e Lafon (1969, citados por Damas e Ketele, 1985, p. 12), “é um processo pedagógico que consiste em pôr o aluno em contacto com os objectos que vão, pela percepção directa, permitir a apreensão imediata dos dados”.

Quivy e Campenhoudt (1992, pp. 165-166) distinguem dois tipos de observação: a directa e a indirecta. A observação directa “é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação”. Relativamente à observação indirecta, estes autores afirmam que “o investigador dirige-se ao sujeito para obter informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida directamente, sendo, portanto, menos objectiva”.

Ao longo do estágio profissional a minha observação, para além de ter sido directa, pois encontrava-me em contacto com os alunos e conseguia através deles obter informações sobre os seus valores, atitudes e capacidades, foi também uma observação participante. Segundo Estrela (1990, p. 32), estamos perante uma observação participante “quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado”. Durante este percurso de formação profissional, foram criados vários momentos com os alunos de aprendizagem e descoberta.

Afonso (2005, p. 88) refere-se à análise documental como uma “pesquisa arquivística ou documental”, ou seja, esta pesquisa “consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder a questões de investigação”. Assim, segundo este mesmo autor, “o investigador não precisa de recolher a informação original. Limita-se a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas, em geral, diferentes dos objectivos da pesquisa”.

A análise documental por mim feita reporta para os diversos documentos fornecidos pelas professoras titulares dos respetivos anos de escolaridade, como sejam, por exemplo, a caracterização da turma que está contemplada no Projeto Curricular de Turma, o horário da mesma, o Projeto Curricular de Escola, as Orientações Curriculares para a Educação no 1.º Ciclo do Ensino Básico, entre outros.

Este Relatório de Estágio Profissional foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e respeitei as indicações incluídas em Azevedo (2001)¹.

7. Cronograma do Estágio Profissional

O Estágio Profissional I e II decorreu no período de 26 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012 com um total de 12 horas semanais, distribuídas por três manhãs (segunda, terça e sexta-feiras)².

Primeiramente estagiei no 1.º ano A (6 anos/ Bibe Castanho), posteriormente no 4.º ano B (9 anos/ Bibe Azul-Escuro), passei de seguida para o 3.º ano B (8 anos/ Bibe Azul-Claro) e, por fim, estive presente no 2.º ano A (7 anos/ Bibe Verde), conforme se mostra no cronograma a seguir apresentado.

Quadro 1 – Distribuição dos quatro momentos de Estágio Profissional

1.º Ano A		4.º Ano B		3.º Ano B		2.º Ano A	
Início	Término	Início	Término	Início	Término	Início	Término
26 de setembro de 2011	25 de novembro de 2011	28 de novembro de 2011	10 de fevereiro de 2012	05 de março de 2012	27 de abril de 2012	30 de abril de 2012	22 de junho de 2012

No período correspondente ao Estágio Profissional I e II, usei 396 horas em observação de aulas, da docente titular de turma ou das minhas colegas de Estágio Profissional, 20 horas em aulas programadas, 1 hora em aulas “surpresa”. Foram ainda

¹ Este Relatório de Estágio Profissional foi redigido de acordo com a nova ortografia em vigor.

² Como atrás já assinalado, no período de 5 a 23 de março fiz Estágio intensivo (105 horas) e nos momentos subsequentes a 13 de abril, passei a frequentar o Estágio Profissional à sexta-feira.

despendidas 10 horas em reuniões de Estágio Profissional, 1 hora e 15min. em provas finais. Quanto ao tempo gasto com pesquisa bibliográfica, leitura, reuniões de acompanhamento com a orientadora e redação do presente Relatório, ele foi de, aproximadamente, 250 horas. Estas diferentes atividades vêm descritas no cronograma abaixo.

Quadro 2 – Cronograma

Meses	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho							
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
Atividades																																												
Aulas Observadas						x		x	x			x					x	x	x	x	X	x								x							x							
Aulas Programadas						x				x							x					X						x					x		x									
Aulas Surpresa																												x												x				
Reuniões de Estágio Profissional				x												x																												
Reuniões de Acompanhamento										x			x	x		x	x		x	X		x			x	x	x						x	x	x		x	x	x					
Pesquisa Bibliográfica							x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional							x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				

Parte I
Relatos diários

Nesta Parte serão relatadas todas as observações realizadas durante o período de estágio no Jardim-Escola João de Deus – Estrela. Serão apresentadas as inferências, apoiadas cientificamente, de acordo com os aspetos mais significativos das situações vivenciadas. Cada relato estará assinalado com a data respetiva.

Encontram-se, de seguida, 5 capítulos que correspondem aos cinco momentos de estágio profissional. O primeiro e o segundo capítulos dizem respeito ao Estágio Profissional I, efetuado no 1.º ano, com a faixa etária dos 6 anos, e no 4.º ano (faixa etária dos 9 anos). Ali são feitas a caracterização das duas turmas, do espaço, horário, rotinas e os relatos diários, com respetivas inferências. O quarto e o quinto capítulos referem-se ao estágio realizado no 3.º e 2.º ano de escolaridade (correspondentes às faixas etárias dos 8 e 7 anos, respetivamente), seguindo-se a mesma estrutura de trabalho. O terceiro capítulo corresponde ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, realizado na semana de 27 de Fevereiro de 2012 a 02 março de 2012.

1. Estágio Profissional no 1.º ano A

Entre 26 de setembro e 25 de novembro de 2011, o meu Estágio Profissional decorreu junto do 1.º ano (faixa etária dos 6 anos), turma A, cuja professora titular é a Ana Paula Coelho.

1.1. Caracterização da turma

De acordo com as informações dadas pela professora Ana Paula Coelho, a turma do 1.º ano A é constituída por vinte e oito alunos: catorze elementos do sexo feminino e catorze elementos do sexo masculino. No início do ano letivo, apenas dezasseis elementos tinham completado seis anos de idade.

O nível socioeconómico dos familiares dos alunos da turma caracteriza-se pelo nível médio, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão. Maioritariamente, os alunos têm como encarregado de educação a mãe, sendo apenas quatro os que têm como encarregado de educação o pai. A nível

cultural, a turma é bastante participativa e interessada pelo meio ambiente que a rodeia e, na sua grande maioria, muito estimulada pelos familiares.

A partir dos testes diagnósticos, realizados no início do ano pela professora Ana Paula Coelho, ao nível da Língua Portuguesa, as principais dificuldades centram-se na leitura e escrita de pequenos textos ou frases, bem como na interpretação. Existem doze alunos que leem textos simples de forma satisfatória e os restantes estão a rever, individualmente, todas as lições da *Cartilha maternal*, em grupos, segundo o seu ritmo de aprendizagem. Esta revisão de todos os valores das letras da *Cartilha* será realizada com todos os alunos da turma. Para além das dificuldades sentidas na leitura, a maioria da turma não soube aplicar e identificar os sinais gráficos de acentuação e pontuação.

Quanto à área curricular de Matemática, a turma demonstra dificuldades na aplicação dos sinais de maior ($>$) menor ($<$), bem como na decomposição de números. Um elevado número de alunos ainda inverte os algarismos, embora reconheçam a quantidade. Demonstrem um conhecimento satisfatório dos materiais manipuláveis de Matemática.

Integrou-se nesta turma um aluno novo, que iniciou toda a sua aprendizagem tanto ao nível da Língua Portuguesa como ao nível da Matemática. Quatro alunos revelam problemas visuais e utilizam óculos, dois têm problemas auditivos, outros dois têm terapia da fala (com a terapeuta Joana), que é dada no Jardim-Escola, em horário letivo.

Um grande número de alunos referiu as atividades físicas como sendo as suas preferidas.

1.2. Caracterização do espaço

A sala do 1.º ano A está situada na cave do Jardim-Escola João de Deus – Estrela e é muito pequena. Tem vinte e oito mesas e cadeiras individuais, de madeira, em fila; as mesas e as cadeiras de cada criança são juntas, existindo 3 filas, de dois a dois, e de frente para o quadro. Tem um quadro verde, para o uso do giz, ao meio da parede.

Na sala ainda podemos encontrar dois móveis (um de plástico e outro de madeira) e a secretária da docente, virada para as crianças. Nestes móveis encontram-se

os dossiês com os trabalhos das crianças realizados em sala de aula e os materiais manipuláveis.



Figura 2 – Sala de aula do 1.º ano

1.3. Horário

O horário do 1.º ano de escolaridade contempla as áreas previstas na Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, as áreas de Língua Portuguesa e de Matemática são trabalhadas todos os dias úteis da semana na parte da manhã. Quanto à área curricular de Estudo do Meio, esta é explorada em quatro dias da semana. Ao longo da semana, esta turma do 1.º ano tem duas horas de Formação Pessoal e Social e de Expressões Artísticas, uma hora de Educação Musical, uma de Educação Física, uma de Inglês e uma de Biblioteca/ Informática.

Devido ao nosso Estágio Profissional I se realizar no período da manhã, as minhas colegas e eu só pudemos observar as aulas de Língua Portuguesa e Matemática.

Transcreve-se, de seguida, o horário praticado pela turma A do 1.º ano do Jardim-Escola João de Deus – Estrela.

Quadro 3 - Horário do 1.º ano

(Horário sujeito a alterações)

1º ano A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00-9:50 10:00-11:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00-11:30					
11:30-12:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:00-13:00			Educação Musical (12:10 – 13:00)		
13:00-14:30					
14:30-15:20	Estudo do Meio	Educação Física	Língua Portuguesa (14:30 – 15:00)	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio
15:20-16:10		Expressão Artística	Biblioteca/Informática (15:00 – 16:00)	Inglês	
16:10-17:00	Formação Pessoal e Social		Estudo do Meio	Estudo do Meio	
17:00-17:15	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

1.4. Rotinas

É importante estabelecer rotinas no quotidiano das crianças para que estas tenham a noção de como será o modo de agir, tranquilizando-a na realização das atividades, pois acaba por tomar consciência daquilo que vai realizar diariamente. Sobre a importância das rotinas, Zabalza (1998) refere o seguinte:

... as rotinas actuam como organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldade para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia. (p. 52)

No Jardim-Escola João de Deus, existem algumas rotinas diárias habituais a todos os anos de escolaridade: o acolhimento e a roda; os intervalos; a higiene diária e as refeições.

O acolhimento realiza-se no recreio ou no salão (dependendo das condições atmosféricas), das 8h às 9h30min., sendo que, das 9h até à hora de terminar o acolhimento, se faz uma roda com todas as crianças, docentes e estagiárias da escola. Cantam-se várias músicas e termina-se com o Hino dos Jardins Escolas João de Deus.

Quadro 4 – Hino dos Jardins-Escola João de Deus

Somos os filhos de João de Deus,
Somos anjinhos que cantam nos céus
Vamos p'ra aula a brincar
Aprender sem se notar
E a brincar a brincar já sei o
A E I O ...
O recreio
É sempre no meio
Da lição
Que enche o coração.

Somos crianças cheias de alegria
Nossas mãozinhas já têm magia
Já fiz um carro de barro
Um coração d cartão
E a brincar a brincar
Já sei o A E I O...
O encanto do Jardim Escola
É saltar, rir e jogar à bola.

Findou o dia vamos regressar
Vestir casacos vamos para o lar
Lá nos espera também
Outro regaço, o da mãe
Para beijar e ouvir
Dizer o A E I O...
Os meninos
Serão sempre teus
P'la vida fora
João de Deus.

No centro da roda estão as crianças mais novas, de 3 anos (Bibe Amarelo), seguidamente ficam as crianças dos 4 anos (Bibe Encarnado) e depois as crianças dos 5 anos (Bibe Azul). A seguir, encontram-se as crianças do 1.º Ciclo, ficando primeiramente as do 1.º ano (Bibe Castanho), logo depois as do 2.º ano (Bibe Verde), depois do 3.º ano (Bibe Azul-Claro) e, finalmente, as do 4.º ano (Bibe Azul-Escuro), como esquematicamente representado na figura 3.

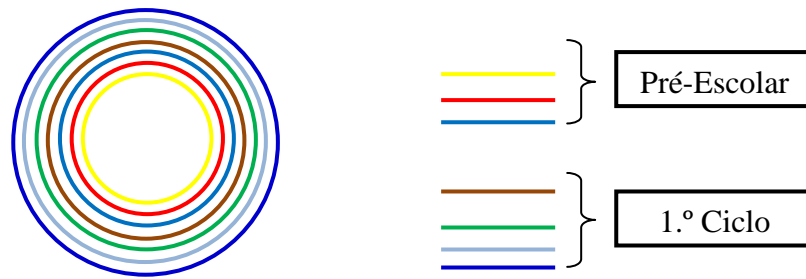


Figura 3 – *Representação da roda*

O tempo da roda “é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências – chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc.” (Zabalza, 1998, p. 194). Este momento na roda é importante para a criança. É nela que os adultos e as crianças se reúnem para cantar, realizar diferentes atividades, existindo uma interação mútua.

Dependendo das condições atmosféricas, a ida das crianças ao recreio acontece duas vezes por dia: uma ao meio da manhã e outra após o almoço. O recreio “é um momento favorável para a incorporação de experiências-chave na área do movimento, do desenvolvimento dos grandes músculos, etc.” (Zabalza, 1998, p. 192). Ali, as crianças exteriorizam as suas emoções, envolvem-se em atividades lúdicas e participam ativamente em jogos. O espaço de recreio “permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior” (Hohmann e Weikart., 1997, p. 433). Nos recreios existe sempre a presença de um adulto que ajuda, apoia e orienta os recreios, de modo a proporcionar às crianças um tempo agradável de descontração.

O momento da higiene faz parte da rotina diária da criança. São momentos que obviamente não se encontram definidos nos horários, mas são fomentados pelos docentes do Jardim-Escola. Estes momentos acontecem no início da manhã, antes e depois dos recreios, e antes e depois das refeições. Segundo Cordeiro (2008, p. 106), “os padrões de comportamento de lavagem das mãos começam a ser interiorizados com a educação para a utilização da sanita e consolidam-se por volta dos 9-10 anos”. É essencial que o adulto ajude e apoie a criança a criar hábitos de higiene, de modo a que, ao crescer, ela se torne autónoma na realização desta tarefa básica da vida de um ser humano.

O momento da refeição é feito na cantina ou no salão do Jardim-Escola, visto não existir espaço suficiente para todas as crianças na cantina. O almoço das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico é servido todos os dias a partir das 13h. Seguidamente, as crianças saem para o espaço exterior do Jardim-Escola, onde permanecem até as 14h30min.

1.5. Relatos diários

segunda-feira, 26 de setembro de 2011

Neste dia, realizou-se no museu da Escola Superior de Educação João de Deus a reunião de Estágio Profissional com os alunos dos mestrados de Educação Pré-Escolar, Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Ensino do 1.º Ciclo e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Nesta reunião, estiveram presentes as Supervisoras de Estágio Profissional e o Diretor da ESE João de Deus, Professor Doutor António Ponces de Carvalho.

A reunião foi realizada com o intuito de nos dar informações referentes à realização e organização do Estágio Profissional, esclarecendo eventuais dúvidas. Foi-nos entregue o Regulamento relativo ao ano letivo 2011/ 2012, as notas relativas ao 6.º Semestre de Licenciatura de Educação Básica e os diários de estágio.

terça-feira, 27 de setembro de 2011

O estágio iniciou-se com uma breve apresentação da Diretora do Jardim-Escola João de Deus – Estrela, professora Ana Maria Barbosa, ao grupo de estagiárias. Foram-nos comunicados diversos aspetos que poderiam ocorrer durante o Estágio Profissional. No final da reunião, seguiu-se a distribuição dos grupos de estagiários pelas respetivas salas de aula, tendo as minhas colegas de Estágio Profissional e eu ficado no 1.º ano A, com a professora Ana Paula Coelho.

Quando entrámos na sala de aula, os meninos realizavam, com ajuda da professora, um jogo (puzzle), no quadro. De seguida, foi distribuída uma ficha de revisão da 5.ª lição da *Cartilha maternal*. Durante a resolução da ficha de revisão da

Cartilha, a docente solicitou às minhas colegas de Estágio Profissional e a mim que auxiliássemos as crianças e que lhes pedíssemos para ler um pequeno texto. Esta ficha não foi concluída, pois os meninos tiveram de se dirigir ao ginásio, para uma breve explicação sobre a importância de uma boa higiene oral, feita por uma higienista.

Após o intervalo, a professora dirigiu-se ao quadro. Trabalhou com os meninos a área da Matemática, tendo como tema, as quantidades.

Inferências

As crianças neste estabelecimento de ensino aprendem a ler pelo Método João de Deus, utilizando a *Cartilha maternal*. Esta obra foi escrita pelo poeta e pedagogo João de Deus Ramos, no ano de 1876. Segundo Ruivo (2009):

... João de Deus toma como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura, estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p. 80)

Sim-Sim (2006, p. 99) refere que a aprendizagem da leitura é uma “tarefa para toda a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores de língua materna, mas de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai estar presente”. Com tudo isto, é necessário que o professor tenha uma excelente formação, visto ser uma peça fundamental na aprendizagem da leitura e da escrita nas crianças. A *Cartilha maternal* é um método onde a aprendizagem da leitura é progressiva. O Educador/ Professor pode transmitir noções de forma clara e concisa, ajudando as crianças a superarem as suas dificuldades, apelando ao raciocínio lógico.

Enquanto auxiliámos as crianças a ler a *Cartilha maternal*, pude verificar que nem todas as crianças se encontravam desenvolvidas no campo da leitura. Isto é um facto normal, pois, é sabido, “a aquisição da linguagem pela criança processa-se em várias fases e é condicionada por diversas influências, pelo que nem todas as crianças do mesmo nível etário apresentam o mesmo grau de desenvolvimento linguístico” (Rebelo e Atalaia, 2000, p. 11). É necessário apoiar e ajudar as crianças que cometam erros de leitura e escrita a ultrapassarem as dificuldades, para que criem segurança.

sexta-feira, 30 de setembro de 2011

A primeira parte da manhã foi destinada à área da Matemática. A docente começou por entregar uma ficha que continha figuras geométricas. De seguida, com o nosso auxílio, entregou a cada menino quatro pedaços de lã, que serviriam para contornar as figuras. Antes de dar início à elaboração da ficha, a docente deu a cada grupo de dois meninos figuras geométricas, trabalhando com eles os conjuntos e as sequências.

Após o intervalo foi distribuída uma proposta de trabalho de revisão da 6.^a lição da *Cartilha maternal*. Antes da realização da ficha, a docente fez chamadas de *Cartilha*, apelando à leitura e construção de frases.

Inferências

Spodek e Saracho (1998, p. 224) defendem que “as actividades de matemática na primeira infância devem incluir muitas experiências práticas com materiais de manipulação”; com isto, “muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos”. É necessário que as crianças tenham contacto e manipulem materiais, estruturados ou não, para melhor compreensão dos conteúdos e conceitos matemáticos a saber.

A atividade realizada hoje, na área curricular de Matemática, cumpria este princípio. Além disso, ao formar grupos de dois, a docente contribuiu para que as crianças trabalhassem e partilhassem as suas ideias. Assim, está a contribuir para que os alunos desenvolvam princípios de solidariedade e empatia com os outros. Com a aprendizagem em grupo, a criança desenvolve algumas qualidades, como “o ser capaz de partilhar sentimentos, de ouvir sem interromper, esperando pela sua vez de intervir, de mostrar simpatia pelas ideias dos outros, ainda que não concordando com elas, de encorajar quem se mostre desanimado” (Freitas e Freitas, 2002, p. 31). Esta aprendizagem contribui para o futuro sucesso dos alunos.

segunda-feira, 03 de outubro de 2011

A docente começou por mudar de lugares algumas crianças. Foi feita a organização dos trabalhos realizados nas respetivas pastas, por áreas curriculares e por

datas. Seguidamente, deu a cada criança uma caixa que continha os Calculadores Multibásicos. Trabalhou o cálculo mental e o significado das cores das peças, relacionando-as. Enquanto as crianças realizavam os exercícios, a professora ia-as incentivando, com palavras de estímulo, e elogiando-os pelo seu trabalho. Para consolidar a matéria dada, foi realizada uma ficha de trabalho.

Após o recreio, realizou-se a revisão da 7.^a lição da *Cartilha maternal*, tendo sido entregue a cada criança uma ficha de trabalho. Na própria ficha, foi feito um ditado de frases.

Inferências

É interessante ver como um simples material manipulativo, como os Calculadores Multibásicos, é uma mais-valia na aprendizagem da matemática. Através de diferentes atividades, este material desenvolve nas crianças a capacidade e a confiança pessoal no uso da matemática, para a análise e resolução de situações problemáticas, no seu raciocínio e comunicação.

Como referi, no decorrer da aula, a professora incentivou e elogiou os alunos, durante a resolução de exercícios. À medida que a criança se desenvolve e toma consciência de si própria, dos seus erros e dos seus avanços, vai criando um sentimento de autoestima e de autoconfiança. Se não for incentivada a exercícios de reflexão, pode formar uma fraca opinião de si própria e da sua capacidade para dominar tarefas. Existem crianças cuja autoconfiança é elevada em relação a algumas áreas e fraca noutras. É necessário reconhecer e elogiar o trabalho e as atitudes que a criança tem, convidá-la a pensar sobre os seus avanços. Devemos ajudá-la a desenvolver de forma harmoniosa a sua personalidade e a sua autoestima, para que se torne numa criança segura de si própria.

Segundo Prado (1998, citado por Caldeira, 2009, p. 17), “Os materiais didáticos são instrumentos para a aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior, com os adultos e com as outras crianças”. O docente deve trabalhar com as crianças os materiais manipuláveis, realizando questões que desenvolvem o cálculo mental das mesmas. Ao realizar este trabalho, não só desenvolve na criança o pensamento na área da Matemática, como a capacidade de diferenciar o concreto do abstrato.

Quanto ao ditado que a docente realizou com os alunos durante a manhã de hoje, trata-se de um exercício de treino ortográfico fundamental. Este exercício desenvolve na criança a atenção: “o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementada a qualidade de atenção da criança” (Condemaráin e Chadwick, 1987, p. 184). Além disso, ajuda-a a começar a escrever corretamente. Esta prática deve ser utilizada com alguma frequência. O professor deve criar na sala de aula diversas ocasiões de convívio com a escrita (composições, ditados, cópias, entre outras). As crianças lidam diariamente com a mesma, pois crescem numa cultura onde a escrita existe como meio de comunicação.

terça-feira, 04 de outubro de 2011

Durante esta manhã, a professora realizou com as crianças a revisão da 9.^a lição da *Cartilha maternal*. Entregou a cada aluno uma ficha de trabalho de revisão da letra dada, pedindo para escrever o cabeçalho, mas a caneta, pois até então só tinham escrito a lápis.

Após o intervalo, a docente entregou uma ficha de trabalho sobre o Cuisenaire. Antes da sua resolução, a professora efetuou uma breve explicação desenhando no quadro o gráfico da ficha, para facilitar às crianças a compreensão daquilo que ia dizendo.

Inferências

O material Cuisenaire foi criado pelo belga Emilie Georges Cuisenaire (1891-1976). Segundo Vale (2000, citado por Caldeira, 2009, p. 127), “há diversos investigadores que referem que a aprendizagem é mais eficaz, significativa e duradoura quando os alunos utilizam essas ferramentas, pois permite interagirem uns com os outros, reflectindo e comunicando entre si as suas experiências”. A utilização deste material é diversificada e de grande interesse pedagógico, tendo como objetivo educacional para as crianças aprender a comunicar, raciocinar e dar valor à Matemática, adquirindo segurança e eficácia na resolução de situações problemáticas. Com o Cuisenaire temos a possibilidade de abordar diversos conceitos matemáticos. De acordo com Palhares e Gomes (2006, citados por Caldeira, 2009):

... a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar 'partes de' e 'resolver problemas'. (p. 129)

A docente da turma, ao dar este material manipulável, apelou ao raciocínio das crianças e à sua comunicação e interação, pedindo sempre respostas completas ao que pedia.

segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Esta manhã de aulas foi dada pela minha colega de Estágio Profissional, Patrícia R., que teve a oportunidade de lecionar as três áreas curriculares disciplinares: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Inicialmente começou pela área de Língua Portuguesa, mais concretamente pela classificação das palavras quanto ao género. Chamou um menino e uma menina ao quadro para iniciar a explicação, e as crianças verificaram a diferença entre o masculino e o feminino. Realizou, para consolidação da matéria, uma ficha formativa e um jogo. Na área curricular de Matemática, abordou os gráficos de barras. Iniciou a aula com a leitura de uma situação problemática e análise da mesma, partindo para a construção do gráfico. Em Estudo do Meio, começou por falar um pouco sobre o tema a abordar: os sismos. Depois dessa pequena exposição, encaminhou as crianças para a sala de informática, onde, para consolidação do que foi dito, projetou um filme a que as crianças assistiram.

Neste dia, fiquei a estagiar durante a tarde, pois por motivos de ordem alheia, não pude realizar o meu estágio na sexta-feira, dia 07 de outubro de 2011.

Após o intervalo do almoço a professora realizou com os alunos a proposta de trabalho entregue pela minha colega, que não tinha sido possível ser realizada de manhã.

Inferências

Como relatado, a minha colega serviu-se dos meios informáticos para consolidar o tema dos sismos.

Consolidar a aprendizagem de um determinado conteúdo temático, através da linguagem verbal com a linguagem visual, motiva os alunos na sua aprendizagem e ajuda-os na memorização do mesmo. Como refere Calado (1994, p. 12), uma imagem “seja ela de que natureza for, venha ela de onde vier, continua a ser tomada como uma prova ou, se quisermos, como uma evidência”. Segundo esta mesma autora, a imagem “prende o olhar, desperta o prazer e desencadeia a evocação” (p. 13).

Hoje em dia, podemos verificar que nos encontramos num momento em que as novas tecnologias estão bem presentes no quotidiano das salas de aula de muitas escolas, assumindo as imagens um papel de destaque no ensino/ aprendizagem.

terça-feira, 11 de outubro de 2011

Nesta manhã, como habitual, iniciou-se o dia na roda das canções. A docente pediu-me que fosse com algumas crianças para a sala de aula, para estas terminarem os trabalhos em atraso, enquanto as outras crianças estavam na roda. Quando as crianças chegaram à sala de aula, a docente distribuiu uma ficha de trabalho a cada criança, pedindo para escrever o cabeçalho e realizarem a primeira parte da mesma. Enquanto estas realizavam o trabalho proposto, a docente solicitou que nos sentássemos, para ela nos dar e nós, estagiárias, lhe darmos um feedback da aula da nossa colega.

No segundo tempo da manhã, a docente entregou às crianças duas fichas informativas para estas colarem no caderno, sobre a matéria dada anteriormente. Após as crianças terem colado as fichas, a docente trabalhou com as mesmas o Cuisenaire, realizando com eles o “Jogo das estações”. A docente pediu às crianças para colocar uma peça azul à sua frente na posição horizontal. Depois solicitou que procurassem diversas possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça. Impôs regras no jogo (não fazer comboios maiores nem menores que a estação e não fazer comboios repetidos) explicou-lhes que, quando não conseguissem fazer mais comboios para a estação pretendida, teriam de fechar a mesma com uma peça igual à inicial.

Inferências

O jogo contribui para o desenvolvimento, ação, decisão, interpretação e, ainda, para a socialização da criança. Trata-se de uma atividade que visa levar a criança a conhecer o mundo que a rodeia, ao mesmo tempo que lhe oferece excelentes oportunidades para o seu desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual. A partir do jogo, como defende Solé (1992, p. 16), “a criança aprende a ser ela própria, a ser um indivíduo, a ver que também existem os outros e a respeitar a sua personalidade”. O jogo oferece à criança a capacidade e a possibilidade de ser e estar ativa em relação à realidade que lhe é imposta no dia-a-dia.

O jogo é enriquecedor para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Este é para a criança uma forma de prazer e, através dele, a criança é estimulada tanto ao nível intelectual, como afetivo e físico-motor. Assim, “as crianças jogam porque o jogo é um prazer em si mesmo, mas a sua maior importância radica no facto de que ele permite resolver problemas simbolicamente e mobiliza vários processos mentais” (Alsina i Pastells, 2004, p. 6). O jogo tem uma função imprescindível no desenvolvimento infantil. É através dele que a criança expressa os seus sentimentos e aprende a relacionar-se com outras crianças e adultos.

Especificamente em relação ao jogo que a professora fez com os alunos, ele permite trabalhar a decomposição dos números. Caldeira (2009) diz-nos:

... as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens. Consoante as capacidades e destrezas que se pretendam desenvolver; pode ser pedido à criança que faça comboios apenas com 2 ou 3 carruagens (utilizando peças de cores diferentes), ou deixar que descubram várias carruagens). (p. 137)

Como relatado, a professora da turma teve o cuidado de esclarecer as regras do jogo. É importante que num jogo existam regras, para que este seja bem jogado e para que se consiga realizar da forma pretendida. Assim, “as regras têm de ser claras, enunciando exactamente o comportamento que se quer estabelecer” (Sanches, 2001, p. 67). Para que a criança cresça de forma harmoniosa e equilibrada, é preciso estabelecer limites simples e apresentar regras claras para se cumprir.

sexta-feira, 13 de outubro de 2011

A docente começou por distribuir a cada criança uma ficha de trabalho de revisão da 14.^a lição da *Cartilha maternal*. De seguida, abriu a *Cartilha* na respetiva lição e realizou perguntas de revisão, tendo verificado como as crianças se encontravam nesta lição. No segundo tempo da manhã, a docente começou por realizar um pequeno ditado de frases com a letra “q” (lição vista na primeira parte da manhã).

Seguidamente, trabalhou com as crianças na área da Matemática, o 3.º e o 4.º Dons de Fröbel, realizando a construção da escadaria. Para este exercício, realizou a construção com um material de tamanho maior, e colocou-o de forma a que as crianças seguissem a mesma. Todas as crianças tinham consigo duas caixas (3.º e 4.º Dons), para que pudessem realizar adequadamente e individualmente a sua construção.

Inferências

Os Dons de Fröbel foram criados pelo alemão Friedrich Fröbel (1782-1852), primeiro educador a enfatizar o brinquedo e a atividade lúdica. Segundo Fröbel (s.d., citado por Caldeira, 2009, p. 239), “o feliz desenvolvimento da actividade lúdica da criança influencia o seu futuro carácter de homem, por isso nunca deverão ser impostos, nem o jogo, nem qualquer outra actividade educativa”. Estes Dons constituem um outro material manipulável fundamental para o ensino da matemática.

Na Metodologia João de Deus, como explicitado por Caldeira (2009, p. 242), “é utilizada a exploração dos materiais nas suas vertentes pedagógicas, dando grande importância à criatividade, à manipulação e à descoberta, sendo presentemente utilizados apenas os 1.º, 3.º, 4.º e 5.º Dons de Fröbel”; esta autora afirma que “os Dons são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus íntimos e, pensamentos e ideias” (p. 241).

O 3.º e 4.º Dons de Fröbel são compostos por duas caixas. Com este material, trabalhado em conjunto, podemos realizar construções e cálculos mais elaborados e complexos, desenvolvendo nas crianças a sua criatividade e o raciocínio lógico-matemático, tal como observado durante a aula de hoje.

segunda-feira, 17 de outubro de 2011

Como combinado previamente com a docente Ana Paula Coelho, foi a minha vez de dar a manhã de aulas e de ser avaliada. Os temas, por sugestão da professora, foram: na área curricular de Língua Portuguesa, a classificação de palavras quanto ao número (singular e plural); na área curricular de Estudo do Meio, os cinco sentidos, na área curricular de Matemática, o pictograma.

Comecei pela área curricular de Língua Portuguesa, colocando imagens no quadro para explicar a diferença entre o singular e o plural. De seguida, como consolidação da matéria abordada, distribuí uma ficha de trabalho a cada criança e um apontamento para o caderno de estudo.

Para o tema de Estudo do Meio, utilizei um livro de literatura infantil, intitulado *O Livro Negro das Cores*, de Menena Cottin e Rosana Faría. Após a leitura, realizei uma pequena abordagem sobre os cinco sentidos e os respetivos órgãos. Depois, coloquei no quadro imagens representativas dos cinco sentidos. À medida que eu ia colocando a imagem no quadro, as crianças tinham de me dizer qual o sentido e o(s) órgão(s) correspondente(s). Novamente como consolidação da matéria dada foi realizada uma ficha de trabalho.

Após o intervalo, e com vista à interdisciplinaridade com a área da Matemática, distribuí uma laranja a cada criança. Inicialmente, deixei-as brincar e observar um pouco a mesma. Seguidamente, realizei perguntas dirigidas, de modo a descobrirmos quais os sentidos utilizados para a descoberta da laranja, verificando que conseguíamos utilizar quatro dos nossos cinco sentidos ao detetar a cor, textura, cheiro, e paladar.

Na área da Matemática, expliquei o que era um pictograma e as suas vantagens. Coloquei no quadro um pictograma maior e, em conjunto com a turma, realizámos duas propostas de trabalho. Primeiramente de forma oral, de modo a construir o nosso pictograma, e de seguida por escrito através de uma ficha de trabalho.

Inferências

Durante a minha aula, procurei estabelecer diálogo com os alunos. O diálogo entre a criança e o docente é muito importante e interessante. A partilha de acontecimentos é enriquecedora, não só para a criança que conta, como para todas as

crianças que estão a ouvir. Existir um espaço de diálogo traz imensas vantagens no desenvolvimento da criança e estas gostam de partilhar as suas vivências. Esta não é um papel em branco onde se colam conhecimentos e aprendizagens. Como sistematiza Sampaio (1996, citado por Curto, 1998, p. 26), “os professores necessitam de criar espaços de diálogo nas suas aulas, de modo a despertar novos interesses nos alunos e de forma a terem com eles uma relação afectiva, mediada por qualquer coisa que não seja o tradicional conteúdo curricular”. É importante escutar as crianças, para que percebam que têm um papel ativo e fundamental na sociedade, pois serão o futuro.

Para existir ligação entre as áreas curriculares de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática, apelei à interdisciplinaridade entre as diferentes áreas. A interdisciplinaridade é, segundo Piaget (1972, citado por Pombo, Guimarães e Levy, 1994, p. 10), “intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...tendo) como resultado um enriquecimento recíproco”.

Na área curricular de Matemática abordei o pictograma. Para Ponte e Serrazina (2000, p. 215), num pictograma “usa-se uma representação do nosso objecto, que se repete o número de vezes adequado para indicar a quantidade de elementos que existe em cada categoria”. A análise de dados é uma área da Matemática que, no mundo atual, tem grande interesse, uma vez que tem uma ligação ao quotidiano, quer vivenciado pelos adultos quer pelas crianças, proporcionando momentos essenciais de desenvolvimento numérico.

terça-feira, 18 de outubro de 2011

A manhã iniciou-se com a distribuição de uma ficha de trabalho sobre o 3.º e 4.º Dons de Fröbel. Antes de iniciar a ficha, a professora perguntou quais os sólidos geométricos representados nos Dons, pedindo a uma criança para escrever no quadro o nome dos mesmos. Voltou a rever a construção da escadaria, com ajuda das crianças.

A professora distribuiu uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa, de revisão da 15.ª lição da *Cartilha maternal*, realizando a primeira parte da ficha com as crianças.

Depois do intervalo, a professora pediu aos alunos para concluírem a ficha. Enquanto estes o faziam, a docente falou connosco relativamente à aula dada por mim, no dia 17 de outubro de 2011. Seguidamente, a professora voltou para a área curricular de Matemática, realizando a ficha de trabalho proposta no início da manhã.

sexta-feira, 21 de outubro de 2011

A professora fez um jogo na área curricular de Língua Portuguesa, designado de “palavra puxa palavra”. Deu a cada criança uma proposta de trabalho sobre o Tangram. De seguida, distribuiu um conjunto de peças do Tangram, para a construção de figuras que se encontravam na ficha. A resolução da mesma foi feita com o auxílio e interação das crianças.

Após o intervalo, concluiu-se a resolução da ficha de trabalho e foi distribuída uma ficha de Língua Portuguesa. Nesta ficha, as crianças realizaram pela primeira vez um ditado num caligrama.

Inferências

Na área da Matemática, o Tangram é um jogo ou “quebra-cabeças” muito utilizado no ensino da geometria. Este jogo parte da dissecação de uma figura geométrica, segundo algumas condições, permitindo a obtenção de novas figuras, através de recombinações das peças obtidas. A partir do Tangram conseguimos desenvolver nas crianças a capacidade de concentração, a criatividade e o raciocínio lógico.

Trata-se de um jogo de carácter lúdico de grande utilidade didática. Santos (2008, citado por Caldeira, 2009) defende que o Tangram:

... como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presentes nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391)

Naturalmente, para fazer atividades motivantes com o Tangram é necessário que exista disponibilidade por parte do docente e que seja destinado tempo para a exploração do mesmo. No decorrer da aula relatada pude verificar tais disponibilidade e tempo.

segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Esta manhã foi destinada à primeira manhã de aulas da minha colega Ana A., avaliada pela docente titular Ana Paula Coelho.

A minha colega iniciou a aula pelo tema sinais de pontuação, no âmbito da Língua Portuguesa. Solicitou a participação de algumas crianças, realizando perguntas dirigidas. Depois de dialogar com as crianças, passou à leitura de uma história adaptada por ela, intitulada “A Família pontuação”. Pediu aos alunos para recontarem a história lida, e colarem os sinais de pontuação no quadro com o respetivo nome. Para consolidação da matéria abordada distribuiu por cada criança uma ficha de trabalho.

Na área curricular de Estudo do Meio, abordou um dos cinco sentidos (o paladar). Perguntou às crianças para que servia a língua, e deu-lhes a provar quatro alimentos para identificarem os sabores. Colocou no quadro uma imagem da língua, e “localizou” nessa mesma imagem os diversos sabores. De forma a consolidar a matéria dada realizou com os alunos uma ficha de trabalho.

Na área curricular de Matemática, abordou as combinações. Utilizou uma imagem representativa de um cone de gelado com três sabores. O objetivo era saber de quantas maneiras se podiam combinar os sabores (com uma, duas e três bolas de gelado). Fez uma ficha de trabalho de síntese da matéria dada.

Inferências

O docente, ao realizar a leitura e interpretação de textos de forma eficaz, desenvolve falantes competentes. Sousa (1993, p. 157) afirma que o tempo dedicado à leitura/ interpretação de textos é importante para o desenvolvimento “não só das capacidades específicas do leitor, mas também, de uma competência mais genérica dos falantes de uma língua, a sua competência comunicativa”.

Cabe ao professor informar/ ensinar e desenvolver estratégias, que estimulem nos alunos os saberes indispensáveis para a compreensão e interpretação de qualquer texto. Na aula dada pela minha colega, sobressaiu, quanto a mim, o trabalho desenvolvido na área de Língua Portuguesa, precisamente pelo diálogo vivo que conseguiu estabelecer com os alunos, a partir do texto dado.

terça-feira, 25 de outubro de 2011

Neste dia tiveram início as aulas “surpresa” no Jardim-Escola João de Deus – Estrela, observadas pelas professoras Supervisoras de Estágio Profissional.

Na primeira parte da manhã, as minhas colegas de Estágio Profissional e eu pudemos presenciar as aulas de duas colegas (do Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico). Os temas propostos às nossas colegas, pela docente Teresa Botelho, Supervisora de Estágio Profissional, foram: na área de Língua Portuguesa, a leitura e interpretação de um texto e a classificação de palavras quanto ao grau; na área curricular de Matemática, a área e áreas equivalentes com o material manipulável geoplano.

Após o intervalo, as estagiárias que assistiram às aulas “surpresa” dirigiram-se para a sala de aula do 2.º ano B, onde se realizou uma pequena reunião, para serem abordados os aspetos positivos e negativos das colegas que tiveram aula “surpresa”.

Inferências

Como futuras docentes, e estando nós em processo de aprendizagem, experimentar a lecionação é essencial para o nosso desenvolvimento profissional. A partir da prática, conseguiremos evoluir e aperfeiçoar conhecimentos adquiridos. Segundo Lisboa (2005, citado por Alonso e Roldão, 2005, p. 28), “durante esta formação adquirimos os conhecimentos basilares para podermos desempenhar correctamente a docência, mas tomamos também conhecimento de quais as características mais importantes para poder vir a ser um professor de qualidade”.

Os estagiários durante a sua formação precisam de “perceber como melhorar as suas aprendizagens” (Fernandes, 2005, p. 83). É necessário que os futuros docentes na sua formação sejam apoiados, orientados e avaliados no seu desempenho profissional de modo a crescerem na sua prestação e nas suas aprendizagens. As reuniões realizadas com as professoras Supervisoras de Estágio Profissional são, assim, essenciais para o nosso crescimento como futuras docentes, favorecendo a nossa aprendizagem. O supervisor “surge como alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor” (Alarcão, 1996, p. 93). Enquanto estagiárias e futuras docentes, o feedback por parte das Orientadoras sobre o trabalho realizado por nós, ajuda-nos a refletir sobre o mesmo e favorece a nossa aprendizagem, considerando assim um reforço positivo para o decorrer do nosso mestrado. Veira (1993, p. 28) aponta que a supervisão é “como uma actuação de monitoração

sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação”.

Em reuniões como a que aconteceu hoje, são feitas críticas construtivas por parte das professoras Supervisoras sobre as aulas dadas. Em primeiro lugar, fala o estagiário que deu a aula e, seguidamente, os estagiários que assistiram; posteriormente, a aula é comentada pela docente titular e, por último, pela professora Supervisora de Estágio Profissional. Como futuras docentes, temos de ter a capacidade de nos autoavaliar de forma correta, realizando um juízo de valor sobre quais as situações a manter e as situações a melhorar, visto ser importantíssima a “capacidade de refletir criticamente sobre acção profissional” (Alarcão e Roldão, 2008, p. 64). Refletir e ter a consciência sobre as nossas ações é uma grande vantagem para o futuro docente.

sexta-feira, 28 de outubro de 2011

A docente começou por distribuir uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa. Pediu a cada criança que lesse o texto presente na ficha. No final de cada leitura, fez a avaliação da mesma e solicitou às crianças que fizessem a sua autoavaliação. A seguir à leitura do texto foi realizada a interpretação e análise do funcionamento da língua.

Após o intervalo, concluiu-se a ficha de Língua Portuguesa e foi entregue a cada criança uma ficha de trabalho de Matemática de revisão do pictograma.

segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Nesta semana, de roulement, só se encontrava uma professora do 1.º ano. As duas turmas A e B juntaram-se na sala de aula do 1.º ano A, realizando os mesmos trabalhos, que tiveram como temática o *Halloween*. Começaram por colorir um desenho e cada criança pintou uma abóbora. Os alunos realizaram ainda exercícios de escrita/caligrafia.

sexta-feira, 04 de novembro de 2011

A docente titular propôs à minha colega, Patrícia R. uma aula “surpresa”. A área curricular abordada foi a Matemática, tendo como conteúdo os numerais ordinais. A

minha colega começou por contar uma história com a ajuda das crianças, sobre a sucessão dos reis na Cidade dos Macacos (pegando na temática da aula dada no dia 10 de outubro de 2011). Realizou um jogo com as crianças. Este jogo consistia em retirar alguns numerais ordinais e as crianças tinham de descobrir qual ou quais faltavam. Seguidamente leu de forma ordenada os numerais. Foi realizada uma ficha de consolidação da matéria.

No segundo tempo da manhã, a docente fez uma pequena revisão da 16.^a Lição da *Cartilha maternal*. Distribuiu a cada criança uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa, tendo como conteúdo a 16.^a Lição. A docente chamou três crianças à Lição da *Cartilha* e, enquanto estava a ser dada a lição, as restantes crianças realizavam a ficha no respetivo lugar.

segunda-feira, 07 de novembro de 2011

Nesta manhã, a minha colega Patrícia R. foi avaliada pela docente titular. Iniciou a aula com Estudo do Meio, abordando a pirâmide dos alimentos e a sua importância. Construiu uma pirâmide dos alimentos no quadro com o auxílio das crianças. Por fim, realizou uma ficha de consolidação do tema abordado. No âmbito da Matemática, trabalhou com as crianças a decomposição de números através do material manipulável Cuisenaire. Realizou uma ficha de trabalho que continha os conteúdos abordados. Em Língua Portuguesa abordou a 18.^a Lição da *Cartilha maternal*. Fez com as crianças um dicionário de imagens com a letra desta lição e seus valores.

terça-feira, 08 de novembro de 2011

O primeiro tempo da manhã foi dispensado para a minha colega Patrícia R. acabar de dar a sua aula.

Depois do intervalo, a docente pediu à minha colega Ana A. e a mim para darmos uma aula “surpresa”, sobre a numeração romana até ao 10, tendo eu ficado com a explicação da numeração romana do 1 ao 5 e a minha colega do 6 ao 10. Toda a explicação foi feita a partir de uma história sobre um romano, que tinha descoberto que o homem tinha cinco sentidos e, não estando satisfeito com a sua descoberta, ainda

descobriu cinco sinais de pontuação. Por fim, realizámos um jogo de consolidação do conteúdo abordado. De seguida, a docente fez um ditado de palavras para as crianças.

sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Foi a minha manhã de aulas. Comecei com o tema de Estudo do Meio, nomeadamente abordando o Dia de São Martinho, realizando uma curta encenação, com projeção de sombras chinesas (fantoques em negro). Seguidamente dialoguei com as crianças sobre a Lenda de São Martinho e solicitei, a três crianças, ajuda para realizarmos novamente a encenação sendo elas as personagens. Por fim, foi realizada uma ficha de consolidação do que foi abordado.

Proseguí para a área de Língua Portuguesa, falando sobre a 19.^a Lição da *Cartilha maternal*, realizando uma revisão da lição com os respetivos valores da letra, de seguida leu-se duas estrofes de uma música intitulada “Castanhas”. Propus às crianças que cantassem a música e por fim realizaram um pequeno exercício.

Na área de Matemática abordei a operação da adição, através do material manipulável Calculadores Multibásicos.

Inferências

Ao longo da manhã, nas três áreas curriculares (Português, Matemática e Estudo do Meio), utilizei diversos materiais didáticos, o que julgo ser fundamental para facilitar às crianças a aprendizagem dos conteúdos abordados. Como lemos no Programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2007, p. 27), pôr materiais à disposição das crianças permite “estabelecer relações e tirar conclusões, facilitando a compreensão de conceitos”. Através do manuseamento do material, a criança consegue construir conhecimento, evoluindo na sua aprendizagem.

As pequenas teatralizações desempenham um papel de relevo no processo educativo. Fantoques, dedoches e outros materiais fazem despertar na criança o mundo do imaginário e da criatividade. Os fantoches são um “instrumento privilegiado para alimentar o sonho anímico das crianças” (Cardoso, 1989, p. 14). O docente deve permitir que a criança desenvolva o seu espírito de sonhador.

segunda-feira, 14 de novembro de 2011

A docente propôs às crianças a leitura dos álbuns realizados com os pais, com informação das mesmas, desde o nascimento até à entrada na escola. Seguidamente, foram concluídas as fichas de trabalho iniciadas na sexta-feira dia 11 de novembro de 2011, da aula dada por mim.

Após o intervalo, a docente falou da soma com transporte com os Calculadores Multibásicos, realizando perguntas dirigidas às crianças.

Inferências

A família é o principal elemento na aprendizagem e desenvolvimento da criança. A criança que se sente apoiada familiarmente tem uma maior facilidade no desenvolvimento das suas capacidades cognitivas: “nos alunos, o envolvimento parental conduz a uma maior motivação, à mais aproveitamento escolar e um melhor comportamento disciplinar” (Lima, 2002, p. 288).

Bacete (1994, citado por Silveira, 2003, p. 50) alerta para que a participação dos pais ajuda as crianças a terem “sentimentos mais positivos acerca da escola e consigo mesmos, um maior apreço pelo seu papel e uma percepção mais satisfatória da sua relação com os filhos”. É necessário incentivar a relação Família-Escola, para que a criança cresça de forma construtiva e agradável. O envolvimento da família na elaboração do álbum, ajudou a criança a perceber que não está só no seu crescimento.

terça-feira, 15 de novembro de 2011

A docente iniciou a manhã de aulas com os blocos lógicos, pondo algumas questões às crianças relativas a este material. De seguida, fez a revisão dos quatro atributos das peças (forma, tamanho, cor e espessura) e trabalhou as sequências. Após o trabalho prático com este material, realizaram uma ficha de trabalho de consolidação dos blocos lógicos.

Após o recreio, fez uma pequena revisão da 16.^a lição da *Cartilha maternal*. Distribuiu uma ficha de trabalho, onde realizaram um ditado “misto” (a docente escreveu as palavras no quadro que iria ditar e apagou-as).

Inferências

Para Piaget (s.d., citado por Caldeira, 2009, p. 363), “a aprendizagem da matemática envolve o conhecimento físico e o lógico matemático”. Zoltan Dienes e Edward Golding escreveram um livro intitulado *Lógica e jogos lógicos* (1976), com o intuito das crianças realizarem atividades que desenvolvessem a construção da estrutura lógica. Com os blocos lógicos, o conhecimento físico dá-se quando a criança pega e observa os atributos das peças. Quando a criança começa a usar e a ter uma visualização abstrata dos atributos das peças, adquire um raciocínio lógico-matemático.

Para Simons (2007, citado por Caldeira, 2009, p. 365), os blocos lógicos são “um instrumento muito rico para aqueles que desejam mediar o desenvolvimento do sujeito e estão em busca de estratégias que lhes permitam o seu enriquecimento”. Com este material conseguimos desenvolver várias capacidades e destrezas nas crianças como o raciocínio lógico; a percepção tátil e visual, o conhecimento de formas, a coordenação motora, a capacidade de atenção e concentração. Foram estes aspetos que vi serem trabalhados na aula de hoje.

sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Houve aulas “surpresa”, observadas pelas professoras Supervisoras. No primeiro tempo da manhã, a aula “surpresa” foi dada pela minha colega Ana A. Abordou os valores da 19.^a Lição da *Cartilha maternal*, através de frases, efetuando, depois, a correção ortográfica. De seguida, as minhas colegas e eu dirigimo-nos para uma sala do 4.º ano, onde tivemos a oportunidade de observar outra aula “surpresa” de uma das colegas do Mestrado em Ensino 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Após o intervalo, todas as estagiárias estiveram em reunião com as professoras Supervisoras de Estágio Profissional.

segunda-feira, 21 de novembro de 2011

Esta manhã foi novamente de aulas “surpresa”, presenciadas pelas professoras Supervisoras de Estágio Profissional. Inicialmente, foi possível observar a aula “surpresa” da minha colega, Patrícia R., que abordou os valores da 17.^a Lição da *Cartilha maternal*. Fez uma pequena revisão dos valores da letra desta lição, e, após,

uma pequena exploração da mesma a partir de um dedoche de uma tartaruga. As minhas colegas e eu seguimos para o 4.º ano, onde se realizou mais uma aula “surpresa” de uma das nossas colegas de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Após o intervalo, reunimos com as professoras Supervisoras numa sala do 1.º ano, abordando os pontos positivos e negativos das aulas lecionadas esta manhã.

Estive até às 17h no Jardim-Escola, a fim de compensar o meu Estágio Profissional no dia 25 de novembro de 2011. Por indicação da professora titular, arrumei dossiês e ajudei os alunos a fazerem trabalhos em atraso.

terça-feira, 22 de novembro de 2011

Esta manhã foi agendada para a aula da minha colega, Ana A., avaliada pela docente titular. A minha colega começou pela área curricular de Matemática, trabalhando a subtração, nos Calculadores Multibásicos. Entregou a cada criança uma ficha de consolidação da matéria. Na área de Língua Portuguesa realizou uma pequena revisão da 22.ª Lição da *Cartilha maternal*, entregando à posteriori uma ficha formativa. Terminada a ficha, a minha colega propôs às crianças o jogo “Loto de palavras”. Distribuiu a cada grupo (de quatro elementos) um tabuleiro que continha quatro imagens e um envelope com quatro palavras; as crianças tinham de associar a palavra à imagem, trabalhando em parceria. Finalizou com a área de Estudo do Meio, tratando o tema da segurança rodoviária. Mostrou às crianças um placar com os diferentes dispositivos de sinalização importantes para um peão; apresentou, depois, uma imagem com situações incorretas (as crianças tinham de assinalar com uma cruz essas mesmas situações).

2. Estágio Profissional no 4.º ano B

Entre 28 de novembro de 2011 e 10 de fevereiro de 2012, o meu Estágio Profissional decorreu junto do 4.º ano (faixa etária dos 9 anos), turma B, cuja professora titular é a Rita Augusto.

2.1. Caracterização da turma

De acordo com as informações fornecidas pela docente da sala de aula, a turma do 4.º ano B é constituída por vinte e seis alunos, sendo que quinze elementos são do sexo feminino e onze elementos do sexo masculino. Os alunos encontram-se na faixa etária entre os 9 e os 10 anos de idade.

O nível socioeconómico dos familiares dos alunos da turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão. Em termos culturais, é uma turma interessada no ambiente que a rodeia, mostrando-se participativa e empenhada no decorrer das aulas. É de referir que alguns alunos se distraem com facilidade no decorrer das aulas, atrasando-se por vezes nos trabalhos propostos.

A partir dos testes diagnósticos foi possível tirar as seguintes conclusões. Na área da Matemática, revelam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação, pois os alunos ainda não memorizaram a tabuada, na leitura de números e na numeração romana. Na área de Língua Portuguesa, apresentam dificuldades na produção de textos, na conjugação de verbos e ainda cometem muitos erros ortográficos. Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior.

2.2. Caracterização do espaço

A sala do 4.º ano B encontra-se no 1.º piso, perto da Biblioteca do Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Tem vinte e seis mesas individuais, um quadro interativo e um quadro verde (para uso do giz). As mesas estão viradas para o quadro interativo e a secretária da docente situa-se junto a uma janela, em perpendicular com as mesas dos

alunos. Na sala, existem placares nas paredes onde a professora coloca os trabalhos dos alunos realizados ao longo do ano letivo. Existem ainda três móveis de madeira na sala: um serve de suporte a material escolar, outro tem dossiês dos alunos e o outro tem o material auxiliar da professora.

Esta sala é bastante ampla, tem quatro janelas grandes, criando um ambiente acolhedor e confortável.



Figura 4 – Sala de aula do 4.º ano

2.3. Horário

No horário do 4.º ano de escolaridade, apresentado seguidamente, encontramos, para além das áreas curriculares dadas no 1.º ano de escolaridade (no qual estagiámos), um outro domínio do conhecimento que vem inserido na área curricular de Estudo do Meio: a História de Portugal. Nos Jardins Escolas João de Deus, esta área é iniciada no 3.º ano de escolaridade.

No horário podemos observar que uma hora por semana é reservada para o Clube de Ciências. Neste Clube promove-se o ensino das Ciências com atividades experimentais. Alguns alunos do 4.º ano B ainda frequentam aulas extra de música (uma hora semanal) – indicação presente no respetivo horário de turma.

Devo referir que, visto o meu estágio se realizar à segunda, terça e sexta-feiras, de todas as áreas curriculares contempladas no horário de turma, apenas assisti às áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Das outras áreas nada terei a dizer durante a minha permanência nesta turma, excetuando sobre a área curricular de Estudo do Meio que fez parte das minhas aulas programadas.

Quadro 5 - Horário do 4.º ano

(Horário sujeito a alterações)

4º ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00-9:50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:00-11:00					
11:00-11:30					
11:30-12:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:00-13:00		Estudo do Meio (12:30 – 13:00)			
13:00-14:30					
14:30-15:20	Estudo do Meio	Hora do Conto (14:30 – 15:00)	Estudo do Meio (Clube de Ciências)	Formação Pessoal e Social (14:30 – 15:00)	Estudo do Meio
		Expressão Artística			
15:20-16:10	Inglês	Educação Física	Educação Musical	Estudo do Meio	
16:10-17:00	Formação Pessoal e Social		Orquestra	Biblioteca / Informática (16:00 – 17:00)	
17:00-17:15	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

2.4. Rotinas

A rotina diária do 4.º ano era idêntica à rotina diária observada na turma do 1.º ano, sendo que naquela turma os alunos têm um horário diferente. Estes alunos também se encontravam presentes no acolhimento da manhã, no salão, e também possuíam momentos bem definidos de higiene e alimentação, bem como para os recreios.

2.5. Relatos diários

segunda-feira, 28 de novembro de 2011

A docente iniciou a manhã a questionar os alunos sobre o fim de semana. De seguida, foi feita a recolha dos trabalhos realizados na semana anterior, para serem corrigidos e arrumados nos dossiês.

A professora realizou a leitura de um conto de José Jorge Letria. Encaminhou alguns alunos para a biblioteca onde realizaram o trabalho proposto pela mesma, com o nosso auxílio. Os restantes alunos ficaram com a docente para os ensaios da festa de natal.

A peça para apresentar na festa de natal consiste num teatro, com algumas músicas, sobre *Romeu e Julieta*. Todos os alunos vão entrar na peça tendo diferentes papéis.

Inferências

A leitura partilhada e em voz alta de contos literários, feita pelo docente para os seus alunos, é um momento enriquecedor e gratificante para “a formação de um leitor literário” (Magalhães, 2008, p. 64); essa formação, que é absolutamente necessária de ser feita na idade infantil, “integra e culmina a formação do leitor de outros tipos de textos, pois implica que a criança oiça ler e possa manusear o texto literário, mas a par de outros” (p. 64).

No Programa de Português do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 155), aquele é um dos itens valorizados para desenvolver na criança o gosto pela leitura e é claramente expresso quando é dito: “ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e de complexidade progressivamente alargadas”. De igual modo, nos novos Programas de Português postos em vigor a partir do presente ano letivo, para os anos que iniciam o Ciclo de escolaridade (caso do 1.º ano), é explicitado que os alunos devem “Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e reagir ao texto” (Ministério da Educação, 2009, p. 37). Proporcionar à criança momentos de leitura e prazer literário como o que foi proposto nesta aula, ajuda-a a desenvolver as suas competências linguísticas e o gosto pela leitura.

terça-feira, 29 de novembro de 2011

Às 9h30min., a docente distribuiu pelos alunos o teste de avaliação de História de Portugal e Estudo do Meio. O teste foi concluído às 10h30min.

Após o intervalo, alguns alunos do 4.º ano A dirigiram-se para a sala do 4.º ano B para os ensaios da festa de natal. Os alunos que não ensaiavam, tanto da turma A como da turma B, ficaram na sala com as minhas colegas de Estágio Profissional e comigo, a realizarem os trabalhos em atraso e as atividades propostas pelas docentes.

Inferências

Os testes são um dos procedimentos para avaliar o aluno. Estes “são uma oportunidade para os alunos demonstrarem o que sabem e regulam o processo de ensino-aprendizagem, dando feedback aos professores e aos alunos” (Pais e Monteiro, 1996, p. 64). Brown, Race e Smith (2000, p. 31) afirmam ainda que “o *feedback* que os alunos recebem ajuda-os a progredir”.

O professor e o aluno através deste ou de outro método de avaliação obtêm informação sobre os objetivos atingidos e conseguem realizar um balanço sobre as dificuldades sentidas em relação ao conteúdo avaliado.

A avaliação “ajuda-nos a clarificar quais os métodos particulares que melhor se adequam aos nossos objetivos, bem como identificar quem é que está em melhor posição para poder avaliar, e quando e onde fazê-lo” (Brown, Race e Smith, 2000, p. 30). Uma avaliação eficaz permite aos alunos saber onde residem os seus problemas, ajudando a melhorar a sua aprendizagem.

sexta-feira, 02 de dezembro de 2011

Neste dia só se encontrava no Jardim-Escola uma docente de cada ano de escolaridade, visto esta semana ser de roulement. Nós, estagiárias, ficámos na sala da professora Luísa Henriques, do 4.º ano A. Os alunos terminaram os trabalhos em atraso e, a pedido da docente, fizeram uma ficha do manual de Língua Portuguesa. As estagiárias realizaram alguns enfeites de natal para serem colocados na sala de aula.

segunda-feira, 05 de dezembro de 2011

Como se verifica todas as segundas-feiras, a docente deu a possibilidade às crianças de falarem sobre o fim de semana. Depois de as crianças o terem feito, realizaram um ditado de palavras. A professora solicitou a participação das minhas colegas e a minha para que ditássemos as palavras.

Após, foram realizados os ensaios para a festa de natal. A pedido da professora, nós, estagiárias, fizemos mascarilhas para as crianças utilizarem na peça de teatro.

Inferências

As crianças têm diversas dificuldades na aprendizagem da escrita, cometendo inúmeros erros na mesma, devido às diferentes formas de grafia e de sonorização das palavras. Como recorda Rebelo (1993, citado por Azevedo, 2000, p. 63), “o código escrito é arbitrário quanto à relação do signo gráfico com o signo linguístico, pois a um mesmo som não corresponde sempre a mesma grafia. Por outro lado, a uma mesma grafia podem corresponder vários fonemas”. Os docentes devem encontrar diversas estratégias e realizar diferentes exercícios que ajudem a desenvolver a escrita e a ultrapassar as dificuldades que as crianças e jovens sentem, sobressaindo neles o ditado. O ditado é o exercício base da aprendizagem da escrita.

terça-feira, 06 de dezembro de 2011

Esta manhã foi reservada para os ensaios da peça de teatro da festa de natal. As duas turmas estiveram reunidas com as duas docentes na sala de aula do 4.º ano B. A professora pediu às minhas colegas e a mim para criarmos os adereços necessários para a peça. Dirigimo-nos para a biblioteca, para realizarmos o que nos foi solicitado.

Inferências

Na festa de natal, como já referi anteriormente, haverá uma peça de teatro. A este propósito, é importante salientar a importância da expressão dramática no ensino, sendo um dos objetivos exigidos para o 4.º ano de escolaridade.

No Programa de Expressão e Educação Dramática do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 77) lemos que “a exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro”. Os projetos de expressão dramática requerem o auxílio de um adulto apoiando a criança. A principal finalidade é a da exploração da espontaneidade, comunicação, criatividade e autonomia da criança.

O Decreto-Lei n.º 34/80, de 2 de novembro, aponta, de modo muito preciso, os seguintes objetivos da Educação Artística (art. 2.º): “estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afectivo equilibrado” (citado por Sousa, 2003, p. 64). Outro dos objetivos apontados pelo mesmo Decreto de Lei refere-se ao ato de “promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global” (citado por Sousa, 2003, p. 64).

Para que todo esse desenvolvimento na criança se concretize, é necessário que a escola proporcione atividades artísticas como disciplinas integradas na sua organização curricular ou como atividades de tempos livres. Como afirma Béltran (2000, p. 135), “o desenvolver das Expressões Artísticas deveria ser um bem acessível a toda a Humanidade como meio de verdadeiro desenvolvimento e purificação da alma e do ser”. É fundamental que as expressões artísticas ganhem uma verdadeira importância nas escolas e na formação das crianças.

sexta-feira, 09 de dezembro, a quinta-feira, 15 de dezembro de 2011

Estas manhãs de estágio foram dedicadas aos ensaios e preparativos da festa de natal, para os quais, nós, estagiárias, colaborámos.

Inferências

Ao longo destes dias de ensaio para a festa de natal verifiquei um grande empenho, dedicação e trabalho de equipa entre o pessoal docente e não docente do Jardim-Escola João de Deus – Estrela. Como aponta Morgado (1997, p. 82) “os

múltiplos intervenientes e os seus diferentes papéis, torna imprescindível uma atitude de cooperação que julgamos poder ser entendida e assumida como um imperativo de natureza ética”. A existência de cooperação entre todos os elementos da escola na elaboração de qualquer projeto escolar vai ajudar e estimular o esforço individual de cada um.

sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Neste dia foi a festa de natal, que decorreu no ginásio da Escola Superior de Educação João de Deus – Estrela. Às 9h30min, o Pré-escolar, com as crianças do Bibe Amarelo, iniciou a sua atuação, seguindo-se o Bibe Encarnado e por fim o Bibe Azul. Após o almoço, a partir das 14h, deu-se início à festa de natal do 1.º Ciclo. Começou pela apresentação do Bibe Castanho, seguidamente o Bibe Azul – Claro, o Bibe Verde e, para finalizar, o Bibe Azul – Escuro. Desde o Pré-escolar ao 1.º Ciclo, as crianças iniciavam a sua atuação com músicas ensaiadas pelo docente Paulo Viana, professor de música do Jardim-Escola. Após cada atuação, as educadoras e professoras do respetivo ano encaminhavam-se para o Jardim-Escola para receberem os pais nas salas.

À noite, por volta das 20h, no salão do Jardim-Escola, decorreu o jantar de natal para os docentes, demais funcionários e para os estagiários.

Inferências

A escola é o lugar onde os professores, alunos, pais e outros familiares podem interagir livremente em diversos projetos, trabalhando em conjunto para um mesmo fim: a educação. Como refere Gervilla (2001, citada por Reis, 2008, p. 38), “a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança”. As vantagens de haver uma interligação escola-família são várias, destacando-se nelas "o desenvolvimento individual, a integração da criança no universo colectivo, a mediação entre ela e o mundo, entre ela e o conhecimento, a sua adaptação ao meio escolar, o relacionamento com todos os agentes educativos, a relação com os colegas” (Reis, 2008, p. 38).

Assim, a participação e envolvimento da família na educação dos seus filhos, nas atividades escolares e nas datas festivas, em particular – como foi o caso desta festa de natal, são necessários para o crescimento destes.

segunda-feira, 02 de janeiro de 2012

Este dia, o Jardim-Escola funcionou em roulement. As minhas colegas de estágio e eu estivemos presentes na sala da professora Luísa Henriques, da turma A do 4.º ano. O primeiro tempo da manhã foi preenchido com a realização de um jogo sobre a alimentação.

terça-feira, 03 de janeiro de 2012

A docente iniciou a manhã dialogando com as crianças sobre as férias de natal. Foi realizada a leitura, análise e interpretação de um texto poético, contido no manual escolar, intitulado “Ano Novo”, de Esther de Lemos, publicado no jornal infantil *Camarada*. A professora começou por fazer uma leitura modelo do poema, pedindo para as crianças lerem em voz alta. Após a leitura, as crianças fecharam o livro e a docente realizou novamente uma leitura, mas, desta feita, substituíu algumas palavras por outras; as crianças tinham de identificar as palavras incorretas. Depois do intervalo, continuaram o trabalho proposto pela professora.

Inferências

O mundo da poesia é muito rico. O professor é o iniciador das crianças neste mundo da literatura. O trabalho que realiza em torno da leitura de poesia deve ser lúdico, de grande prazer e entusiasmo. Já o poeta Antero de Quental (s.d., citado por Gomes, 1993) defendia que existe no espírito das crianças:

... tendências poéticas e uma verdadeira necessidade de ideal, que convém auxiliar e satisfazer, como elementos preciosos para a educação. ... A poesia é o ideal percebido instintivamente. É por tais motivos que a poesia constitui o instrumento por excelência acomodado para desenvolver, e até evocar, na alma infantil, ...o sentimento do bem e do belo. (p. 17)

A convivência, desde muito cedo, com um grande número de textos variados, como textos da tradição oral (contos, rimas, adivinhas, etc.), com narrativas e poesias, promove na criança o desenvolvimento do imaginário, o seu espírito criativo e hábitos de leitura. Cunha (1976, citada por Gomes, 1993, p. 35) considera saudável a “ideia de que não há limite exacto entre literatura infantil e de adulto: essa distinção, contudo, é ainda mais ténue no caso da poesia”. Mas Bordini (1986, citada por Gomes, 1993) contrapõe-se a esta ideia, advertindo ser impossível:

... sem a criança como destinatário, a poesia infantil, apesar do paradoxo, esquecer-se de seu alvo para poder agenciar o efeito poético que deverá provocar, caso não deseje trair um público confiante e incapaz de defender-se de contrafações. (p. 36)

Araújo (s.d., citado por Gomes, 1993, p. 38) diz-nos que a poesia para as crianças “é muito rara: ser para criança e não ser infantilizante, ser clara e secreta ao mesmo tempo, ser simples sem ser simplista”. A poesia não necessita de ser expressamente dirigida para a criança para que ela a receba e a compreenda, se for trabalhada de forma cuidada e de um modo lúdico, a criança, para além de desenvolver e “cultivar” o seu campo linguístico e semântico, desenvolve o vocabulário e poderá tornar-se um leitor competente. De todo o modo, há a ter em consideração que os poemas escritos propositadamente para crianças, como é o caso do poema “Ano Novo”, de Esther de Lemos, têm hipótese de ser mais facilmente compreendidos pelo público infantil.

Quanto ao jogo de substituição das palavras do poema que a professora realizou com os alunos, ele foi do agrado das crianças e desenvolveu nelas a concentração que exercícios deste tipo provocam.

sexta-feira, 06 de janeiro de 2012

A pedido da professora, a aula foi dada pelas minhas colegas de estágio e por mim, com o intuito de abordar o Dia dos Reis.

A colega Mónica iniciou a manhã com Língua Portuguesa, tendo feito a leitura de um texto sobre esta temática. Fez a exploração do mesmo, ao nível da interpretação e da gramática. Após a aula de Língua Portuguesa, a aula de Expressão Plástica foi dada por mim. Cada criança decorou uma coroa com os materiais que tinham a seu dispor e materiais que eu trouxera de casa. Na aula de Matemática, a colega Marta realizou situações problemáticas não rotineiras e, de seguida, as crianças realizaram um jogo com a minha colega de Estágio Profissional Ana A. Este jogo baseava-se em imagens, que eram colocadas na cabeça de uma criança com a temática da aula prevista para este dia. Os demais alunos iam dizendo “sim” ou “não” de acordo com as questões do/a colega que tinha a imagem na cabeça.

Inferências

A expressão plástica tem um papel primordial na educação estética da criança. Através dela, a criança exterioriza os seus sentimentos, sensações, desejos e medos. Como defende Read (s.d., citado por Reis, 2003, p. 116), “a expressão livre ou espontânea é a exteriorização sem constrangimento das actividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição”. A exploração livre não só contribui na criança para desenvolver a sua criatividade e imaginação como possibilita o desenvolvimento da destreza manual, a descoberta da natureza evolutiva de volumes e superfícies.

É necessário deixar a criança expressar-se de forma livre, com os seus próprios sentimentos e ânsias, sem intervir no seu trabalho, e no seu “eu”.

No Programa de Expressão e Educação Plástica do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 89) assinala-se que “a possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista”. Assim, é proveitoso criar momentos em sala de aula onde a criança possa expressar-se livremente, através da expressão plástica ou de outras expressões, sem recurso à linguagem verbal ou escrita.

segunda-feira, 09 de janeiro de 2012

Hoje tive a minha aula programada, com a duração de 60 minutos, tendo sido avaliada pela professora titular e pela professora Supervisora Isabel Ruivo.

O tema por mim abordado em Língua Portuguesa foi a relação fonética e gráfica das palavras (relação de homonímia). Como suporte, para os alunos acompanharem a explicação, apresentei um *powerpoint* e uma ficha informativa.

Na aula de Matemática, falei sobre a potência de um número natural, tendo novamente como suporte o *powerpoint* e material manipulável Cuisenaire.

Na área de Estudo do Meio, abordei a sublimação, fenómeno físico de uma substância, explorando o conceito através do *powerpoint*. Realizei uma experiência de forma a analisar e sintetizar a matéria abordada.

Inferências

Durante a reunião com as professoras Supervisoras de Estágio Profissional, foram focados aspetos relevantes para o crescimento e enriquecimento da minha aprendizagem como futura docente.

Da minha aula, devo ressaltar o facto de me ter sido apontado pela professora Supervisora que, na área curricular de Matemática, iniciei a explicação sobre a potência de um número natural com um exercício de grau de dificuldade elevado, acabando por dificultar a aprendizagem das crianças. Ponte e Serrazina (2000, p. 14) afirmam que os alunos “frequentemente, já [vêm] com uma atitude negativa em relação à matemática”. Por isso mesmo, é necessário, quando se está a introduzir um conteúdo programático novo, iniciá-lo com exercícios fáceis para que todas as crianças cheguem ao resultado com certeza do que estão a realizar.

A realização de atividades em que o aluno se sinta integrado e motivado permite que este aprenda com maior autonomia e facilidade e se esforce para ultrapassar os seus obstáculos e dificuldades. Como nos refere Zabala (2001, citado por Coll *et al.*, 2001) promover a atividade mental autoestruturante possibilita:

...o estabelecimento de relações, a generalização, a descontextualização e a actuação autónoma, implica que o aluno compreenda o que faz e por que razão o faz, e que tenha consciência, a qualquer nível, do processo que está a seguir (...).
(p. 183)

Em relação às outras áreas curriculares (Língua Portuguesa e Estudo do Meio), segundo opinião da professora titular e da professora Supervisora Isabel Ruivo, foram alcançados os objetivos pretendidos na aprendizagem dos diversos conteúdos, havendo pequenos “pontos” a melhorar.

Em suma, nestas duas áreas curriculares a aula correu bem, processando-se com um fio condutor e coerência. Os alunos mostraram-se empenhados e motivados, evidenciando-se na participação.

terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Durante o primeiro momento da manhã, pude observar a aula da minha colega de Estágio Profissional, Patrícia R., aula que teve por tema o “Dia dos Reis”. A colega

fez com os alunos um bolo-rei. Seguidamente abordou o conceito de receita, como um género de texto.

Depois do recreio, a professora pediu-me para consolidar o conteúdo programático de Matemática, potência de um número natural, explorando a ficha informativa entregue na segunda-feira, 9 de janeiro de 2012. Foram realizados exercícios de forma a esclarecer algumas dúvidas.

sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Ao chegarmos à sala de aula, a docente propôs a uma colega de Estágio Profissional, Ana A., que realizasse com os alunos uma construção com o 5.º Dom de Fröbel. A minha colega realizou o “centro comercial”.

A professora explorou aquela construção, abrangendo as três áreas curriculares. Depois de explorada a construção, a docente pediu uma voluntária para realizar outra construção. Foi feita a igreja, pela colega Marta, e a docente, novamente, trabalhou com os alunos, realizando situações problemáticas.

Após o recreio, foi apresentada pela professora a subclasse dos verbos.

Inferências

O material estruturado designado por Dons de Fröbel foi criado pelo alemão Friedrich Fröbel (1782-1854). De acordo com Caldeira (2009), os dons são extraordinários veículos para enaltecer:

... o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias. É durante a interacção criança/ criança ou criança/ jardim-de- infância, que surge a verdadeira magia de aprender crescendo, levando a criança a compreender e a apreciar o mundo que a rodeia. (p. 241)

A escola tem como função ajudar os alunos a desenvolver as suas capacidades e competências. Aberkane e Berdonneau (1997) afirmam:

... para lidar com a matemática é, antes de tudo, oferecer à criança a oportunidade de agir, e posteriormente levá-la a reflectir acerca de suas ações: reviver em pensamentos os acontecimentos que acabaram de se desenvolver, antecipar o que poderia vir a acontecer, procurar, prever (...). (p. 4)

A utilização de materiais contribui para a criança refletir acerca da ação que está a realizar, existindo, por vezes, momentos de aprendizagem individual e desenvolvendo-se a autonomia e o sentido crítico. Através dos materiais manipuláveis, o docente consegue realizar e criar diversas situações, com o intuito de abordar diferentes conteúdos programáticos.

O 5.º Dom de Fröbel é formado por vinte e um cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos. Encontram-se dentro de uma caixa de madeira em forma de cubo (9,5cm x 9,5cm x 9,5cm).

Nos Dons Fröbel existem 7 construções predefinidas, sendo elas: a casa, o armazém, a igreja, as colmeias, o cruzeiro, o poço e o sofá. O centro comercial que foi apresentado pela minha colega, bem como a viola, o castelo, o pinheiro e o colégio foram criados recentemente, na disciplina de Materiais de Matemática da Escola Superior de Educação João de Deus.

segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

Esta manhã foi reservada para a minha colega de Estágio Profissional, Mónica, dar a sua aula, proposta pela professora titular. A colega iniciou a aula com a área curricular de Língua Portuguesa, abordando as preposições. Apelou à leitura de um texto narrativo, realizando com os alunos a respetiva análise e interpretação. Desenvolveu o conteúdo programático correspondente à sua aula e para consolidação da matéria foi realizada uma ficha formativa. Na área de Estudo do Meio, falou sobre o sistema solar, com o apoio de suporte informático. Realizou com os alunos uma ficha formativa. Na área de Matemática, falou sobre os múltiplos de um número inteiro. Os alunos fizeram novamente uma ficha formativa e, para terminar, realizou um jogo.

terça-feira, 17 de janeiro de 2012

A pedido da professora titular, a aula foi dada pela minha colega de Estágio Profissional, Marta, que iniciou a aula com a leitura modelo de um texto intitulado “Terra bizarra”. Pediu aos alunos a leitura do texto e, explorou o mesmo ao nível da interpretação e gramática. Abordou os advérbios de predicado através de suporte informático. De seguida, solicitou a leitura da ficha formativa e, realizou-a, com os

alunos. Na área de Estudo do Meio, e para criar interdisciplinaridade com Língua Portuguesa, pegou numa frase do texto e explorou os conhecimentos gerais dos alunos sobre os movimentos do planeta terra. Apresentou, através de suporte informático, a explicação sobre os movimentos da terra, podendo-se visionar um filme sobre o mesmo conteúdo. Selecionou dois alunos, para que exemplificassem os movimentos do planeta terra: um estava parado no mesmo local, rodando sobre si mesmo; o outro girava sobre si mesmo em torno do colega. Na área da Matemática, iniciou a aula distribuindo o material didático Cuisenaire. Propôs uma situação problemática, para explicar os divisores de um número.

sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

A docente informou, no início da aula, que o recreio iria ser mais cedo, pois, às 11h, os alunos do 1.º Ciclo do Jardim-Escola tinham de se dirigir para o ginásio, para assistir a uma formação sobre a higiene oral.

Depois, pediu a dois alunos que distribuíssem pelos colegas as caixas do Cuisenaire. A professora trabalhou com os alunos diversos conteúdos, utilizando diferentes estratégias e exercícios, para que as minhas colegas de Estágio Profissional e eu pudéssemos observar.

A professora solicitou às minhas colegas e a mim para inventarmos cinco palavras para dizermos às crianças. Os alunos dividiram-se em cinco grupos, ficando cada grupo com uma estagiária e um grupo com a professora, com o intuito de se realizar a correção ortográfica das palavras por nós escolhidas.

Inferências

A sala de aula é o espaço decisivo no processo de ensino-aprendizagem da Matemática. A condução da aula envolve diversos conhecimentos profissionais. O professor precisa de ter uma boa comunicação e capacidade de argumentação para realizar os exercícios com coerência. Necessita de saber como se realiza a aprendizagem dos seus alunos, “bem como os aspectos afectivos e culturais envolvidos na construção do conhecimento matemático” (Ponte, Lopes, Moreirinha e Salvado, 1997, p. 1). O

docente deve utilizar diversas estratégias e exercícios, que motivem os seus alunos e apelem ao seu interesse e participação.

Tivemos oportunidade de comprovar, através da exemplificação feita pela professora da turma, como a utilização de materiais manipuláveis para abordar diferentes conteúdos programáticos da Matemática ajuda a desenvolver nos alunos as suas capacidades matemáticas. Como é dito no Programa de Matemática do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2007, p. 5), cabe ao professor “promover a aquisição de informação, conhecimento e experiência em Matemática e o desenvolvimento da capacidade da sua integração e mobilização em contextos diversificados”.

As diversas estratégias e exercícios com material manipulável Cuisenaire foi essencial para a aprendizagem dos alunos, como para a nossa própria aprendizagem, como futuras docentes.

segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

A professora iniciou a manhã conversando com os alunos sobre o fim de semana. Às 9h45min., a docente solicitou que nos dirigíssemos para uma das salas do 1.º Ciclo do Jardim-Escola, pois esta manhã tinha sido dispensada para a realização de aulas “surpresa” pelas professoras de Estágio Profissional. Dirigimo-nos para a sala do 3.º ano onde foi pedido a uma colega que realizasse com os alunos a interpretação de um texto e a análise gramatical do mesmo.

Após esta aula, a professora de Estágio Profissional pediu a uma das minhas colegas de grupo, Ana A., para realizar, na sala de aula onde nos encontrávamos, uma construção com o 5.º Dom, e uma situação problemática em torno dessa mesma construção. Fez com os alunos o “centro comercial” e o exercício realizado tinha como tema as percentagens.

Terminadas as aulas, deslocámo-nos para a biblioteca, onde nos reunimos com as professoras de Estágio Profissional e com as professoras titulares, a fim de analisarmos e refletirmos sobre as aulas dadas.

terça-feira, 24 de janeiro de 2012

No primeiro momento da manhã, a minha colega Ana A. repetiu a aula que havia dado na manhã anterior (23 de janeiro de 2012), sobre as percentagens.

Após o intervalo, a docente propôs à minha colega de Estágio, Mónica, para fazer com as crianças uma revisão da classe dos verbos no modo indicativo, imperativo e conjuntivo.

sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Hoje, uma colega de Estágio Profissional, Marta, teve aula “surpresa”. Foi-lhe pedido que abordasse a classe dos verbos no modo condicional.

Depois do intervalo, a meu pedido, a docente cedeu a segunda parte da manhã para a elaboração de uma construção criada por mim, com o 5.º Dom de Fröbel. Após a construção realizei com os alunos situações problemáticas não rotineiras.

Inferências

No que diz respeito à minha aula, foi interessante ter realizado a construção com o 5.º Dom de Fröbel com os alunos, pois nunca o tinha feito. A minha prática em relação ao manuseamento deste material é mínima, mas esta vai-se adquirindo ao longo do tempo. A manipulação deste material (ou de qualquer outro material manipulativo) requer muito treino, mas, sabendo manuseá-lo, dá para trabalhar diversos conceitos com os alunos.

Depois de refletir sobre a minha aula, constatei que ela foi essencial, pelo facto de estar em aprendizagem e poder melhorar em diversos pontos. Como tinha estudado os Dons de Fröbel pelo volume *Aprender matemática de uma forma lúdica*, de Maria Filomena Caldeira, senti-me mais à vontade para aplicar os Dons. Zeichner (1993, p. 21) considera que “a prática de todo o professor é o resultado de uma ou outra teoria, quer ela seja reconhecida ou não”. É necessário cruzar as leituras teóricas feitas com o exercício prático, refletir sobre as aulas que vemos a serem dadas e as aulas dadas por nós, para que, futuramente, sejamos bons profissionais.

terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Esta manhã foi agendada para as aulas programadas e aulas “surpresa” avaliadas pelas professoras de Estágio Profissional. As minhas colegas e eu fomos assistir à aula programada do 1.º ano. Esta aula teve a duração de 60 minutos, tendo como temas: na área curricular de Língua Portuguesa, “a Lenda”; na Matemática, a adição com transporte, utilizando o material manipulável Calculadores Multibásicos; na área de Estudo do Meio, o fruto do Guaraná.

Após a aula, a professora Supervisora Paula Colares Pereira solicitou a uma colega do 4.º ano que abordasse a divisão com dois algarismos no divisor.

Depois das aulas dadas pelas colegas, procedeu-se à habitual reunião com as professoras Supervisoras e as professoras titulares.

sexta-feira, 03 de fevereiro de 2012

A manhã iniciou-se com a leitura do livro escolhido para o 2.º período, intitulado *As bruxas*, de Roald Dahl. Enquanto a docente lia algumas páginas do livro, os alunos seguiam a leitura no lugar.

Seguidamente, a docente propôs à minha colega Patrícia R. que realizasse a correção de uma ficha de trabalho de Matemática, sobre as medidas de massa.

Após o intervalo, a professora distribuiu trabalho aos alunos e, enquanto estes o realizavam, as minhas colegas e eu tivemos uma pequena reunião com a docente, para comentar as aulas dadas por nós anteriormente.

Inferências

O Estágio Profissional constitui como um polo formativo de maior interesse para os futuros docentes, pois permite adquirir, de acordo com Mesquita (2011, p. 58), “*habilidades do ofício na companhia de práticos experientes*”. O futuro docente deve refletir com o prático mais experiente sobre os seus conhecimentos, as suas competências, as suas capacidades para ensinar e as suas qualidades intelectuais e pessoais para no futuro se tornar num profissional competente.

A reflexão e a autoavaliação das práticas realizadas são “exercícios” importantes para pensar sobre o trabalho realizado e perceber os méritos alcançados e as dificuldades sentidas. Segundo Graça *et al.* (2011, p. 95), a autoavaliação do desempenho realizado é “um processo introspetivo no qual o observador e o objeto de estudo são a mesma entidade”. As reuniões realizadas durante o Estágio Profissional contribuem para envolver o avaliado no processo de avaliação, estimula a capacidade de autoanálise, incentiva a melhoria das práticas profissionais, ajuda a refletir sobre a natureza e o tipo de estratégias utilizadas e a tomar consciência sobre as nossas limitações.

segunda-feira, 06 de fevereiro de 2012

Manhã de aula lecionada por mim³.

Iniciei na área curricular de Estudo do Meio, que tinha como conteúdo a abordar a Lua (fases e movimentos). Em paralelo, tinha um vídeo com a explicação do conteúdo a abordar e uma atividade experimental, para mostrar as fases da Lua.

Na área curricular de Matemática, abordei a classificação de triângulos quanto à amplitude dos ângulos, realizando um pequeno exercício de descoberta.

Por último, na área curricular de Língua Portuguesa, falei sobre o texto dramático. Comecei por distribuir um texto dramático a cada aluno, solicitando a dois alunos que dramatizassem o mesmo para os colegas. Expliquei as características deste tipo texto, consolidando esta informação com um pequeno exercício.

terça-feira, 07 de fevereiro de 2012

Esta manhã estava reservada para a aula da colega de Estágio Profissional, Ana A., mas a docente, por motivos de saúde, não conseguiu estar presente. A aula ficou adiada para 08 de fevereiro.

Na primeira parte da manhã, os alunos estiveram com a professora Ana Maria Virtuoso, diretora do Jardim-Escola. A docente começou por ler um texto do manual escolar, pedindo, de seguida, para os alunos o lerem. Após a leitura, foi realizada a

³ Esta aula será comentada na Parte II, no capítulo 2 – Planificações fundamentadas.

interpretação e a análise gramatical do texto. Depois do intervalo, os alunos estiveram com a professora Maria a realizar exercícios de Matemática.

quarta-feira, 08 de fevereiro de 2012

No dia 30 de janeiro de 2012, por motivos pessoais, não pude comparecer à manhã de estágio profissional, tendo-a compensado neste dia. No decorrer desta manhã pude observar uma aula dada pela minha colega de estágio Ana A.

Primeiramente, a Ana iniciou a sua aula na área curricular de Língua Portuguesa. Falou sobre a relação de palavras – palavras homógrafas e homófonas, utilizando como suporte para a explicação do conteúdo o *powerpoint*. Os alunos realizaram uma ficha de trabalho. Posteriormente, a Ana dialogou com os alunos sobre o perímetro do círculo. Finalizou esta área curricular de Matemática com a realização de uma proposta de trabalho. Na área curricular de Estudo do Meio, falou sobre os vulcões, elaborando uma atividade experimental.

sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Durante esta manhã, observei a aula lecionada pela minha colega Patrícia R. Na área curricular de Língua Portuguesa, a Patrícia dialogou com os alunos sobre os grupos frásicos, nomeadamente sobre o grupo preposicional e o grupo adverbial. Efetuou uma atividade coletiva de consolidação da matéria abordada. Na área de Matemática, abordou a área do círculo, começando por explicar a origem da fórmula para calcular a área. Realizou um exercício de consolidação com os alunos. No âmbito do Estudo do Meio, domínio da História de Portugal, abordou a evolução da bandeira de Portugal até aos nossos dias, explicando o conteúdo através de imagens.

3. Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

Entre 27 de fevereiro e 02 de março de 2012, o meu Seminário de Contacto com a Realidade Educativa decorreu no Jardim-Escola João de Deus-Estrela, junto do 3.º ano (faixa etária dos 8 anos), turma B, cuja professora titular é a Joana Garcia.

3.1. Relatos Diários

segunda-feira, 13 de fevereiro de 2012⁴

Na primeira parte da manhã, os alunos realizaram teste de Língua Portuguesa.

Após o recreio, a docente realizou com os alunos exercícios de medidas de comprimento.

Inferências

Os seres humanos, durante séculos, efetuaram medições de comprimento com base em unidades de medida que tinham por referência algumas dimensões do corpo humano. Assim, os passos, as polegadas, os palmos, os pés são exemplos de unidades determinadas a partir do corpo humano e “são designadas unidades de medida antropométricas” (Grosso, 2004, p. 58).

Até ao final do século XVIII, as unidades de medida variavam de país para país, ou até de cidade para cidade ou de aldeia para aldeia, o que dificultava o desenvolvimento do comércio. Devido à Revolução Francesa, no final do século XVIII (1789), guiada pelos valores da Liberdade, Fraternidade e Igualdade, a França tem um contexto social favorável à definição de uma unidade de medida, aparecendo assim o *metro* (unidade de comprimento). Segundo Grosso (2004), o metro, como unidade de comprimento, é:

... pouco adequado para efectuar medições de comprimentos muito pequenos ou muito grandes. Não medimos o comprimento de um lápis em metros, embora isso

⁴ Apesar de o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa ser iniciado em 27 de fevereiro, como referido na Introdução, tive necessidade de compensar dias de estágio; 13 e 24 de fevereiro foram os primeiros dois dias de horas extra destinados a esta compensação.

seja possível e também será pouco apropriado expressar a distância entre duas capitais europeias em metros. Consequentemente, são estabelecidos em sistema decimal, submúltiplos e múltiplos do metro na relação de 1 para 10. (p. 63)

O docente deve despertar na criança a curiosidade pela importância de existirem diferentes unidades de medidas, realizar medições, tentando arranjar meios e utensílios para ajudar os alunos a perceber a utilidade prática da matemática na vida do dia-a-dia. Na aula a que assisti, as medições feitas visavam o adquirir dessa noção matemática.

sexta-feira, 24 de fevereiro de 2012

A docente iniciou a manhã realizando a leitura modelo do texto “Histórias de Carnaval”, contido no manual escolar. Depois de ter realizado a leitura, a professora pediu aos alunos para lerem o texto, com o objetivo de os avaliar. Posteriormente, foram realizadas perguntas de interpretação e um exercício escrito sobre o texto.

Depois do recreio, a docente abordou o sistema monetário.

Inferências

A criança deve valorizar aquilo que é património do país e conhecer a moeda que compõe o sistema monetário europeu. Assim sendo, o docente deve trabalhar o sistema monetário na área curricular de Matemática, pois a criança cria e desenvolve a noção do valor dos objetos e das coisas e aprende a dar importância de se juntar e economizar. É necessário que o professor explore e construa um saber matemático nas crianças, que ficará por toda a vida, como são os casos do sistema decimal de numeração, composição e decomposição, comparação, além das quatro operações aritméticas.

No Programa de Matemática do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2007, p. 15), podemos ler que “o ensino e a aprendizagem dos números e operações, neste ciclo, deve tomar como ponto de partida situações relacionadas com a vida do dia-a-dia”. A construção gradual do conceito de número, o conhecimento do sistema de numeração decimal e o domínio das operações aritméticas elementares são dos aspetos mais relevantes da aprendizagem da Matemática no 1.º Ciclo.

Trabalhar o conceito de número, o domínio das operações aritméticas e a compreensão do sistema de numeração decimal pode ser uma atividade bastante atrativa para os alunos, através da manipulação de materiais, não sendo necessário o uso de manuais escolares.

segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

A docente entregou o teste de avaliação de Língua Portuguesa e realizou com os alunos a respetiva correção. Seguidamente, na área curricular de Matemática foram realizados exercícios de aplicação.

Após o intervalo do almoço, os alunos tiveram Expressão Plástica e Inglês. Nesta última disciplina, os alunos realizaram apresentações orais dos trabalhos propostos pela professora.

Inferências

A aprendizagem e o conhecimento do(a) Inglês (Língua Inglesa) é essencial nos dias de hoje, pois esta é considerada uma língua universal. As crianças têm diariamente contacto com o Inglês, na televisão, nos jogos de computador, em livros e revistas, em anúncios publicitários em *outdoors*, sendo por isso importante a aprendizagem tanto ao nível escrito como ao nível oral.

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve ser acompanhada de variadíssimos materiais, que desperte o interesse dos alunos e os motive, de forma a que aprendam efetivamente aquilo que é preciso ser aprendido. Azenha (1997, p. 8) diz que “a função do professor é criar condições para que os alunos aprendam, propondo-lhes actividades de aprendizagem variadas e motivantes”. Os alunos aprendem muitas coisas e certamente de muitas maneiras, mas têm de se sentir motivados, pois não existe aprendizagem sem motivação.

Azenha (1997, p. 12) diz-nos ainda que, quando “os alunos começam a aprender uma língua estrangeira, o factor novidade constitui, só por si, uma motivação preciosa. ... O professor tem o dever de não deixar esmorecer essa motivação natural e de não defraudar expectativas”. É necessário, portanto, dar segurança aos alunos, na

aprendizagem de uma nova língua e a introdução do ensino do inglês no 1.º Ciclo vai preparando a geração futura para o domínio desta língua.

terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

Logo a seguir à entrada na sala, a professora distribuiu uma ficha a cada aluno, com exercícios de aplicação de Matemática. Posteriormente, realizou com os alunos a leitura e interpretação oral do texto “O colar de esmeraldas da princesa Esmeralda”, de António Torrado. O texto foi entregue aos alunos numa fotocópia.

O período da tarde foi dedicado à área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal. Foi solicitada aos alunos a leitura de algumas páginas do manual de História de Portugal e que sublinhassem o mais importante dessas mesmas páginas.

Inferências

António Torrado nasceu em Lisboa, em 1939. Poeta, ficcionista, dramaturgo, autor de textos de reflexão pedagógica, este autor é, por excelência, um contador de histórias, estando muitos dos seus livros e contos traduzidos em várias línguas. Impôs-se como uma das figuras de maior relevo da nossa literatura do pós 25 de abril e dificilmente se encontrará um autor que saiba combinar em livro o humor, a crítica e os sinais de um profundo conhecimento do imaginário infantil. Acerca do escritor, Veloso (1995) afirma:

... António Torrado cria um fantástico cheio de humor dirigido penetrantemente à sensibilidade e à inteligência da criança. Esta diverte-se efectivamente com os seus textos, apoderando-se deles, porque o humor e o calor humano ali presentes respondem a necessidades profundas que têm a ver com a progressiva apreensão do mundo. (p. 35)

O conto “O colar de esmeraldas da princesa Esmeralda”, por meio do humor, acaba por jogar com os valores essenciais da liberdade de expressão e do respeito pela diferença, como sucede, aliás, na restante obra do escritor.

quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012

Durante a primeira parte da manhã, a docente propôs aos alunos a elaboração de um pequeno texto escrito. De seguida, distribuiu uma ficha de trabalho com diversas situações problemáticas.

Após o intervalo do almoço, a professora realizou um jogo com os alunos, onde trabalhou o cálculo mental.

Inferências

O cálculo mental caracteriza-se pela busca de procedimentos alternativos para a realização de cálculos mais rápidos, sem a utilização de lápis e papel.

No Programa de Matemática do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2007, p. 12), é expressamente referido que o cálculo mental tem de ser desenvolvido “desde o início do 1.º ciclo e está intimamente relacionado com o desenvolvimento do sentido de número. Existem múltiplas situações no dia-a-dia da sala de aula que permitem trabalhá-lo”.

Na aprendizagem da Matemática, o mais importante é a atividade mental a desenvolver nos e pelos alunos. Berbaum (1992, citado por Caldeira, 2009, p. 11) defende que “ajudar a aprender melhor implica que o formador saiba em que é que consiste a aprendizagem”. Também o Programa de Matemática do Ensino do Básico do 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2007, p. 12) especifica que uma boa capacidade de cálculo permite aos alunos “seguirem as suas próprias abordagens, usarem as suas próprias referências numéricas e adoptarem o seu próprio grau de simplificação de cálculos, permite-lhes também desenvolver a sua capacidade de estimação e usá-la na análise da razoabilidade dos resultados dos problemas”.

O trabalho de cálculo mental, hoje observado através do jogo, possibilita que a criança trabalhe com o número livremente e incentive-a a explicar o seu raciocínio, permitindo a consolidação de conhecimentos.

quinta-feira, 01 de março de 2012

Neste dia, a professora iniciou a manhã realizando com os alunos algumas situações problemáticas. Depois, a docente abordou os advérbios (de tempo, lugar e modo).

Após o almoço, os alunos tiveram Inglês e Educação Física.

Inferências

O ser humano deve ser educado no sentido de melhorar e de se conhecer a si próprio, de melhorar e compreender o mundo que o rodeia e de realizar diferentes tarefas, de forma a melhorar o seu estilo de vida. É através do movimento que o ser humano comunica, age e transforma o mundo que o rodeia.

Assim, é fundamental que os alunos tenham Educação Física, pois, segundo Jesus (2002), a Educação Física serve para:

... desenvolver a mente, conviver e colaborar com os amigos, conhecer os pontos fortes e fracos, ter iniciativa e responsabilidade, saber enfrentar dificuldades, ... cumprir regras, serve para facilitar a educação corporal, desenvolver os músculos, desenvolver as articulações, melhorar o funcionamento dos pulmões, melhorar o funcionamento do coração, melhorar a atitude corporal, desenvolver ritmo e expressão corporal e ensinar as técnicas de base. (p. 12)

A aprendizagem motora torna-se, portanto, um fator decisivo para a compreensão do mundo por parte da criança, bem como para a sua integração no mesmo.

sexta-feira, 02 de março de 2012

Esta foi a “manhã dos pais”, ou seja, os pais vieram à escola assistir às atividades escolares dos filhos.

A professora iniciou a manhã realizando com os alunos um ditado lacunar. Este ditado tinha como objetivo que os alunos preenchessem os espaços de acordo com a canção que estavam a ouvir, a partir do rádio. A docente ditou as palavras que não estavam na ficha. Seguidamente, os alunos foram para a Biblioteca com a professora Susana Garcia. A docente leu o livro intitulado *E tu, gostas de histórias?*, de Sílvia

Alves. Pediu para os alunos inventarem um novo final para a história e para o ilustrarem.

Após o intervalo, os alunos realizaram algumas situações problemáticas com o auxílio da professora. Antes de irem almoçar, tiveram Música com o professor Paulo Viana.

Durante o período da tarde, os alunos realizaram uma ficha de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal sobre D. Sancho I.

Inferências

As atividades que a escola promove são realmente importantes e vantajosas para que exista relação entre os docentes e os Encarregados de Educação. A família e a escola têm na educação da criança um lugar de encontro, de ação e de relação coordenadas. Ou seja, a ação educativa dos pais e da escola, de acordo com Diez (1989, p. 9), “pode ser coincidente ou complementar, em todas as dimensões da pessoa, segundo os aspectos que importa educar em cada caso concreto, contudo devem ser sempre acções incidentes, já que recaem no mesmo educando”. Vasconcelos (s.d., citado por Pereira, 2010, pp. 72-73) também afirma que “... as relações escola família não podem ser vistas em termos de poder/ competências, mas apenas numa perspectiva de colaboração mais profunda, a parceria”. Ao existir participação, colaboração, empenho entre o docente e o Encarregado de Educação na vida da criança, esta sentir-se-á apoiada e confiante no decorrer do seu percurso escolar.

4. Estágio Profissional no 3.º ano B

Entre 05 de março e 27 de abril de 2012, o meu Estágio Profissional decorreu junto do 3.º ano (faixa etária dos 8 anos), turma B, cuja professora titular é a Joana Garcia.

4.1. Caracterização da turma

A turma do 3.º ano é constituída por vinte e seis alunos, sendo catorze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Uma das alunas tem nove anos. Entrou para a turma uma criança nova, que não tinha frequentado nenhum dos Jardins-Escola João de Deus. Três alunos faltam algumas vezes à escola.

Em termos socioeconómico, a turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na sua profissão. Em termos culturais, a turma é interessada pelo ambiente que a rodeia. São crianças dedicadas e interessadas, mas um pouco faladoras.

No geral, esta é uma turma homogénea, a nível do rendimento e aproveitamento escolar. A maioria dos alunos realiza as tarefas escolares pedidas em sala de aula. Neste momento, três alunos usufruem do apoio individualizado. A partir dos testes diagnósticos, foi possível tirar as seguintes conclusões: Na área curricular de Matemática, a turma apresentou maiores dificuldades na leitura de números por ordens e classes, na resolução de situações problemáticas e na realização do algoritmo da divisão. Na área curricular de Língua Portuguesa, a turma comete muitos erros de ortografia e apresenta dificuldades na produção de textos escritos.

4.2. Caracterização do espaço

A sala de aula do 3.º ano B encontra-se no piso superior do Jardim-Escola. A sala é ampla, com tetos altos, e luminosa. Uma das paredes tem três janelas grandes. No lado oposto, há uma parede com placares que tem os trabalhos realizados pelos alunos e encontra-se a porta.

As mesas onde os alunos se sentam encontram-se direcionadas para o quadro interativo. A secretária da professora está posicionada perpendicularmente às mesas dos alunos.

Na sala existe dois móveis para arrumar os dossiês dos alunos e os da professora e uma estante com material escolar e trabalhos dos alunos.



Figura 5 – *Sala de aula do 3.º ano*

4.3. Horário

O horário do 3.º ano B é o que a seguir se transcreve.

Visto que entre 05 de março e 27 de abril de 2012 fiz três semanas de Estágio Intensivo para compensar o número de horas a que iria ter de faltar (como expliquei no início deste Relatório), tive oportunidade de assistir a dias completos de aulas – o que foi muito enriquecedor para mim.

Quadro 6 - Horário do 3.º ano

(Horário sujeito a alterações)

3º ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00- 9:50					
10:00-11:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:00-11:30					
11:30-12:00					
12:00-13:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13:00-14:30					
14:30-15:20	Estudo do Meio	Estudo do Meio (Clube de Ciências) (14:30 – 15:20)	Hora do conto (14:30 – 14:45)	Formação Pessoal e Social (14:30 – 15:00)	Estudo do Meio
15:20-16:10			Expressão Artística	Educação Física	Educação Musical
16:10-17:00	Formação Pessoal e Social (16:00-17:00)	Estudo do Meio	Biblioteca/ Informática (16:00-17:00)	Estudo Meio	Inglês
17:00-17:15	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

4.4. Rotinas

As rotinas observadas no 3.º ano B são idênticas às praticadas e descritas anteriormente a propósito das demais turmas onde estagiei.

4.5. Relatos diários**segunda-feira, 05 de março de 2012**

Ao chegar à sala de aula, a docente começou por distribuir os dossiês e os trabalhos realizados pelos alunos para serem colocados nos mesmos.

Durante o período da manhã, a professora realizou a leitura do conto “A princesa e a ervilha”, de Hans Christian Andersen. Distribuiu uma fotocópia deste conto aos alunos. Solicitou que os alunos fizessem a leitura do texto e realizou um exercício ortográfico. Posteriormente, foi feita a correção dos trabalhos de casa da área curricular de Matemática.

Durante a tarde, os alunos ouviram uma história, lida pela professora, do livro *O menino que não gostava de ler*, de Susana Tamaro. De seguida, tiveram Expressão

Plástica e Estudo do Meio. A área curricular de Estudo do Meio foi destinada à apresentação de trabalhos de grupos.

Inferências

Todos nós pertencemos a um grupo. Um grupo, segundo Minicucci (1987, p. 20), é entendido como um “processo de interacção entre pessoas que se influenciam reciprocamente. Num grupo, cada uma das pessoas ajuda as outras e é apoiada por elas”.

A escola deve procurar que todos tenham êxito, e a forma mais eficaz de o procurar ter é, na verdade, empreendendo a aprendizagem cooperativa. De acordo com Freitas e Freitas (2002), quando os alunos trabalham em grupo verifica-se:

... uma melhoria das aprendizagens na escola; melhoria das relações interpessoais; melhoria da auto-estima; melhoria das competências no pensamento crítico; maior capacidade em aceitar as perspectivas dos outros; maior motivação intrínseca; maior número de atitudes positivas para com as disciplinas estudadas, a escola, os professores e os colegas; menos problemas disciplinares, dado existirem mais tentativas de resolução dos problemas de conflitos pessoais; aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros; menor tendência para faltar à escola. (p. 21)

Assim, acredita-se que as atividades são mais produtivas e aceitáveis quando são desenvolvidas por um grupo, como um todo, do que quando são feitas apenas por um só indivíduo. O docente deve fomentar o trabalho em grupo, ou seja, lutar por uma aprendizagem cooperativa para desenvolver o sucesso dos seus discentes, como assisti hoje na aula de Estudo do Meio.

terça-feira, 06 de março de 2012

A professora iniciou a manhã com a leitura e interpretação escrita de um livro de Alice Vieira, *Graças e desgraças da corte de El-rei Tadinho...* Seguidamente, foram realizados exercícios de Matemática.

Após o recreio do almoço, a docente solicitou aos alunos a leitura e resolução de exercícios do manual de Estudo do Meio.

Inferências

Ler para as crianças ajuda-as a crescer não só intelectualmente como ao nível da compreensão do mundo. Santos (2000, p. 22) afirma que “ler faz parte dos próprios processos linguísticos. Consiste em descodificar a linguagem, expressa em sinais gráficos convencionais, extraindo deles um significado”. Deve-se promover junto das crianças a leitura de textos literários, proporcionando, assim, momentos de leitura literária, tanto em contexto de sala de aula como noutros contextos.

Magalhães (2008, p. 55) afirma que “Os educadores/ professores e outros promotores e mediadores da leitura devem proporcionar ao público infantil um encontro gradual com a leitura literária, tanto na sala de aula ou em espaços educativos e culturais complementares”. A aprendizagem da leitura deve apoiar-se sobre a curiosidade e o desejo de aprender. Um leitor motivado tende a ler. E lendo, desenvolve a capacidade e o gosto de ler.

Graças e desgraças da corte de El-rei Tadinho... é um livro divertidíssimo a que os alunos aderiram com entusiasmo.

quarta-feira, 07 de março de 2012

A manhã iniciou-se com um exercício caligráfico de um parágrafo do capítulo 2 do livro *Graças e desgraças da corte de El-rei Tadinho...*, após o que a docente propôs aos alunos alguns exercícios de Matemática.

Depois do recreio do almoço, os alunos continuaram a apresentar os trabalhos de Estudo do Meio. Seguidamente os alunos tiveram Biblioteca. A docente encarregue pela Biblioteca leu aos alunos *Uma menina que tinha medo do escuro...*, de Ann de Bode e Rien Broere.

Inferências

Para promover a leitura junto das crianças é preciso sensibilizar e envolver os adultos. A formação de leitores é uma responsabilidade partilhada entre pais, professores e técnicos de biblioteca. De acordo Calixto (1996, p. 17), é “na escola, é pelas bibliotecas escolares que os jovens podem e devem ganhar o gosto pelos livros e pela leitura, fazer desta parte do seu quotidiano, dos seus tempos livres, do seu prazer”.

Ter um espaço dedicado para leitura na escola ajuda a promover e a formar leitores. A biblioteca escolar deverá ser o centro de aprendizagem e descoberta. Esta, segundo Sanches (2007), tem como tarefa:

... propiciar as condições para o fomento da leitura, no seio das suas actividades de rotina, pois só quando os alunos se familiarizam com a decifração do código escrito e automatizam a sua leitura é possível entrarem no nível seguinte: o da literacia de leitura ... este contributo da leitura para o sucesso educativo e, por consequência, da biblioteca escolar para o desenvolvimento de cidadãos leitores. (p. 76)

Aprender a ler e formar leitores competentes é uma caminhada longa que requer um ensino cuidado e sistemático, ao longo de toda a escolaridade básica.

quinta-feira, 08 de março de 2012

A professora começou por efetuar a correção do trabalho de casa, que consistia na revisão para o teste de Matemática.

Na área curricular de Língua Portuguesa, os alunos realizaram ditado lacunar da música “Afonso nasceu valente”; fizeram análise sintática de frases deste texto, propostas pela docente.

Depois do intervalo do almoço, os alunos leram umas páginas do manual de História de Portugal, estipuladas pela docente, e sublinharam a informação mais relevante.

Inferências

Os trabalhos de casa são instrumentos importantes para o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia do aluno, bem como para a organização, o interesse e o gosto pelo trabalho pessoal. Estes não devem substituir o trabalho que não é feito em aula, pois a aprendizagem do aluno não deve ser reduzida à simples receção de informação na sala de aula e à revisão dessa mesma informação em casa. Meirieu (1998) cita que o melhor trabalho de casa:

... não pode, em circunstância alguma, substituir o trabalho que não foi feito na aula, que mais vale fazer melhor do que mais, que uma escola que se quer ao serviço de todos não pode deixar o sucesso dos seus alunos à mercê da sua história pessoal e da ajuda que os pais lhes possam dar. (p. 14)

Os trabalhos de casa devem ter, então, como objetivo complementar a consolidação e revisão da matéria dada em sala de aula.

sexta-feira, 09 de março de 2012

No primeiro momento da manhã, os alunos realizaram o teste de Matemática. Seguidamente, a professora abordou, dentro do tema de Língua Portuguesa A *comunicação*, o discurso direto e indireto, realizando uma ficha sobre o conteúdo dado.

Após o almoço, os alunos tiveram Música, com o professor Paulo Viana, e Estudo do Meio. A área curricular de Música foi destinada para os alunos cantarem, ouvirem música (ópera) e tocarem flauta. Em Estudo do Meio, os alunos continuaram a apresentar os trabalhos de grupo.

Inferências

A música merece ocupar um lugar importante na educação das crianças, pois, de acordo com Willems (1970, citado por Amaral, 2004), enriquece:

... o ser humano pelo poder do som e do ritmo, pelas virtudes próprias da melodia e da harmonia; eleva o nível cultural pela nobre beleza que emana das obras-primas; dá consolação e alegria ao ouvinte, ao executante e ao compositor. (p. 42)

A expressão musical estabelece um trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente, proporcionando o enriquecimento das vivências sonoro-musicais e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos aspetos essenciais da voz, a par com o seu desenvolvimento global.

O que o professor Paulo Viana trabalhou com a turma foi precisamente sons e ritmos relacionados com árias que as crianças iriam escutar numa futura ida à ópera.

segunda-feira, 12 de março de 2012

A professora iniciou a manhã conversando com os alunos sobre o fim de semana. Depois de ter feito esta conversa, começou por corrigir o trabalho de casa de Língua Portuguesa. Seguidamente, realizou um ditado de palavras de revisão da 17.^a lição da *Cartilha maternal*.

Após o intervalo, a professora trabalhou com os alunos o perímetro, a lateralidade e a simetria de figuras utilizando o material didático Geoplano.

No período da tarde, os alunos tiveram Expressão Plástica e Inglês.

Inferências

O geoplano é um material manipulativo, bastante útil para realizar, visualizar e analisar figuras geométricas. Na utilização do geoplano é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência, tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho.

Segundo Caldeira (2009, p. 410) “os alunos devem ser estimulados a explorar as relações espaciais envolventes e procurar exemplos de relações geométricas no mundo físico”. Os alunos tomam conhecimento do material através da sua manipulação e exploração livres. Serrazina e Matos (1996, p. 13) afirmam que este material é “um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos”.

Ao utilizar este recurso manipulativo, o docente deve desenvolver a aula com lógica e sequência, considerando os programas, a idade e o ritmo de trabalho dos seus alunos, de forma a que a aprendizagem seja realizada por etapas, com a participação ativa dos alunos. Na aula a que assisti, a professora teve o cuidado de cumprir estes aspetos.

terça-feira, 13 de março de 2012

No primeiro período da manhã, os alunos tiveram teste de avaliação de Língua Portuguesa.

Depois do intervalo, a docente distribuiu uma atividade de Matemática sobre a leitura de números inteiros e decimais.

Na parte da tarde, os alunos continuaram a apresentar os trabalhos de Estudo do Meio e tiveram Clube de Ciências, onde realizaram uma atividade experimental, verificando qual a nossa idade nos diferentes planetas do nosso sistema solar.

Inferências

O Clube de Ciências é lecionado pelo professor Pedro Fidalgo. É uma atividade que tem a duração de 60 minutos e acontece uma vez por semana. Durante este tempo, os alunos, com o auxílio do professor, realizam experiências sobre vários temas e com vários materiais.

Charpak (1997, p. 30) defende que “a actividade científica ajuda à tomada de consciência do espaço e do tempo, oferecendo a possibilidade de estabelecer referências”. Na idade da escolaridade primária, a criança é extraordinariamente recetiva à aprendizagem das ciências, através da área curricular de Estudo do Meio. Como afirmam Almeida e Vilela (1996, p. 14), “a ciência é responsável pelo desenvolvimento cognitivo, a aquisição de determinados conteúdos científicos está ligada com a capacidade de raciocínio formal”.

De acordo com o Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 102), a aprendizagem do Estudo do Meio deve proporcionar aos alunos situações diversificadas como “o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade”. Wellington (1996, citado por Santos, 2002) nomeia diversos objetivos na realização das atividades experimentais, tais como:

... desenvolver competências: técnicas práticas, procedimentos, ‘táticas’, estratégias de investigação, trabalhar com os outros, comunicar, resolver de problemas; iluminar/ilustrar (conhecimento em ‘primeira mão’): um evento, um fenómeno, um conceito, uma lei, um princípio, uma teoria; motivar/ estimular: entreter, despertar curiosidade, fomentar atitudes, desenvolver interesse, fascinar; desafiar/confrontar: por exemplo, utilizando questões do tipo: ‘E se...?’, predizer-observar-explicar, responder aos ‘porquês’. (pp. 42-43)

A atividade experimental (ou atividade científica) faz parte da base de conhecimento das crianças, ajudando-a a crescer e viver nas nossas sociedades desenvolvidas, devendo permitir que a criança se abra ao real, o interogue e o confronte.

quarta-feira, 14 de março de 2012

Esta manhã foi agendada uma visita ao Campo Pequeno, com o objetivo de os alunos assistirem a um espetáculo de ópera. A ópera, musicada pelo compositor Jorge

Salgueiro, intitulava-se *A coragem e o pessimismo* e representava a aventura das Descobertas Portuguesas.

O período da tarde foi dedicado à resolução de uma ficha de trabalho de consolidação da matéria para o teste de Estudo do Meio.

Inferências

A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos, dado o caráter motivador que constitui a saída do espaço escolar.

Assim, uma visita de estudo é mais do que um passeio: constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade. A visita de estudo, como afirma Almeida (1998), é considerada uma atividade relevante

... no processo de ensino aprendizagem, reunindo o consenso de professores, alunos, autores de livros de texto, investigadores em desenvolvimento curricular e responsáveis por instituições de natureza muito diversa, desde museus, jardins zoológicos e botânicos, parques urbanos e naturais, a fábricas e empresas. (p. 19)

Esta atividade é referida pelo mesmo autor “como promotora do desenvolvimento integral do aluno” (p. 19), devendo ser realizada de modo a “criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade do aluno, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dimensão individual e social” (p. 20).

As visitas de estudo têm múltiplas potencialidades pedagógicas e formativas. Oferecem um clima de aprendizagem mais descontraído, repercutindo-se na motivação e empenho dos alunos. Foram visíveis este à vontade e este interesse por parte dos alunos que participaram nesta iniciativa.

quinta-feira, 15 de março de 2012

No primeiro tempo da manhã, os alunos realizaram a prova de avaliação na área curricular de Estudo do Meio e História de Portugal.

Depois do intervalo, fizeram uma ficha de Matemática, proposta pela docente, sobre as medidas de capacidade.

Todos os alunos do 1.º Ciclo do Jardim-Escola, após o almoço, tiveram o III Concurso de dança, organizado pelo professor José Serrano.

Inferências

A dança é uma forma natural de a criança satisfazer as suas necessidades de movimento e expressão. Esta contribui para o desenvolvimento bio-psico-socio-motor da criança e é um fator globalizante de educação pelo movimento, contribuindo para a formação do esquema corporal, satisfazendo as necessidades de expressão e fomentando a ação criativa. De acordo com Sousa (1979), a dança:

... relaciona a criança com o presente, envolvendo-a na acção imediata do presente; ela apela à imaginação e à criatividade da criança, envolvendo-a em acções imaginárias; ela proporciona um conhecimento, pelo movimento, do espaço e uma participação comunitária em experiências rítmicas de grupo. (p. 10)

Na escola, a dança deve proporcionar “oportunidades para que o aluno possa desenvolver todos os domínios do comportamento humano e, através de diversificações e complexidades” (Verderi, 2000, p. 32). Deve ainda propiciar o contacto com o novo, a criação do não-experimentado, a não-necessidade de um modelo a ser copiado, tendo o docente um papel importante de inovar e ousar, considerando o corpo dos seus alunos como um corpo em desenvolvimento, emitindo sentimentos, expressões e participando no meio social do qual faz parte.

Durante esta sessão, os alunos estiveram extraordinariamente motivados, empenhados e divertidos.

sexta-feira, 16 de março de 2012

Esta manhã, dei a minha primeira aula “surpresa”, na área curricular de Matemática, presenciada pelas professoras Supervisoras de Estágio Profissional.

Foi-me pedido que realizasse com os alunos uma construção com o 5.º Dom de Fröbel e desenvolvesse, com essa mesma construção, o perímetro.

Posteriormente à minha aula, tivemos o nosso intervalo e, de seguida, realizou-se a reunião com as professoras de Estágio Profissional.

Durante a tarde, os alunos realizaram um jogo de cálculo mental e fizeram um desenho sobre o que tinham visto na visita de estudo ao Campo Pequeno.

Inferências

Compreender a arte infantil é saber porque se exprime a criança, como se exprime e o que exprime. O desenho é, enfim, a “actividade artística da criança” (Stern, 1974, p. 11).

Os desenhos das crianças são, para os adultos, nomeadamente pais, professores e educadores, fontes importantes sobre diversas etapas do crescimento dos seus educandos. É através do desenho que as crianças exprimem o estado em que se encontram, podendo mesmo afirmar-se que os desenhos das crianças são, em certo ponto, a expressão do seu subconsciente. Segundo Stern (1974, p. 7), quando a criança desenha “é capaz de concretizar as suas emoções, de fazer experiências e de tomar contacto com o mundo”. É ainda Stern (s.d., p. 59) quem afirma que, quando a criança desenha, “o mundo encolhe-se até às dimensões de uma folha de papel, a folha transborda os seus limites e torna-se o mundo”.

O docente deve deixar a criança exprimir-se livremente e fomentar no seu educando a via artística, enquanto expressão verbal. O desenho escolar tende empobrecer a expressão artística da criança, devido aos variadíssimos comentários que se realizam em torno do mesmo.

O desenho que a criança faz deveria ser encarado com muita seriedade pelos adultos. Na verdade, “o educador e os pais devem respeitar as criações infantis” (Stern, 1974, p. 7), e não ficarem, por um lado, indiferentes ou insensíveis, por outro, não fazerem quaisquer comentários depreciativos que possam criar na criança tristeza, ou, ainda, falsas apreciações exageradas, que contribuam para que, no futuro, a criança acabe por ficar insensível ao aplauso.

segunda-feira, 19 de março de 2012

A manhã iniciou-se com a entrega dos testes de avaliação de Estudo do Meio e Matemática.

A docente realizou a leitura de mais um capítulo do livro de Alice Vieira, *Graças e desgraças da corte de El-Rei Tadinho*.

Foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho com o objetivo de elaborarem um pequeno texto sobre a visita de estudo realizada ao Campo Pequeno.

Na segunda parte da manhã, os alunos do 1.º Ciclo do Jardim-Escola dirigiram-se para o ginásio para conhecerem a escritora Sílvia Alves.

Após o almoço, a professora leu o livro *Coisas de mãe*, de Sílvia Alves. Os alunos tiveram ainda Expressão Plástica e Inglês.

Inferências

Aprende-se a escrever, escrevendo e reescrevendo, individualmente, a pares, em grupo. A aprendizagem da escrita, como afirmam Martins e Silva (1999, citados por Aleixo, 2005, p. 18), “é talvez o maior desafio que as crianças têm de enfrentar nas fases iniciais da escolaridade”. Desenvolver a competência escrita em qualquer nível de ensino requer prática. Freire (1991) diz:

... se é na prática que se aprende a nadar, se é na prática que se aprende a trabalhar, é na prática também que se aprende a ler e a escrever, vamos praticar para aprender e aprender para praticar melhor. Vamos ler... Vamos escrever. (p. 22)

A elaboração de textos contribui, segundo Silva (s.d., p. 9), para “desenvolver a capacidade de expressão escrita, com finalidades utilitárias e de comunicação; desenvolver a capacidade de expressão escrita com finalidades estético-literárias; desenvolver o espírito de desinibição e autoconfiança, concorrendo para a realização do indivíduo enquanto ser humano culturalmente situado”. Por isso, o docente deve promover em contexto escolar a prática da escrita, dar a possibilidade aos alunos de escrever de forma a aprender e desenvolver o gosto pela escrita.

Quanto aos temas de escrita a sugerir, o relato de uma visita de estudo – como referido, uma iniciativa tão do agrado das crianças – foi uma boa sugestão, pois, de imediato, os alunos da turma reagiram positivamente à proposta, iniciando, sem hesitação, a escrita do texto.

terça-feira, 20 de março de 2012

No primeiro momento da manhã, foi possível observar a participação de uma mãe em contexto de sala de aula. A mãe em questão falou sobre a importância da natureza e da sua preservação. Os alunos viram um filme, realizaram tulipas e livros em *origamis* e, por fim, cantaram a música *Over the rainbow*, composta por Harold Arlen e com letra de E.Y. Harburg.

Depois do intervalo, os alunos fizeram uma ficha de trabalho da área curricular de Matemática.

Durante a tarde, continuaram as apresentações dos trabalhos da área de Estudo do Meio.

Inferências

O *origami* ou arte da dobragem de papel, de acordo com Robinson (2006, p. 6), “permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão artística”. O *origami* é hoje em dia uma atividade globalizada, apreciada por pessoas de todas as idades e de ambos os sexos.

A prática de *origamis* estimula o desenvolvimento das capacidades artísticas e intelectuais. Para produzirmos pequenas ou grandes obras de arte feitas de papel “precisamos apenas de usar as mãos e a mente” (Robinson, 2006, p. 6). O *origami* é uma atividade artística interessante e criativa, podendo ser praticada em qualquer lado, a sós ou com companhia.

Muitos professores usam nas aulas os *origamis* como um auxílio para o ensino, e para desenvolver capacidades e destrezas dos alunos. Neste caso concreto, este trabalho foi proposto pela mãe do aluno e teve uma muito boa receção por parte de toda a turma.

quarta-feira, 21 de março de 2012

Neste dia, conforme combinado previamente com a docente, dei aula durante a manhã. O tema proposto na área curricular de Língua Portuguesa foi a leitura e interpretação de um texto; na área curricular de Matemática o gráfico de barras com o

material manipulável Cuisenaire; e na área curricular de Estudo do Meio as cadeias alimentares.

Iniciei a aula de Língua Portuguesa com a leitura em voz alta de um texto intitulado “A cegonha”, adaptado do livro *Handbook of the birds of Europe*. Solicitei aos alunos a leitura do texto em voz alta e a sua participação oral em questões, colocadas por mim, sobre o texto. Por fim, foi elaborada uma ficha de compreensão textual.

Na área curricular de Matemática, dialoguei com os alunos sobre a organização e tratamentos de dados, a partir do gráfico de barras. Com o material manipulável Cuisenaire, foi feita uma ficha de trabalho.

Na área curricular de Estudo do Meio, utilizei o suporte informático para a explicação do conteúdo a abordar. A par da explicação, ia realizando pequenas atividades síntese do conteúdo dado, sempre em interação com os alunos.

Inferências

A interação verbal entre o professor e o aluno é um processo educativo por excelência, permitindo “aos interlocutores, alunos e professor, comunicar e alcançar as metas definidas para as tarefas que desenvolvem” (Loureiro, 2000, p. 96). As relações que se estabelecem, através da interação em situação pedagógica, a forma como se comunica, são fundamentais ao processo de ensino/ aprendizagem, sendo necessário cultivar e desenvolver uma boa comunicação entre os docentes e os alunos.

A comunicação “é o processo pelo qual nós criamos, negociamos e interpretamos sentidos pessoais” (Riley, 1985, citado por Sousa, 1993, p. 49). A sala de aula é o espaço onde o docente e o aluno passam grande parte do seu tempo e interagem entre si. É importante, por isso, que exista uma atmosfera que favoreça uma boa aprendizagem e uma boa relação professor/ aluno.

De acordo com Loureiro (2000, p. 96), a sala de aula “é um espaço comunicativo específico porque apresenta regularidades próprias que não se verificam noutros espaços comunicativos”. Sprinthall e Sprinthall (1993, citados por Vieira, 2000, p. 39) defendem que “a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de

facto, um impacto em muitas facetas da interacção na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do aluno”.

Foi precisamente tendo em conta as observações acima feitas, que procurei que a minha aula, em todas as áreas, fosse sempre acompanhada de diálogos com os alunos da turma.

quinta-feira, 22 de março de 2012

A professora começou por explorar com as crianças a área curricular de Matemática, realizando situações problemáticas com os alunos.

Na área de Língua Portuguesa, realizou a leitura dos dois últimos capítulos do livro de Alice Vieira, *Graças e desgraças da corte de El-Rei Tadinho*, e propôs aos alunos a realização de uma ficha de compreensão do texto.

Depois do almoço, a professora entregou uma ficha para os alunos pintarem. A ficha tinha por temática a Páscoa. Após a realização deste trabalho, os alunos tiveram Educação Física.

Inferências

A resolução de situações problemáticas coloca o aluno numa atitude ativa de aprendizagem, pois dá-lhe a possibilidade de construir noções de resposta às perguntas, analisando e descobrindo novos conceitos, estimulando-o a utilizar as aprendizagens feitas.

A resolução de um problema deve constituir um momento especial de interação e diálogo entre professor/ aluno, pois, como afirma Gúzman (1996, p. 226), “a aquisição de, e a familiarização com os processos de pensamento recomendados pelo método de resolução de problemas, não é um processo simples”.

O professor, como moderador da aprendizagem, tem de fazer perguntas, sugerir respostas, proporcionar a estimativa por parte dos alunos. Ou seja, o docente deve proporcionar aos alunos momentos de exploração e descoberta através da resolução de situações problemáticas.

sexta-feira, 23 de março de 2012

Esta manhã, a docente começou por realizar um ditado lacunar do texto “A janela e o barco à vela”, de António Torrado, entregando uma fotocópia a cada aluno para preencherem os espaços com as palavras corretas.

A professora pediu que os alunos retirassem da capa as fichas de Língua Portuguesa sobre o texto *Graças e desgraças da corte de El-Rei Tadinho* para as terminarem em conjunto com a docente.

No período da tarde os alunos terminaram os trabalhos em atraso e tiveram Música.

sexta-feira, 13 de abril de 2012

Este dia foi agendado para a aula da minha colega Patrícia R., avaliada pelas professoras Supervisoras de Estágio Profissional. A aula teve a duração de 60 minutos, abordando as três áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

A Patrícia iniciou com a área de Língua Portuguesa, conversando com os alunos sobre as regras de elaboração do resumo. Afixou no quadro as respetivas regras e, por fim, entregou uma ficha informativa sobre os conteúdos dados. Passou para a área de Matemática, falando sobre a divisão com o dividendo decimal. Entregou uma ficha formativa com o objetivo de falar sobre o tema da aula. Para concluir a sua manhã de aula, abordou, na área de Estudo do Meio, a reprodução das plantas. Explicou a reprodução das mesmas, utilizando um esquema no quadro e entregou a cada aluno o material necessário para cada um semear a sua planta.

sexta-feira, 20 de abril de 2012

A primeira parte da manhã foi reservada para o final do concurso de Cálculo Mental.

Após o recreio, os alunos abriram o manual escolar de Língua Portuguesa e realizaram a leitura e interpretação do texto “Os direitos da criança”, de Maria João Carvalho.

Inferências

Durante muito tempo, considerou-se que os Direitos das Crianças não faziam falta às mesmas, visto serem os progenitores a zelar por elas, a amá-las. Mas o mundo é extremamente complicado, não sendo possível confiar em pleno nos adultos.

Os Direitos da Criança representam um combate fundamental do nosso tempo. Fonseca (1990, p. 11) diz que “divulgar os direitos da criança e os meios para a sua efectivação é acto indispensável para que esses direitos passem do domínio dos princípios para os da consciência, da efectividade e da acção de cada um de nós”. As crianças não só são sempre vítimas de catástrofes e tragédias (da guerra, da fome, do êxodo, da violência), como vítimas de tragédias do quotidiano (condições de vida e de educação, material e afeto desfavorecidas). Reconhecer os Direitos da Criança, promulgados em 1959, é também questionar a efectivação dos direitos fundamentais do homem e a existência da qualidade de vida humana.

sexta-feira, 27 de abril de 2012

Durante o período da manhã, os alunos, juntamente com a professora, as minhas colegas e eu, dirigiram-se a pé até à Sociedade Nacional de Belas Artes.

Inferências

A arte, de acordo com Vigotski (s.d., citado por Bezerra, 1999, p. XII), “é o social de nós”. É simplesmente a natureza liberando as suas potencialidades, tanto no mundo quanto na mente. As crianças deveriam, como afirma Read (2001, p. 259), “ter a total oportunidade de expressar suas ideias e experiências por meio de desenho e da pintura, do trabalho manual ..., da música, da dança, da declamação de poesia ou da prática de vários tipos de decoração e desenho”. Este autor ainda nos diz que a “arte não é um esforço da vontade, mas uma dádiva da graça” (p. 259). Estas sensibilidades, com a idade, são muitas vezes perdidas pelas crianças. As que não a perdem são mais propensas à continuação de uma atividade expressiva pessoal.

A escola de hoje deveria ser o ambiente perfeito para explorar na criança a arte infantil. Passeios como o que foi feito hoje, permitem um contacto direto com a arte e os seus espaços, o que é de todo desejável.

sexta-feira, 04 de maio de 2012

A manhã de aulas foi dada por mim. Comecei com a área curricular de Matemática, utilizando o material manipulável Tangram, com o objetivo de abordar as medidas de área. Expliquei o conteúdo, com o apoio de uma ficha informativa e formativa⁵.

De seguida, na área curricular de Estudo do Meio, no domínio da História de Portugal, falei sobre D. Dinis, realizando com os alunos duas atividades de descoberta (jogo da forca e puzzle). De forma a desenvolver a informação sobre D. Dinis, utilizei um suporte informático no qual tinha as informações necessárias sobre o assunto. Em consolidação da aula foi proposta uma ficha de trabalho⁶.

Na área de Língua Portuguesa, o tema proposto pela docente foi as interjeições. Este conteúdo foi dado através de uma ficha formativa e, seguidamente, foi feita uma atividade de exploração do tema.

Inferências

O ensino da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal, deve servir para interpretar a vida atual a partir do conhecimento do passado. Os alunos necessitam de saber e compreender que o estado da sociedade em que vivem é o resultado da ação contínua e coletiva das gerações passadas. Trata-se segundo Reglá (1970, citado por Fabregat e Fabregat, 1989, p. 15) de “compreender o mundo”.

De acordo com Fabregat e Fabregat (1989, p. 15), o aluno “aprende e sente prazer na aprendizagem, quando é o verdadeiro ‘artífice’ da aula”. O tipo de aula proposta por mim para a aprendizagem da História de Portugal pretende não só a formação humana do educando, mas também a sua formação técnica, para que a assimilação de uma série de conteúdos não fique de modo alguma esquecida.

⁵ Esta ficha será fundamentada na Parte III, no capítulo 2 – Dispositivos de Avaliação, na secção 2.2. – Dispositivos de avaliação da área curricular de Matemática.

⁶ Esta ficha será fundamentada na Parte III, no capítulo 2 – Dispositivos de Avaliação, secção 2.3. – Dispositivos de avaliação da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal.

5. Estágio Profissional no 2.º ano A

Entre 11 de maio e 22 de junho de 2012, o meu Estágio Profissional decorreu junto do 2.º ano (faixa etária dos 7 anos), turma A, cuja professora titular é a Patrícia Gramaxo.

5.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º ano é constituída por vinte e oito alunos, sendo catorze do sexo feminino e catorze do sexo masculino. Inicialmente, a turma tinha vinte e nove alunos mas uma aluna foi viver uma temporada para o estrangeiro e encontra-se a acompanhar as matérias por via do correio eletrónico, visto regressar à turma e à escola no início do próximo ano letivo.

A turma apresenta-se como um grupo assíduo, ausentando-se da escola por questões do foro médico.

Em termos culturais é uma turma muito interessada e conhecedora do ambiente que a rodeia, manifestando interesse nas propostas apresentadas dentro e fora da sala de aula.

O facto de ser uma turma muito trabalhadora e cumpridora, faz com que a maior parte das vezes as tarefas diárias sejam executadas por quase todos os alunos. Na área curricular de Língua Portuguesa, apresentam dificuldades ao nível da interpretação de textos e expressão escrita livre. A turma apresenta uma boa aquisição dos casos específicos de ortografia. Ao nível da análise gramatical, à exceção de cinco alunos, acompanham os conteúdos. Um dos alunos revela uma grande dependência do adulto para a realização das suas tarefas, mesmo em situações em que domina os conteúdos. Na área curricular de Matemática as maiores dificuldades são na interpretação de situações problemáticas. Dois alunos revelam dificuldades generalizadas nesta área. Em termos gerais, a nível comportamental é uma turma muito conversadora.

5.2. Caracterização do espaço

A sala de aula do 2.º ano A encontra-se no segundo piso do Jardim-Escola, junto à biblioteca. É um espaço amplo, com muita claridade, devido a três janelas grandes que estão viradas para o recreio do Pré-Escolar.

As mesas dos alunos são duplas, viradas para o quadro de uso de giz. A professora tem um armário ao lado da secretária, onde guarda os livros e os dossiês. Os dossiês dos alunos ficam organizados numa estante. Existem móveis de madeira de suporte a material escolar. Na parede em frente à secretária da professora, existem três placares onde são afixados os trabalhos dos alunos e fotografias.



Figura 6 – Sala de aula do 2.º ano

5.3. Horário

O horário do 2.º ano A, que a seguir se transcreve, não difere muito dos horários anteriormente das demais turmas já apresentadas neste Relatório de Estágio Profissional.

Quadro 7 - Horário do 2.º ano

(Horário sujeito a alterações)

3º ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00- 9:50 10:00-11:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:00-11:30					
11:30-12:00	Matemática	Língua Portuguesa/ Clube de Ciências (15 em 15 dias)	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12:00-13:00					
13:00-14:30					
14:30-15:20	Formação Pessoal e Social	Formação Pessoal e Social	Inglês	Estudo Meio	Educação Física
15:20-16:10	Estudo do Meio	Biblioteca/ Informática (15:20-16:10)	Expressão Plástica		Educação Musical
16:10-17:00		Estudo do Meio			Estudo do Meio
17:00-17:15	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

5.4. Rotinas

As rotinas observadas no 2.º ano A são idênticas às observadas nas turmas já anteriormente apresentadas.

5.5. Relatos diários**sexta-feira, 11 de maio de 2012**

A docente iniciou a manhã de aulas com avaliação da leitura dos alunos. De seguida, solicitou a realização da ficha de interpretação do texto do manual escolar “Malmequeres e couves-flor”. Foi feito ainda um exercício caligráfico.

Após o intervalo, a professora realizou a construção do poço com o material manipulável 5.º Dom. Fez com os alunos exercícios orais de forma a estimular o cálculo mental.

Inferências

A escrita é definida como um conjunto ordenado de signos, sinais, letras ou caracteres que representam as palavras, os números, sinais, ideias. Ela é imprescindível para a moderna vida em sociedade.

De acordo com Ajuriaguerra (1988, p. 31), os exercícios de escrita devem ter como finalidade “guiar e acelerar o desenvolvimento do grafismo”. Quando a criança consegue dominar as principais dificuldades, quando consegue, com firmeza o manuseio do instrumento de escrita, passa seguidamente para a escrita “caligráfica”. Esta escrita, segundo o mesmo autor, “dá testemunho de um certo domínio gráfico, é adaptada a um certo nível de exigências e dá testemunho de certo nível de evolução” (p. 34).

A aprendizagem da escrita é o produto de uma atividade psicomotora extremamente complexa. Todas as atividades de manipulação e todos os exercícios da habilidade digital fina contribuem para o crescimento da escrita, daí a razão da insistência em exercícios caligráficos como o feito durante esta aula.

sexta-feira, 18 de maio de 2012

Esta manhã foi reservada para a aula da minha colega de estágio Inês. Esta iniciou-a com a área curricular de Matemática, abordando a unidade principal das medidas de capacidade e de massa, através de uma atividade prática. Na área curricular de Estudo do Meio, trabalhou com as crianças sobre a diferença entre as folhas caducas e as folhas persistentes. Em Língua Portuguesa, realizou com os meninos uma composição coletiva.

sexta-feira, 22 de maio de 2012

Em prévio acordo com a professora, dei aula durante a manhã.

Comecei pela área curricular de Matemática, realizando com os alunos situações problemáticas com a unidade de medida – dinheiro. Utilizei, como material de auxílio para a realização das situações, dinheiro de plástico.

Na área de Língua Portuguesa, abordei os verbos nos tempos Presente, Pretérito Perfeito e Futuro. Iniciei a aula lendo um pequeno texto; de forma a integrar o conteúdo a abordar, entreguei aos alunos, para preenchimento, uma ficha de aplicação⁷.

Na área de Estudo do Meio, falei sobre as partes comestíveis dos vegetais (raiz, caule, folha, flor). Dialoguei com os alunos sobre este tema. Para consolidação desta matéria foi feita uma atividade que consistiu na plantação de sementes de plantas que são comestíveis. Esta atividade foi apresentada de uma forma lúdica, tendo as crianças aderido de imediato.

Inferências

A atividade lúdica é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem pratica. De acordo com Maluf (2008, p. 22), as atividades lúdicas “têm capacidade de desenvolver várias habilidades na criança, proporcionando-lhe divertimento, prazer, convívio profícuo, estímulo intelectual, desenvolvimento harmonioso, autocontrole e auto-realização”. Estas promovem ou restabelecem o bem-estar psicológico da criança.

São as atividades lúdicas “que propiciam a experiência completa do momento, associando o acto, o pensamento e o sentimento” (Maluf, 2008, p. 21). Toda a criança que participa em atividades lúdicas adquire novos conhecimentos e desenvolve, de forma natural e agradável, habilidades, gerando um forte interesse em aprender com prazer.

A experiência sobre Estudo do Meio que propus nesta aula acolheu o maior entusiasmo por parte das crianças.

sexta-feira, 01 de junho de 2012

Neste dia festejou-se o Dia Mundial da Criança. Na primeira parte da manhã, os alunos confeccionaram salame e, na segunda parte, os alunos do Jardim-Escola dirigiram-se para o ginásio da ESE João de Deus para assistirem a um teatro realizado pelo Teatro Bocage intitulado “A breve história de Portugal em 90 minutos”.

⁷ Esta ficha será fundamentada na Parte III, no capítulo 2 Dispositivos de Avaliação, na secção 2.1. Dispositivos de avaliação da área curricular de Língua Portuguesa.

Inferências

As práticas pedagógicas vivenciadas pelas crianças e as experiências a que assistam são ricas e indispensáveis para o seu desenvolvimento humano em todos os aspectos: pessoal; espiritual; intelectual; familiar; social.

O teatro desenvolve na criança diversas potencialidades. Estas devem ser trabalhadas/ despertadas para o desabrochar de cada indivíduo na sua “formação comportamental, para refletir sobre o mundo que os cerca, como também implicar na futura escolha profissional adequada às suas habilidades, resultando no exercício de sua vocação, em sua realização pessoal e profissional – ser feliz” (Soares, 2010, p. 17).

Todas as atividades expressivas e artísticas a que possam assistir desde cedo permitem uma aproximação ao lado criativo do indivíduo. Para formar “espíritos flexíveis, empreendedores, aptos a sair dos caminhos batidos” (Landier e Barret, 1991, p. 12), a escola tem de procurar trazer cultura às crianças. Assistir a uma peça de teatro não só as enriquece como motiva para a própria aprendizagem do ato de representar.

sexta-feira, 08 de junho de 2012

Neste dia de roulement só se encontrava uma professora do 2.º ano. As duas turmas do 2.º ano, A e B, juntaram-se às duas turmas de 3.º ano, A e B, na sala da professora Joana Garcia. Durante a manhã, os alunos viram o filme de desenhos animados *O Gato das Botas*.

sexta-feira, 15 de junho de 2012

Esta manhã de estágio tive aula “surpresa”, visionada pela diretora do Jardim-Escola João de Deus – Estrela. O tema proposto pela diretora foi: o Sujeito (elemento constituinte da oração que designa a pessoa), mais propriamente Sujeito Simples e Sujeito Composto.

Comecei por escrever no quadro algumas frases, inventadas no momento, e solicitei aos alunos que detetassem o sujeito da frase. De seguida, pedi-lhes que completassem frases de que eu dava apenas o predicado; eles tinham de completar a frase inventando um sujeito. À medida que o faziam, fui registando essas frases no quadro.

Após a minha aula, a minha colega Inês abordou, a pedido da docente da sala, as Classes de palavras, realizando um jogo com os alunos.

Inferências

Considero que as aulas “surpresa” permitem ao Supervisor apreciar como nós, estagiárias, nos comportamos numa situação de aula não prevista. No entanto, o grau de dificuldade é compreensivelmente maior quando não planeámos o que fazer.

A forma como decidi apresentar esta aula “surpresa” teve por princípio que o trabalho em torno da gramática deve ser feito a partir de textos ou, de preferência, de frases usadas por professores e pelos alunos no seu quotidiano.

Assim, e segundo o Programa de Português do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 157), os alunos devem “descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso”. Para tal, prevê-se que os alunos explorem, descubram, experimentem, funcional e ludicamente, na sala de aula e com a ajuda do docente, o funcionamento da língua, após o que deverão analisar e refletir sobre ela.

segunda-feira, 18 de junho de 2012

Foi dia de Prova de Aptidão Profissional para os alunos de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e para os alunos de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Dei a minha aula no 1.º ano A, às 9h30min. Comecei pela área curricular de Língua Portuguesa, passei para a Matemática, o Estudo do Meio e, por fim, fiz um jogo. Todas as áreas estavam relacionadas com o tema “Ilusão de Ótica”.

Na área curricular de Língua Portuguesa, inicei a aula lendo em voz alta um poema, adaptado de José Régio, intitulado “Em dia de circo”. Escrevi o título do poema no quadro e solicitei a participação dos alunos, através de perguntas de *Cartilha Maternal*, sobre o caso de “cekêxe”. Seguidamente, dialoguei com as crianças sobre o texto, distribuindo sombras chinesas a alguns alunos, para os mesmos recriarem o poema num fantocheiro, à medida que eu lhes lia o texto.

Na área de Matemática, fiz uma breve explicação sobre a atividade a realizar. Utilizei diferentes materiais manipuláveis: o 3.º e 4.º Dom de Fröbel (para a construção da camioneta); algarismos móveis (para realizar uma multiplicação); o Cuisenaire (para o jogo dos comboios da peça azul). Solicitei a participação dos alunos através da elaboração de uma situação problemática.

Na área curricular de Estudo de Meio, fiz com os alunos, no quadro, um exercício de Ilusão de Ótica, a partir de dois arcos. Posteriormente, mostrei imagens em suporte informático que apelavam ao fenómeno e, por fim, expliquei-lhes o mesmo.

No jogo, levei os alunos para o espaço exterior, formei uma roda com todos e comecei por explicar a atividade. À medida que cantavam a canção do “Pónei”, um aluno andava à volta da roda formada. De seguida, tinha de parar à frente de um colega, fazer uma pequena coreografia e entregar uma cartola. Depois da coreografia, a criança que dera e a que recebera a cartola tinham de andar à volta da roda ao som da canção e prosseguir jogo, passando aos demais colegas. O último menino a ficar com a cartola teria de apanhar os colegas no espaço delimitado por uns pinos.

Acabadas as aulas dadas por nós, estagiários, houve reunião com as professoras Supervisoras de Estágio Profissional. Sobre a minha aula foi dito de muito positivo que houve uma ligação grande entre mim e os alunos, que era notório que a aula tinha sido preparada em função dos alunos e não da classificação. Quanto às áreas lecionadas, as críticas apresentadas foram para as áreas de Língua Portuguesa e de Matemática. Na primeira, deveria ter explorado mais a gramática (por exemplo, perguntado a que Classe de palavras pertencia a palavra “circo”); na área de Matemática, poderia ter desenvolvido mais os exercícios com o Cuisenaire.

Inferências

A nossa ação é essencial para o processo de aprendizagem, desenvolvimento e formação profissional. Estas provas finais fecharam o ciclo de experimentação de um ano mais intensivo de estágio, com a possibilidade que nos foi proporcionada de apresentar mais aulas do que as que tínhamos apresentado ao longo de três anos do Curso de Licenciatura em Ensino Básico.

A formação de docentes parte da prática e da reflexão sobre as práticas reais. O desenvolvimento profissional envolve diversas experiências de aprendizagem. Assim, e de acordo com Day (2001), envolve:

...todas as experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planejadas, realizadas para benefício, directo ou indirecto, do individuo, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade da educação na sala de aula. É o processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, revêem, renovam e ampliam, individual e colectivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, jovens e colegas, o conhecimento, destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e prática profissionais eficazes, em cada uma das frases das suas vidas profissionais. (pp. 20-21)

O profissionalismo é construído não só com a experiência, com a prática, mas “também com a ajuda de um mediador que facilita a tomada de consciência e de conhecimento, participando da análise das práticas, em estratégia de co-formação” (Altet, 1994, citado em Paquay, Perrenoud, Atlet e Charlier, 1998, p. 32).

Devemos refletir *na* e *sobre* a ação praticada. A reflexão implica “a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos” (Gómez, 1992, p. 103). Toda a reflexão feita sobre a aula, nomeadamente, os comentários finais, é tão determinante para nós, estagiários, como a prática letiva tida.

Parte II
Planificação

O presente capítulo abrange algumas das planificações construídas ao longo do Estágio Profissional I e II. Inicialmente, faço um enquadramento teórico relativamente à temática das planificações. Depois, apresento três planos de aula, para as três áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio), que se referem à aula programada dada no 4.º ano B, no dia 6 de fevereiro de 2012. As planificações são apresentadas por ordem cronológica. A propósito de cada uma das áreas, são feitas uma reflexão e respetivas inferências, relativamente aos procedimentos/estratégias aplicadas.

O modelo de planificação seguido pela Associação de Jardins-Escola João de Deus é uma adaptação do Modelo T de Unidade de Aprendizagens, proposto por Martiniano Pérez. As planificações apresentadas neste capítulo são, por consequência, baseadas nesse Modelo T de Unidade de Aprendizagem adaptado.

1. Fundamentação teórica

No *Dicionário da Língua Portuguesa*⁸ define-se planificar como “planear, projectar, organizar”. Como nas demais atividades, no ensino é fundamental organizar, realizar uma previsão, uma planificação da ação docente a ser realizada.

Segundo Zabalza (2000, p. 48), em termos gerais, quando se planifica converte-se “uma ideia ou um propósito num curso de acção”. O mesmo autor menciona o ato de planificar como sendo um conjunto:

... de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo. (p. 48)

Acrescenta este autor que, com o ato de planificar, espera-se “clarificar o *quê*, o *porquê* e o *como* se pretende desenvolver o ensino nessa escola e/ ou aula concreta e como se

⁸ *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2011; p. 1127.

podem modificar as previsões em virtude da marcha geral do processo educativo” (p. 51).

Quando se reflete sobre a planificação, consideram-se metas a delinear, pensa-se em organizar ideias, concepções, de modo a que os alunos atinjam os objetivos consignados nos Programas das diferentes áreas curriculares, concebidos pelo Ministério da Educação.

Todo o processo de planeamento, segundo Fisher (2004, p. 27), “tem de estar enraizado nas intenções e nos objetivos do contexto individual”. Ao planificarmos, temos de ter sempre em consideração, “para quem” e “como” planificamos. Ribeiro e Ribeiro (1989, p. 65) referem que “o sistema de ensino escolar move-se no sentido de conseguir a correspondência entre a formação que se pretende para os alunos, a que se tenta promover com o ensino e a que efectivamente os alunos alcançam”, tornando-se, assim, imperativo que o “estabelecimento de um plano de ensino seja preparado de maneira adequada”. Fisher (2004, p. 26) diz-nos ainda que os educadores e os professores “podem aperfeiçoar o planeamento, de modo a ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos pelos quais são responsáveis”.

Arends (1995, p. 44) declara que “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interação com todas as funções executivas do professor”. Este autor cita ainda que “a planificação de qualquer tipo de actividade melhora os seus resultados” e “o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionadas” (p. 45).

A planificação realizada deve ser feita consoante o tempo que temos para a colocar em prática. Fisher (2004, p. 26) refere três fases do planeamento: o planeamento a longo, médio e a curto prazo. Assim, um plano deve ter como função a coerência, a continuidade, a adequação, a precisão, a riqueza e a flexibilidade.

As planificações seguidas no Estágio Profissional do Jardim-Escola João de Deus baseiam-se, como já referido, numa adaptação do Modelo T de Unidade de Aprendizagem. Este modelo é elaborado para um mínimo de 6 semanas e um máximo de 12 semanas. De acordo com Pérez (s.d., p. 7), este modelo “trata de agrupar os objetivos fundamentais (capacidades-valores) e complementares (destrezas-actitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica”.

Este modelo, enquadrável graficamente numa única página, é designado por Modelo T, porque assume a forma de um T. Apresento, no quadro abaixo, esse Modelo.

Quadro 8 – Modelo T de Unidade de Aprendizagem

<i>Modelo T de Unidade de Aprendizagem</i>	
<i>Duração: 6 semanas</i>	
Meios	
Conteúdos	Métodos/ Procedimentos
Objetivos	
Capacidades – Destrezas	Valores - Atitudes

No quadro seguinte pode ver-se um exemplo do modelo adotado na Associação de Jardins-Escola João de Deus, que contém algumas diferenças a nível estrutural.

Quadro 9 – Modelo T de Unidade de Aprendizagem adotado pela Associação de Jardins-Escola João de Deus

<i>Jardim- Escola</i>	
<i>Modelo T de Unidade de Aprendizagem</i>	
Ano e Turma:	Estagiária:
Professor:	Nº
Duração:	Ano e Turma:
Data:	
ÁREA	
Conteúdos	Procedimentos
Objetivos	
Capacidades – Destrezas	Valores - Atitudes
Material:	
Plano sujeito alterações	

Apresentado o Modelo T, passo a referir-me a algumas palavras-chave: conteúdos, métodos/ procedimentos, objetivos, capacidades- destrezas e valores- atitudes.

Pérez (s.d., p. 9) define conteúdo como “formas de saber e reduzem-se fundamentalmente a duas: saber sobre feitos (saberes factuais) e saber sobre conceitos (saberes conceptuais)”. Este mesmo autor esclarece que os saberes básicos escolares têm “os mesmos componentes que o curriculum: capacidades e valores (objectivos) e conteúdos e métodos/ procedimentos como meios”. Relativamente ao método/ procedimento, Pérez afirma que método é “um caminho para...e este *para* deve ser objectivo. Também costuma chamar-se actividade geral ... o método concretiza-se nas formas de fazer. Por isso, o método é também uma forma de fazer”. Em relação ao procedimento, ele significa, segundo este mesmo autor, “o mesmo que método ou forma de fazer, ou uma estratégia de aprendizagem ou forma de desenvolver capacidades e valores”.

No que diz respeito às capacidades/ destrezas, elas são objetivos cognitivos fundamentais e complementares. Pérez (s.d., p. 8) define capacidade como “uma habilidade geral, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo”. Quanto á destreza, afirma que ela é “uma habilidade específica, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade”. A diferença entre uma capacidade e uma destreza é que a primeira costuma ser mais ampla; enquanto a capacidade atua sempre como fim, a destreza atua como meio.

Os valores/ atitudes são objetivos afetivos gerais e complementares. Atitude, como refere Pérez (s.d., p. 8), “é uma predisposição estável para ... cujo componente fundamental é afectivo. As atitudes desenvolvem-se na aula sobretudo por intermédio de técnicas metodológicas e condutas práticas”. Os valores, a nível didático, são considerados um conjunto de atitudes e, como afirma Pérez (s.d., p. 8), “os seus componentes são os mesmos que os de uma atitude, cognitivos, afectivos e comportamentais, ainda que o componente fundamental sejam afectivo”. A nível didático, a diferença entre um valor e uma atitude é que um valor, na maioria das vezes, é mais amplo que uma atitude. Um valor atua sempre com um fim; uma atitude atua como meio.

Todos os pontos desenvolvidos anteriormente são fundamentais para o desenrolar de uma aula. O docente, quando planeia, quando organiza a sua estrutura de aula deve ter em consideração estes pontos.

Na figura seguinte está representada a programação por capacidades e valores no âmbito da sociedade do conhecimento.

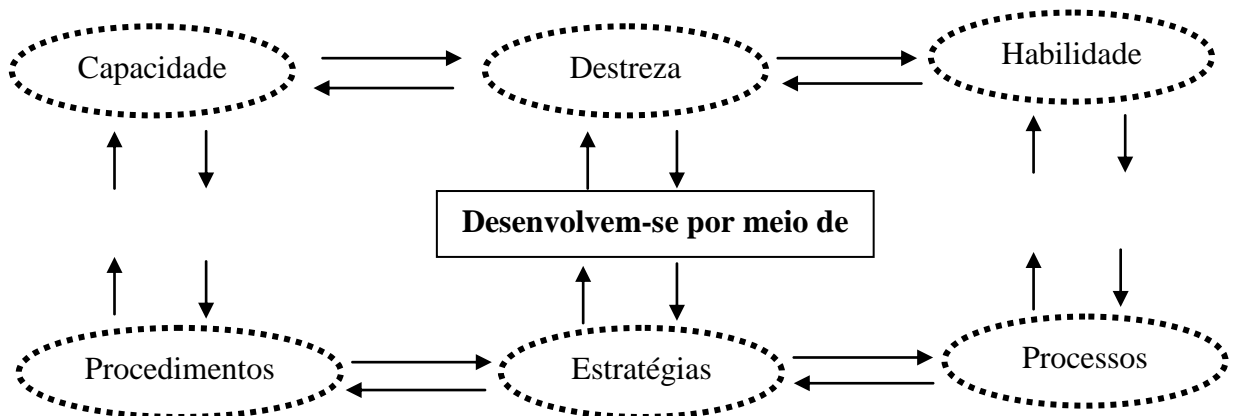


Figura 7 – *Inteligência como conjunto de capacidades, destrezas e habilidades, e seu desenvolvimento*

Em síntese, ao valorizar e desenvolver nas crianças capacidades, destrezas, valores e atitudes, no âmbito escolar, o docente vai em busca de uma educação completa, associada a um crescimento equilibrado das particularidades pessoais dos seus alunos.

2. Planificações fundamentadas

2.1. Área curricular de Estudo do Meio

A planificação que apresento no quadro seguinte diz respeito a uma aula dada por mim, no dia 06 de fevereiro de 2012, no 4.º ano B (turma lecionada pela professora Rita Augusto). A aula teve a duração de 50 minutos, aproximadamente. O tema abordado nesta aula foi a Lua, tendo como subtemas os movimentos da lua e respetivas fases.

Quadro 10 – Planificação da área curricular de Estudo do Meio

<i>Jardim-Escola João de Deus – Estrela</i>	
Plano de Aula	
Ano e Turma: 4.º ano B Professor: Rita Augusto Duração: 50 minutos Data: 06 de fevereiro de 2012	Estagiária: Inês Pereira Nº: 4 Ano e Turma: Mestrado em Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos
<p>✓ Os astros</p> <p>A Lua:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Movimentos da Lua; - Fases da Lua. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Iniciar a aula lembrando as regras de sala de aula; ● Introduzir o conteúdo a abordar, realizando uma atividade experimental sobre as fases da lua; ● Ver um filme com a explicação do tema a abordar; ● Explorar o conteúdo observado na atividade experimental, através de um exercício.
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expressão oral e escrita <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver vocabulário; • Interpretar. ▪ Observação <ul style="list-style-type: none"> • Descobrir; • Identificar; • Analisar; • Concluir. ▪ Participar <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Curiosidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Saber ouvir; • Saber esperar; • Compreender; • Convivência. ▪ Solidariedade <ul style="list-style-type: none"> • Partilhar; • Colaborar; • Tolerar.
Material utilizado: Suporte informático; protocolo; bola de esferovite; lanterna; copo; ficha formativa e informativa.	
Nota: Este plano pode estar sujeito a alterações de acordo com as necessidades educativas das crianças.	
<i>Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem</i>	

2.1.1. Fundamentação teórica e inferências

Ao planificar esta aula de Estudo do Meio, tive o cuidado de verificar se os conteúdos a abordar constavam no Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico 1.º Ciclo.

Iniciei a minha aula lembrando as respetivas regras de comportamento em sala de aula. Informei os alunos que teriam de estar em silêncio para que me ouvissem e só falariam quando, depois de colocarem o dedo no ar, eu lhes desse permissão de falar. Por fim, disse-lhes para colocarem igualmente o dedo no ar, sempre que tivessem alguma dúvida sobre a explicação do conteúdo a abordar.

A sala de aula é um lugar de interação, convivência e ensino-aprendizagem. As regras impostas em sala permitem dar sentido às relações sociais, vividas na mesma, consistindo numa espécie de “*saber viver*” em grupo. Como defende Furlong (1985, citado por Amado, 2000, p. 97), as regras de sala de aula “fazem parte de um conhecimento comum acerca da sala de aula desenvolvido por professores e alunos e é este conhecimento que lhes permite entender as imputações de desvio mesmo quando não se fazem referências às regras em jogo”. Além disso, o cumprimento de regras e normas por um grupo concedem-lhe o seu *ethos* e a sua identidade. O docente, quando impõe as suas regras, deve ter em atenção a forma como as elabora, a sua clareza e precisão, e o modo como as manipula e as mantém em vigor, de modo a que os alunos as recebam como um carácter “óbvio” e como necessárias. No entanto, não se deve abusar das regras, pois um excesso de sobreavisos pode levar a um ambiente pouco favorável em sala de aula.

Na área de Estudo do Meio, introduzi o tema a abordar (Os astros – Movimentos e fases da lua), realizando com os alunos uma atividade experimental, que consistia na observação das fases da Lua. Assim, coloquei em cima de uma mesa uma lanterna (que fazia o papel de sol); a bola de esferovite, que representava a lua, foi posta em cima de um copo. À medida que os alunos rodavam à volta da mesa, verificavam as diferentes fases da lua.

Com referem Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006, p. 61), as atividades experimentais promovem nos alunos “a curiosidade sobre o mundo natural e um certo interesse e admiração pela ciência, as actividades do tipo investigativo, que envolvam competências mais complexas”. Em cada atividade experimental, o professor deve

adaptar e delinear os seus objetivos de acordo com o nível dos seus alunos. As atividades experimentais desenvolvem diversas competências como o conhecimento substantivo; conhecimento processual; conhecimento epistemológico; raciocínio; comunicação e atitudes. As crianças fruem um enorme interesse por temas/ fenómenos que não podemos observar diretamente. A escola deve proporcionar aos alunos momentos de aprendizagem mais complexa e de descoberta em relação ao desconhecido.

Ao passar um filme sobre os movimentos e as fases da lua nesta aula, tive o intuito de consolidar o tema abordado na atividade experimental, captar a atenção dos alunos e diversificar a estratégia de ensino/ aprendizagem e um contacto com o desconhecido.

Lajus e Magnier (1998, p. 18) afirmam que existe uma “necessidade de praticar pedagogias mais activas, abertas para o mundo, de pôr o ensino em ligação directa com a vida quotidiana, impõe-se cada dia mais à medida que o público escolar vai diversificando”. A diversificação das estratégias de ensino motiva os alunos na sua aprendizagem. A utilização de meios audiovisuais permite ajudar a aprender e apreender o assunto através do uso da audição e da visão. Proença (1990, p. 107) diz-nos que os meios audiovisuais “despertam a curiosidade e sustentam o interesse do aluno, mudam as relações entre o professor e o aluno e ainda obtêm uma melhor eficácia pedagógica”.

Assim, ao longo da aula de Estudo do Meio, com o uso da atividade experimental e com a passagem do filme tentei criar diferentes situações de aprendizagem.

Para finalizar, distribuí uma ficha de trabalho que continha dois exercícios sobre a atividade experimental. Segundo Figueiredo (2005, p. 8), o trabalho que o aluno realiza deve “ter um significado para o aluno, e isto implica que o aluno seja capaz de ver o significado de todas as actividades em que está empenhado”; este autor defende ainda que o trabalho deve ser escolhido de modo a que os alunos “possam aprender daí alguma coisa”. Todo o trabalho realizado após uma explicação deve ser feito com o intuito de consolidar o que foi abordado.

2.2. Área curricular de Matemática

A planificação que apresento no quadro seguinte diz respeito à aula da área curricular de Matemática. Esta aula foi dada por mim, no dia 06 de fevereiro de 2012, no 4.º ano B (turma lecionada pela professora Rita Augusto). A aula teve a duração de 50 minutos, aproximadamente. Abordei as figuras no plano, especificamente a classificação de triângulos quanto à amplitude dos ângulos.

Quadro 11 – Planificação da área curricular de Matemática

<i>Jardim-Escola João de Deus – Estrela</i>	
Plano de Aula	
Ano e Turma: 4.º ano B Professor: Rita Augusto Duração: 50 minutos Data: 06 de fevereiro de 2012	Estagiária: Inês Pereira Nº: 4 Ano e Turma: Mestrado em Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico
Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
✓ Figuras no plano Classificação de triângulos: - quanto à amplitude dos ângulos	<ul style="list-style-type: none"> ● Utilizar material manipulável, com o intuito de abordar a classificação de triângulos, quanto à amplitude dos ângulos; ● Abordar o conteúdo, através do power point; ● Realizar um exercício de consolidação da matéria abordada.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Raciocínio lógico <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar; • Observar; • Relacionar; • Aplicar. ▪ Classificação <ul style="list-style-type: none"> • Selecionar; • Identificar. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Saber ouvir; • Saber esperar; • Compreender. ▪ Rigor <ul style="list-style-type: none"> • Precisão; • Interesse. ▪ Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Atenção; • Autonomia; • Esforço.
Material utilizado: Suporte informático; material manipulativo para a aula de Matemática (triângulos e transferidor); ficha formativa e informativa.	
Nota: Este plano pode estar sujeito a alterações de acordo com as necessidades educativas das crianças.	
Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem	

2.2.1. Fundamentação teórica e inferências

Em relação à planificação para a aula de Matemática, não consegui realizar interdisciplinaridade com a área curricular anterior (de Estudo do Meio), na medida em que não existiu uma ligação entre os dois conteúdos programáticos.

Para a atividade de Matemática, cujo conteúdo também vem no Programa de Matemática, procurei utilizar material manipulável, para que existisse um momento de descoberta do conteúdo a abordar. Matos e Serrazina (1996, p. 198) declaram que os materiais “devem ser motivantes” e “devem proporcionar manipulação individual”. Os materiais utilizados por mim nesta aula permitiram aos alunos uma manipulação individual que considero proveitosa.

O objetivo fundamental de um professor deve ser o de formar pensadores. Os alunos devem descobrir e relacionar factos e tirar conclusões do trabalho realizado. Cury (2003, p. 70) defende esta ideia, dizendo que o objetivo do professor “é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informação”. É importante que os alunos pensem por eles próprios e sejam alunos ativos e não que decorem, simplesmente, o conhecimento que lhes é exposto, de forma passiva.

Após a experimentação feita, com recurso ao uso do transferidor, de observação dos ângulos dos triângulos (feitos em papel) que havia levado para a turma, foi realizada a consolidação da matéria lecionada, através de power point. O uso deste programa informático ou de outro ajuda a desenvolver o conteúdo lecionado, de forma a que os alunos o entendam. Lajus e Magnier (1998, p. 80) dizem que “qualquer disciplina ensinada pode beneficiar das tecnologias de informação e de comunicação”. Estes autores insistem que as TIC são “um auxiliar eficaz para a preparação dos materiais e das fontes pedagógicas nas quais o professor se apoia para orientar ou ilustrar a sua aula, ou ainda para organizar o trabalho individual dos alunos” (p. 96). O docente, hoje em dia, utiliza cada vez mais este meio para explicar e explorar conteúdos programáticos.

Em conclusão da aula, foi realizado com os alunos uma ficha formativa e respetiva correção. O objetivo era melhor regular a aprendizagem dos alunos, ou seja, “conseguir que os alunos aprendam melhor, com compreensão, utilizando e desenvolvendo as suas competências, nomeadamente as do domínio cognitivo e metacognitivo” (Fernandes, 2005, p. 65). Através da elaboração de uma ficha e da

respetiva correção, os alunos partilham o seu trabalho, as suas dificuldades e os seus sucessos, com o professor e com os colegas.

2.3. Área curricular de Língua Portuguesa

A planificação que se segue diz respeito à aula de Língua Portuguesa, que ocorreu igualmente no dia 06 de fevereiro de 2012, no 4.º ano B (tuma lecionada pela professora Rita Augusto). Teve a duração de 50 minutos aproximadamente. O tema abordado nesta aula foi o texto dramático.

Quadro 12 – Planificação da área curricular de Língua Portuguesa

<i>Jardim-Escola João de Deus – Estrela</i>	
Plano de Aula	
Ano e Turma: 4.º ano B Professor: Rita Augusto Duração: 50 minutos Data: 06 de fevereiro de 2012	Estagiária: Inês Pereira Nº: 4 Ano e Turma: Mestrado em Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico
Língua Portuguesa	
Conteúdos	Procedimentos
✓ O texto Tipos de texto: - Texto dramático.	<ul style="list-style-type: none"> ● Distribuir a cada aluno uma ficha que contém o tipo de texto a trabalhar ao longo desta aula; ● Pedir para lerem o texto em silêncio; ● Solicitar a dois alunos que representem o texto que lhes é apresentado; ● Dialogar com os alunos sobre o tipo de texto; ● Realizar um pequeno exercício de consolidação.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expressão oral e escrita <ul style="list-style-type: none"> • Expressar ideias; • Organizar informação. ▪ Raciocínio lógico <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar; • Aplicar. ▪ Socialização <ul style="list-style-type: none"> • Dialogar; • Reconhecer. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Saber ouvir; • Compreender; • Convivência. ▪ Cooperação <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar. ▪ Criatividade <ul style="list-style-type: none"> • Espontaneidade.
Material utilizado: Suporte informático; ficha formativa e informativa.	
<p>Nota: Este plano pode estar sujeito a alterações de acordo com as necessidades educativas das crianças.</p> <p style="text-align: center;"><i>Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem</i></p>	

2.3.1. Fundamentação teórica e inferências

Nesta aula, trabalhei um dos tipos de texto: o texto dramático. Comecei por distribuir a cada aluno uma ficha, que continha o texto a ser trabalhado ao longo da aula. Seguidamente, pedi para que lessem o mesmo silenciosamente, de forma a entender/ reconhecer / descobrir o texto. Lido o texto, pedi a dois alunos que dramatizassem o texto para os colegas, selecionando uma personagem para cada aluno. Com esta atividade, pretendi ajudar ao desenvolvimento da capacidade de relação e comunicação com os outros que um ato como o da dramatização tão bem potencia.

Na área curricular de Língua Portuguesa, a descoberta do tipo de texto, nomeadamente do texto dramático, contribui para o conhecimento de um modo literário que desde o 1.º Ciclo deve ser trabalhado com os alunos. Segundo o Programa de Português do Ensino Básico 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 158), os alunos não só devem “Distinguir diferentes tipos de texto”, como, também, “...dramatizar momentos histórias completas” (p. 154). Para tal, prevê-se que os alunos recriem ludicamente, na sala de aula e com a ajuda do docente, textos que lhes sejam apresentados.

Cachapuz, Praia e Jorge (2002, p. 146) afirmam que o ensino por descoberta “parte da convicção de que os alunos aprendem, por conta própria, ..., é a interpretação dos factos que conduz, de forma natural e espontânea, à descoberta de ideias, das mais simples às mais elaboradas”. O professor deve proporcionar aos alunos momentos de descoberta e momentos de aprendizagem individual, em relação aos conteúdos programáticos que irão ser abordados em sala de aula.

É necessário fomentar de forma criativa o gosto pela leitura, adotando estratégias diferentes que possibilitem construção de leitores. Como afirmam Veloso e Riscado (2002, p. 26), “ler é crucial para a construção de leitores e isso passa pelo ambiente que envolve a criança”. Estimular na criança o gosto pela leitura passa pela escola dar espaço à leitura e mostrar que ler é gratificante e uma fonte de extremo prazer. Nesse sentido, as estratégias adotadas pelo professor devem ser criativas e diversificadas, de modo a captar a constante atenção dos alunos. Santos e Balancho (1993, p. 8) dizem que ser professor significa “acreditar e investir na formação do Homem, através da liberdade inteligente e responsável”. O professor deve refletir sobre qual a melhor estratégia que deve ter para ensinar os seus alunos e, de acordo com estas

mesmas autoras, o papel do educador/ professor “consistirá, assim, em estimular e praticar a criatividade em vez de a reprimir sistematicamente, em nome da disciplina e dos preconceitos” (p. 94).

Após a dramatização do texto, foi solicitada a interação dos alunos, de modo a desenvolver a noção sobre a definição de texto dramático. É necessário que os alunos sejam participantes ativos e se sintam motivados em sala de aula, para que estejam receptivos na aprendizagem de novos conteúdos e que essa aprendizagem seja significativa para eles.

A motivação para aprender, segundo Ebel (1974, citado por Simão, 2002, p. 89), é uma “condição essencial para a aprendizagem é a actividade resolvida, a disposição para trabalhar duro e para aprender, por parte do aluno”.

As atividades propostas aos alunos ao longo de uma aula devem dar-lhes uma margem de liberdade, em relação a si próprios e em relação aos outros, visto que muito do trabalho realizado é feito consoante a unidade didática e/ ou a temática em curso, acabando por estimular, ou não, os alunos em relação ao conteúdo programático.

Por fim foi realizada uma ficha síntese sobre a matéria falada em sala de aula.

Parte III

Dispositivos de avaliação

Neste capítulo abordarei o tema da avaliação. Primeiramente, farei uma sucinta fundamentação teórica sobre esta atividade. Após, serão apresentados os dispositivos de avaliação que apliquei no decorrer do período de Estágio Profissional.

Os três dispositivos de avaliação apresentados referem-se às três áreas curriculares disciplinares: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Em cada um destes momentos existirá uma descrição dos parâmetros, critérios e cotações. Posteriormente, será apresentada uma grelha com os critérios e cotações, uma outra grelha de avaliação, com as classificações dos alunos, e, por fim, é feita a apresentação dos resultados em gráfico, bem como a interpretação do mesmo.

1. Fundamentação teórica

É essencial refletir sobre a avaliação, a fim de avaliar de forma justa e honesta, para que a avaliação deixe de ter uma conotação/ lembrança negativa.

A avaliação é uma importante componente curricular: “é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens” (Despacho Normativo n.º 1/ 2005, de 5 de janeiro). Mas a avaliação “assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (Abrantes, 2002, p. 9).

Stufflebeam e Shinkfield (1987, citado em Rosales, 1992) afirmam que a avaliação:

... é o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, da planificação, da realização e do impacto de um objecto determinado, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para solucionar os problemas de responsabilidades e para promover a compreensão dos fenómenos implicados. (p. 37)

Para Villas Boas (2006, p. 25), a avaliação é vista “como uma aliada do aluno e do professor. Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno”. Esta visão da avaliação vai ao encontro do que é

referido no Despacho Normativo n.º 1/ 2005, de 5 de janeiro, que diz que a avaliação apoia o processo educativo, garantindo o sucesso educativo de todos os alunos, permitindo a readaptação dos projetos escolares das escolas, revendo metodologias e recursos que satisfaçam as necessidades dos alunos.

Avaliar é um processo complexo, no qual intervêm diversos fatores “de ordem endógena e exógena relativos, quer aos sujeitos avaliados, quer aos sujeitos avaliadores” (Leite e Fernandes, 2003, p. 21). É uma função “desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher informação necessária para tomar decisões corretas... Estas decisões deveriam ter na base informações o mais relevantes e exactas possíveis” (Arends, 1995, p. 228). Assim, avalia-se os alunos para assinalar as fraquezas e os sucessos do processo ensino/ aprendizagem, obtendo informação. Informar o aluno, o encarregado de educação e até mesmo o próprio docente sobre os objetivos atingidos e a qualidade do ensino passa a ser possível através deste elemento.

O professor deve, desde o início do ano letivo, conduzir a criança a uma crescente participação na sua avaliação. A criança deve tomar consciência dos seus erros e dos seus sucessos. Se esta prática for contínua e sistemática, conduzirá ao desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade da criança, pois, de acordo com Pais e Monteiro (1996):

... a apreciação crítica do aluno relativamente ao seu trabalho e ao processo de ensino-aprendizagem permite identificar, analisar e compreender os erros cometidos e os sucessos alcançados, confrontar o produto obtido com o esperado, planificar as tarefas de aprendizagem a desenvolver. (p. 28)

Os alunos, através da avaliação, promovem e desenvolvem as suas aprendizagens, pois esta é “uma construção social em que são tidos em conta os contextos, a negociação, o envolvimento dos participantes, a construção social dos conhecimentos e os processos cognitivos, sociais e culturais na sala de aula” (Fernandes, 2005, p. 62).

É essencial ter em consideração que a avaliação é composta pelas funções de informação e valoração que, por sua vez, dão lugar à função avaliadora, a qual desempenha, por sua vez, a função de diagnosticar e ainda as funções formativa e sumativa.

A função diagnóstica da avaliação é “o propósito de aprofundar o conhecimento das causas de determinados problemas ao longo do ensino, ou cujo caso serviria de base

para decisões relativas à sua recuperação” (Rosales, 1992, p. 36). De acordo com o Despacho Normativo nº1 / 2005, de 5 de janeiro, esta função “conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional”. Ribeiro e Ribeiro (1989, p. 68), a propósito desta função da avaliação, dizem que ela “representa a última operação a realizar antes da execução das unidades de ensino planificadas, visando verificar o domínio, por parte dos alunos, de aptidões e conhecimentos indispensáveis à unidade de ensino”.

A função formativa da avaliação, como declara Cortesão (1993, p. 12), é um “conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino/ aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas como importantes”. É a principal modalidade de avaliação do Ensino Básico, pois fornece “ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho” (Despacho Normativo n.º 1/ 2005, de 5 de janeiro).

Já a função sumativa da avaliação, segundo o Despacho Normativo que tem vindo a ser citado, consiste “na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”. Para Leite e Fernandes (2002, p. 43), visto que a classificação dos alunos “no final de um período de formação, apenas serve para situar numa escala sendo, por isso, definitiva”. Ribeiro e Ribeiro (1989, p. 68), a função sumativa da avaliação “constitui uma espécie de ‘balanço final’ sobre a aquisição de aprendizagens num segmento largo do programa, para o que selecciona aspectos mais importantes e representativos da matéria sobre que incide essa avaliação”.

A função mais genuína da avaliação consiste na elaboração de juízos sobre o valor ou mérito do ensino. O professor deve diferenciar os seus instrumentos de avaliação, de modo a alcançar os objetivos pretendidos e avaliar de uma forma correta os seus alunos, pois estes são todos diferentes. Pais e Monteiro (1996, p. 52) afirmam que só “diversificando instrumentos e procedimentos se pode avaliar de forma correcta a aprendizagem, as capacidades e as atitudes desses alunos”.

A avaliação apresenta um caráter lato, enquanto fator estruturante e estruturador das aprendizagens, e constitui-se como um ato pedagógico de grande importância relevante na formação do aluno. O professor deve conseguir adaptar as estratégias a utilizar, refletindo sobre a decisão a tomar relativamente aos processos e instrumentos de ensino/ aprendizagem. O docente deve pensar na avaliação de forma criteriosa e justa, recorrendo a critérios de avaliação.

O facto de serem estabelecidos critérios de avaliação, como afirmam Leite e Fernandes (2002, p. 76) “permite que os professores localizem o aluno relativamente a uma meta a alcançar ou a um perfil a desenvolver”; permite, ainda, “entender a dimensão dessa meta ou desse perfil”.

A avaliação utilizada por mim foi baseada na escala de Likert. O quadro mostra o valor qualitativo e quantitativo que o aluno irá ter, consoante a cotação atribuída.

Quadro 13 – Escala de avaliação de Likert

0-2,9	Fraco
3-4,9	Insuficiente
5-6,9	Suficiente
7-8,9	Bom
9-10	Muito Bom

Nas atividades propostas em sala de aula, se o aluno, no seu desempenho, obtiver uma cotação menor que 2,9 valores, terá a avaliação de **Fraco**. Se a cotação estiver entre os 3 e os 4,9 valores, o seu desempenho será ainda **Insuficiente**. Mas se o aluno alcançar o valor compreendido entre os 5 e os 6,9 valores, este terá **Suficiente**. A classificação de **Bom** será atribuída ao aluno que atinge o valor entre os 7 e os 8,9 valores. Por fim, o aluno alcança a nota máxima se rondar o valor compreendido entre os 9 e os 10 valores, tendo um valor qualitativo de **Muito Bom**.

Em todos os dispositivos de avaliação presentes neste Relatório de Estágio Profissional será utilizada a mesma escala de avaliação.

2. Dispositivos de avaliação

2.1. Área curricular de Língua Portuguesa

2.1.1. Contextualização da atividade

A atividade na área curricular de Língua Portuguesa foi realizada no dia 22 de maio de 2012, no 2.º ano A (turma lecionada pela professora Patrícia Gramaxo). Teve a duração de 50 minutos e foi aplicada a 27 alunos, do total de 28 alunos que a turma tem, pois neste dia faltou 1 aluno.

A referida atividade consistiu na realização de uma ficha formativa (v. Anexo 1), com o intuito de aferir os conhecimentos dos alunos após terem sido lecionadas as flexões dos verbos (verbal, pessoa e número, tempo e modo). Durante a atividade, todos os alunos estiveram presentes e resolveram a proposta de trabalho.

2.1.2. Descrição dos parâmetros, critérios de avaliação e cotações

Com esta atividade pretendeu-se desenvolver nos alunos a capacidade de descoberta em relação a aspetos fundamentais da estrutura da Língua materna, nomeadamente a utilização dos verbos e a sua flexão.

A atividade proposta aos alunos tem três questões e cada questão tem diferentes parâmetros e critérios. Nos casos em que há solicitação de escrita, por cada erro ortográfico será descontado 0,1 valores.

No quadro seguinte são apresentados os parâmetros e os critérios de avaliação, realizados por mim, para esta atividade de Língua Portuguesa.

Quadro 14 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área curricular de Língua Portuguesa

<i>Parâmetros</i>	<i>Crítérios</i>		<i>Cotações</i>
Questão n.º 1			
1. Reconhecer, sublinhando, os verbos contidos nas 4 frases	1.1. Reconhece todos os verbos	2	2
	1.2. Reconhece 3 verbos	1	
	1.3. Reconhece 2 verbos	0,7	
	1.4. Reconhece 1 verbo	0,3	
	1.5. Não reconhece verbos	0	
2. Escrever o infinitivo dos verbos	2.1. Escreve o infinitivo dos 4 verbos	2	2
	2.2. Escreve o infinitivo de 3 verbos	1	
	2.3. Escreve o infinitivo de 2 verbos	0,7	
	2.4. Escreve o infinitivo de 1 verbo	0,3	
	2.5. Não escreve o infinitivo	0	
	2.6. Cada erro ortográfico desconta uma décima	-0,1	
3. Indicar corretamente a conjugação dos verbos	3.1. Indica todas as conjugações	2	2
	3.2. Indica a conjugação de 3 verbos	1	
	3.3. Indica a conjugação de 2 verbos	0,7	
	3.4. Indica a conjugação de 1 verbo	0,3	
	3.5. Não indica conjugação	0	
Questão n.º 2			
1. Completar o quadro com o infinitivo do verbo	1.1. Completa todos os espaços com os verbos no infinitivo	0,5	0,5
	1.2. Completa 1 espaço com os verbos no infinitivo	0,25	
	1.3. Não completa espaço com os verbos no infinitivo	0	
	1.4. Cada erro de ortografia desconta uma décima	-0,1	
2. Identificar a vogal temática dos verbos	2.1. Identifica todas as vogais temáticas	0,75	0,75
	2.2. Identifica 2 vogais temáticas	0,5	
	2.3. Identifica 1 vogal temática	0,25	
	2.4. Não identifica vogal temática	0	
3. Reconhecer o radical do verbo	3.1. Reconhece todos os radicais	0,75	0,75
	3.2. Reconhece 2 radicais	0,5	
	3.3. Reconhece 1 radical	0,25	
	3.4. Não reconhece radicais	0	

Questão n.º 3			
1. Flexionar o verbo em pessoa	1.1. Flexiona todos os verbos em pessoa	1	1
	1.2. Flexiona 2 verbos em pessoa	0,75	
	1.3. Flexiona 1 verbo em pessoa	0,25	
	1.4. Não flexiona verbos em pessoa	0	
	1.5. Cada erro de ortografia desconta uma décima	-0,1	
2. Flexionar o verbo em número	2.1. Flexiona todos os verbos em número.	1	1
	2.2. Flexiona 2 verbos em número	0,75	
	2.3. Flexiona 1 verbo em número	0,25	
	2.4. Não flexiona nenhum verbo em número	0	
	2.5. Cada erro de ortografia desconta uma décima	-0,1	
TOTAL			10

2.1.3. Grelha de correção da atividade da área curricular de Língua Portuguesa

O quadro apresentado na página seguinte, explicita a avaliação quantitativa obtida na ficha da área curricular de Língua Portuguesa, dos 27 alunos presentes na aula.

Quadro 15 – Grelha de correção da área curricular de Língua Portuguesa

		Questões	1	2	3	Total
		Cotações	6	2	2	10
Número	Alunos					
1	A	6	1,9	1,8	9,7	
2	B	4,3	1,8	1,5	7,6	
3	C	6	2	0,5	8,5	
4	D	6	2	2	10	
5	E	2,4	1,9	1,7	6	
6	F	6	1,8	2	9,8	
7	G	6	2	0,5	8,5	
8	H	5,7	1,8	0,5	8	
9	I	4,3	2	2	8,3	
10	J	3	1,8	2	6,8	
11	K	2,9	2	0,5	5,4	
12	L	6	2	1,5	9,5	
13	M	3,9	2	2	7,9	
14	N	5,4	1,9	1,9	9,2	
15	O	6	1,9	2	9,9	
16	P	4,6	1,9	0,5	7	
17	Q	5,6	2	2	9,6	
18	R	5,9	2	2	9,9	
19	S	2	2	1,5	5,5	
20	T	6	2	2	10	
21	U	6	2	2	10	
22	V	2	2	2	6	
23	W	2,3	2	0,5	4,8	
24	X	6	1,8	2	9,8	
25	Y	6	2	2	10	
26	Z	6	2	2	10	
27	A1	6	2	1,5	9,5	
Média						8,4

2.1.4. Apresentação dos resultados em gráfico da atividade da área curricular de Língua Portuguesa

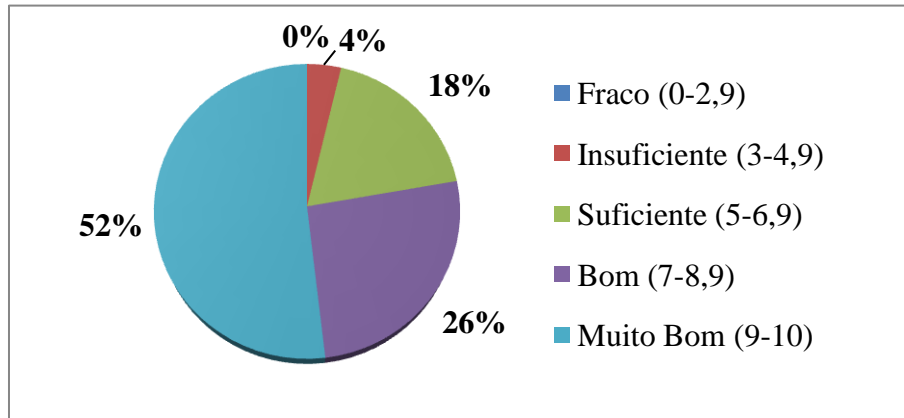


Figura 8 – Gráfico da atividade da área curricular de Língua Portuguesa

2.1.5. Análise do gráfico

No gráfico anterior verifica-se a classificação da atividade da área curricular de Língua Portuguesa.

Podemos observar que 52% dos elementos da turma presentes, equivalente a 14 alunos, obtiveram a classificação de **Muito Bom**; 26%, correspondente a 7 alunos, alcançaram a classificação de **Bom**. Os restantes 22% tiveram a classificação de suficiente e insuficiente, sendo que 18%, correspondente a 5 alunos, alcançaram o **Suficiente** e 4%, equivalente a 1 aluno, obteve a classificação de **Insuficiente**.

2.2. Área curricular de Matemática

2.2.1. Contextualização da atividade

A atividade na área curricular de Matemática, cuja ficha se encontra em anexo (v. Anexo 2), foi realizada no dia 04 de maio de 2012, no 3.º ano A (turma lecionada pela professora Joana Garcia). Esta atividade, que teve a duração de 50 minutos, foi

aplicada a 22 alunos. A turma é constituída por 26 alunos, mas neste dia não estiveram presentes 4 alunos.

A atividade consistiu na realização de uma ficha formativa com o objetivo de avaliar os conhecimentos dos alunos, após terem sido abordadas as unidades de medida de área. Durante a atividade, todos os alunos que estiveram presentes resolveram a proposta de trabalho.

2.2.2. Descrição dos parâmetros, critérios de avaliação e cotações

Com a atividade de Matemática pretendia-se desenvolver a capacidade de reconhecer as unidades de medida de área, através do cálculo da área de figuras geométricas e das transformações de unidades de medida de área.

A atividade da área curricular de Matemática proposta aos alunos tem três questões e cada questão tem diferentes parâmetros e critérios, conforme explicitado no quadro da página seguinte.

Quadro 16 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área curricular de Matemática

<i>Parâmetros</i>	<i>Critérios</i>		<i>Cotações</i>
Questão n.º 1			
1. Calcular corretamente a área de figuras geométricas	1.1. Calcula a área de todas as figuras geométricas	3	3
	1.2. Calcula a área de 3 figuras geométricas	2	
	1.3. Calcula a área de 2 figuras geométricas	1,5	
	1.4. Calcula a área de 1 figura geométrica	0,5	
	1.5. Não calcula áreas	0	
2. Escrever sem erros de ortografia a expressão “unidade de área”	2.1. Cada erro ortográfico desconta uma décima	-0,1	
Questão n.º 2			
1. Calcular corretamente a área de cada figura geométrica	1.1. Calcula a área de todas as figuras geométricas	1,5	1,5
	1.2. Calcula a área de 2 figuras geométricas	1	
	1.3. Calcula a área de 1 figura geométrica	0,5	
	1.4. Não calcula áreas	0	
2. Colocar corretamente a unidade de medida de área	2.1. Coloca todas as unidades de medida de área	1,5	1,5
	2.2. Coloca 2 unidades de medida de área	1	
	2.3. Coloca 1 unidade de medida de área	0,5	
	2.4. Não coloca unidade de medida de área	0	
Questão n.º 3			
1. Transformar corretamente as unidades de medida de área	1.1. Transforma todas as unidades de medida de área	4	4
	1.2. Transforma de 3 a 5 unidades de medida de área	2,5	
	1.3. Transforma 1 a 2 unidades de medida de área	1,5	
	1.4. Não transforma unidade de medida de área	0	
TOTAL			10

2.2.3. Grelha de correção da atividade da área curricular de Matemática

No quadro seguinte encontra-se a grelha que mostra os resultados da avaliação da atividade da área curricular de Matemática. A última coluna diz respeito à avaliação quantitativa de cada um dos 22 alunos presentes na atividade.

Quadro 17 – Grelha de correção da área curricular de Matemática

		Questões			Total
		1	2	3	
		Cotações			10
Número	Alunos				
1	A	3	3	2,5	8,5
2	B	3	3	4	10
3	C	1,7	3	1,5	6,2
4	D	3	3	2,5	8,5
5	E	1,5	3	2,5	7
6	F	2,9	3	4	9,9
7	G	3	3	4	10
8	H	1,5	3	4	8,5
9	I	2,6	3	4	9,6
10	J	0,5	3	2,5	6
11	K	3	3	4	10
12	L	1,6	1,5	4	7,1
13	M	2,9	3	4	9,9
14	N	3	3	4	10
15	O	3	3	1,5	7,5
16	P	3	3	4	10
17	Q	2,6	3	4	9,6
18	R	3	2,5	4	9,5
19	S	1,5	2,5	4	8
20	T	3	3	2,5	8,5
21	U	1,5	3	4	8,5
22	V	3	3	4	10
Média					8,8

2.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico da atividade da área curricular de Matemática

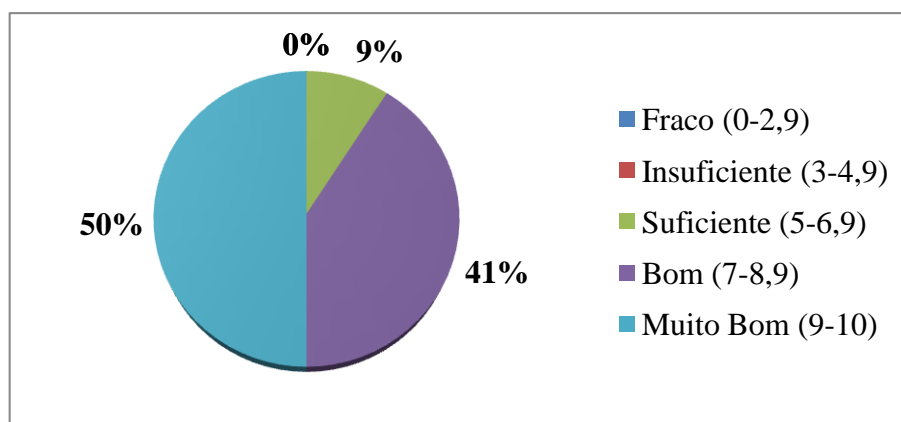


Figura 9 - Gráfico da atividade da área curricular de Matemática

2.2.5. Análise de gráfico

No gráfico da avaliação da área curricular de Matemática, podemos verificar que todos os alunos alcançaram resultado positivo.

Metade dos alunos, 50%, equivalente a 11 alunos, obteve a classificação de **Muito Bom**, ou seja, apresentou resultados entre nove e dez valores.

A classificação qualitativa de **Bom** foi atribuída a 41% (correspondente a 9 alunos); 9% dos alunos, ou seja, 2 alunos, tiveram **Suficiente**.

2.3. Área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal

2.3.1. Contextualização da atividade

A atividade na área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal, foi realizada no dia 04 de maio de 2012, no 3.º ano A (turma lecionada pela professora Joana Garcia). Esta atividade, com duração de 50 minutos, aplicou-se a 22 alunos. A turma é constituída por 26 alunos, mas neste dia não estiveram presentes 4 alunos.

A atividade consistiu na realização de uma ficha formativa (v. Anexo 3) com o objetivo de avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, após ter sido abordada,

por mim, matéria sobre o Rei D. Dinis. Durante a atividade, todos os alunos que estiveram presentes resolveram a proposta de trabalho.

2.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios de avaliação e cotações

Com a aula de História de Portugal pretendi desenvolver a capacidade de conhecer personagens e factos da história nacional. Através do preenchimento da ficha, que continha um quadro e um texto lacunar, visei consolidar conhecimentos apresentados.

A ficha de avaliação proposta aos alunos tinha duas questões. Cada questão tem um parâmetro e vários critérios.

Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal

<i>Parâmetros</i>	<i>Crítérios</i>		<i>Cotações</i>
Questão número 1			
1. Preencher corretamente dados históricos sobre o Rei D. Dinis, nos espaços previstos no quadro	1.1. Preenche todos os espaços	3	3
	1.2. Preenche 1 espaço	1,5	
	1.3. Não preenche espaços	0	
	1.4. Cada erro de ortografia desconta uma décima	-0,1	
Questão número 2			
1. Completar corretamente o texto lacunar com os dados históricos do Rei D. Dinis	1.1. Completa todos os espaços	7	7
	1.2. Completa 9 a 11 espaços	5,5	
	1.3. Completa 5 a 8 espaços	3,5	
	1.4. Completa 2 a 4 espaços	2,5	
	1.5. Completa 1 espaço	1	
	1.6. Não completa os espaços	0	
	1.7. Cada erro de ortografia desconta uma décima	-0,1	
TOTAL			10

2.3.3. Grelha de correção da atividade da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal

O quadro seguinte representa a grelha de avaliação de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal. Esta grelha foi elaborada com o intuito de apresentar os resultados da avaliação desta área. A última coluna diz respeito à avaliação quantitativa do aluno.

Quadro 19 – Grelha de correção da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal

		Questões	1	2	Total
		Cotações	3	7	10
Número	Alunos				
1	A	3	7	10	
2	B	3	6,6	9,6	
3	C	3	7	10	
4	D	3	5,9	8,9	
5	E	3	6,4	9,4	
6	F	3	6,7	9,7	
7	G	3	6,6	9,6	
8	H	3	6,6	9,6	
9	I	1,5	6,1	7,6	
10	J	3	6,3	9,3	
11	K	1,5	6,1	7,6	
12	L	1,5	5,4	6,9	
13	M	3	6,7	9,7	
14	N	1,5	6,3	7,8	
15	O	3	5,8	8,8	
16	P	3	6,6	9,6	
17	Q	3	6,7	9,7	
18	R	3	7	10	
19	S	3	6,4	9,4	
20	T	3	5,4	8,4	
21	U	3	6,8	9,8	
22	V	2,9	6,5	9,4	
Média					9,1

2.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal

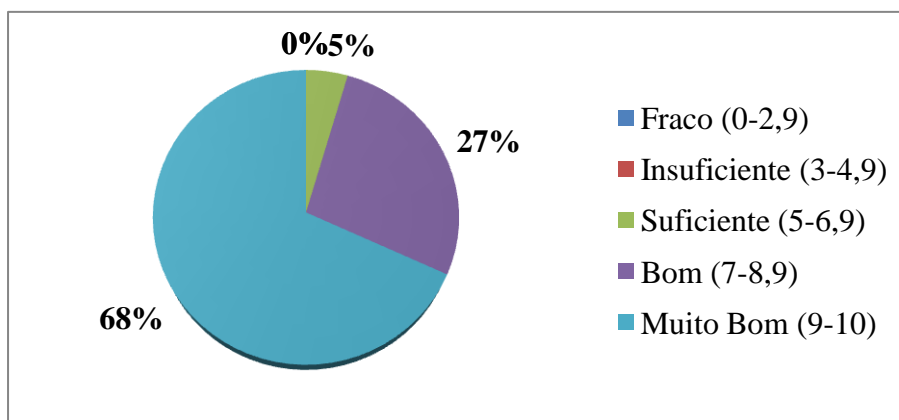


Figura 10 – Gráfico da atividade da área curricular de Estudo do Meio, domínio da História de Portugal

2.3.5. Análise do gráfico

Todos os alunos obtiveram uma classificação igual ou superior a suficiente.

Mais de metade dos alunos, 68%, equivalente a 15 alunos, alcançou a classificação de **Muito Bom**; 27%, correspondente a 6 alunos, tiveram **Bom**; o restante aluno (5%) teve a classificação de **Suficiente**.

Reflexão final

Nesta Reflexão Final, farei o balanço de todo o trabalho realizado ao longo destes meses de Estágio Profissional I e II.

O Relatório de Estágio Profissional é um documento de arquivo de grande interesse, pois nele encontra-se todo o trabalho desenvolvido no Estágio Profissional ao longo do Mestrado.

Apresentarei as minhas reflexões sobre a importância da realização do Estágio Profissional, as limitações encontradas durante o trabalho desenvolvido, bem como sugestões de novas pesquisas.

1. Considerações finais

E chega ao fim mais uma etapa da minha vida académica. Como afirma Savater (2006, p. 13), “o homem torna-se homem através da aprendizagem”. Ao longo desta etapa, senti prazer, cresci e desenvolvi-me, procurei valorizar todas as aprendizagens e competências que me foram incutidas.

Durante o curso (Licenciatura e Mestrado), tive a possibilidade de aprofundar os meus conhecimentos, saberes, de refletir sobre a opinião de diversos autores e mentores acerca de variadíssimos aspetos da educação. Todos os conhecimentos adquiridos permitiram-me compreender e enaltecer determinadas atitudes, posições e situações vivenciadas ao longo do Estágio Profissional.

No decorrer do curso, apercebi-me que a Escola Superior de Educação, na pessoa do seu Director e das Supervisoras de Estágios, dão grande importância ao Estágio Profissional e ao contacto com a realidade educativa. O Estágio, segundo o D.L. n.º 344/89 e Port. N.º. 336/ 88, citado em Ministério da Educação (2002):

...constitui uma componente fundamental do curso destinada a iniciar formalmente os alunos no mundo da prática profissional docente e concretiza-se através de atividades diferenciadas ao longo do curso e em períodos de duração crescente e de responsabilização progressiva, completando-se com uma fase de responsabilização pela docência, designada por estágio. (p. 17)

A Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II, na minha opinião, foi dos momentos principais que tive ao longo dos dois semestres do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da formação profissional de um futuro docente. De acordo com Silveira (2000, p. 22), a formação profissional “é necessária a todos os indivíduos que, em contexto de trabalho, necessitam de aplicar conhecimentos”.

Com o material que preparei para poder dar aulas ao longo do Estágio Profissional, tentei diversificar as estratégias utilizadas nas diferentes áreas curriculares. As atividades propostas por mim foram pensadas e planeadas em função das necessidades das crianças. Para Proença (1990, p. 92), “o professor não deve estar apenas atento àquilo que os seus alunos aprendem, mas também ao modo como se desenvolvem as atividades de aprendizagem”.

Deixo, em resumo, algumas frases mencionadas por um autor desconhecido, (citado em Haigh, 2010), sobre a importância de uma boa formação profissional e o valor de educar e instruir as crianças, visto estas viverem o que aprendem:

...quando as crianças convivem com a tolerância, aprendem a ser pacientes; Quando convivem com o incentivo, aprendem a confiança; Quando as crianças convivem com a segurança, aprendem a ter fé; Quando as crianças convivem com a hostilidade, aprendem a lutar; Quando as crianças convivem com a equanimidade, aprendem a justiça; Quando as crianças convivem com o elogio, aprendem a apreciar; Quando as crianças convivem com a aprovação, aprendem a gostar de si mesmas; Quando as crianças convivem com a aceitação e a amizade, aprendem a descobrir o amor no mundo. (pp. 195-196)

Com o Estágio Profissional I e II, com todos os conteúdos teóricos aprendidos ao longo do curso nas diferentes Unidades Curriculares, com os professores com quem convivi, aprendi e tirei partido das opiniões, experiências e vivências. Cheguei à conclusão da razão da escolha desta profissão (a criança) e reforcei o amor pelo que irei tentar fazer (a diferença).

1.1. Limitações

Ao longo da elaboração deste Relatório de Estágio Profissional existiram algumas condicionantes.

Ao nível da investigação, deparei-me com alguns obstáculos para fundamentar teoricamente certas práticas diárias, áreas curriculares e conteúdos observados, ficando muito por explorar e dizer sobre o que foi observado, vivenciado e protagonizado. Muitas vezes, a bibliografia teórica que me interessava estava requisitada e tardava a ser devolvida.

Por outro lado, e pelo facto de os estágios ocorrerem durante três manhãs, cujo horário diz respeito, por norma, a 2 áreas curriculares (Língua Portuguesa e Matemática), outras áreas e atividades ficam ausentes da nossa prática.

Relativamente ao horário do Estágio Profissional I e II, no início do Mestrado, como este consta, como acabei de observar, de três manhãs, considero que as práticas observadas ao longo do ano se tornam repetitivas, perdendo-se a hipótese de observar áreas curriculares que não constam no horário neste período do dia. Felizmente, devido ao meu caso em particular – que me levou a ter de estagiar, durante três semanas, os dias inteiros (períodos de manhã e tarde), pude observar todas as áreas curriculares. É importante para a nossa formação como futuros docentes termos a perceção de como preparar um dia inteiro de aulas. Futuramente é isso que vamos ter de fazer. Assim, esta situação particular reverteu-se numa mais-valia para mim.

O escasso tempo e o cansaço sentido foram limitações para a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional. Com as Unidades Curriculares da Escola Superior de Educação João de Deus, o Estágio Profissional e a situação de trabalhadora-estudante, por vezes tornou-se difícil a gestão do tempo.

1.2. Novas pesquisas

Ao elaborar este Relatório de Estágio Profissional, tive a oportunidade de realizar diversas pesquisas sobre diferenciados assuntos e conteúdos revelantes para a fundamentação teórica e redação do mesmo. Sobretudo, voltei a consultar a bibliografia cedida durante a Licenciatura, nas diversas Unidades Curriculares. Como futuros docentes profissionais, é indispensável cultivarmos o nosso saber, prosseguirmos a nossa aprendizagem, para podermos transmitir e inculir, de forma correta, toda a teoria e toda uma prática da vida.

Referências bibliográficas

- Aberkane, F. C. e Berdonneau, C. (1997). *O ensino da matemática na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abrantes, P. (2002). A avaliação das aprendizagens no ensino básico. In P. Abrantes e F. Araújo (coord.). *Reorganização curricular do ensino básico. Avaliação das aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação; pp. 7-15.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Ajuriaguerra, J. de (1988). *A escrita infantil – evolução e dificuldades*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alarcão, I. (org.) (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. PT: Edições Pedagogo.
- Aleixo, C. A. (2005). *A vez e a voz da escrita*. Lisboa: DGIDC.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo. Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, A. e Vilela, M. da C. (1996). *Didáctica das ciências. Aceleração cognitiva – teoria e prática*. Rio Tinto: ASA.
- Alonso, L. e Roldão, M. do C. (Ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Almedina.
- Alsina i Pastells, Á. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos: para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.

- Amado, J. da S. (2000). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: ASA.
- Amaral, S. B. M. (2004). *Expressão musical: significados e significantes. Perspectiva vivencial no jardim-de-infância*. Coimbra: Instituto Miguel Torga.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Azenha, M. (1997). *Ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras*. Porto: ASA.
- Azevedo, F. (2000). *Ensinar a aprender a escrever: através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, M. (2001). *Teses, relatórios e trabalhos escolares. Sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Beltrán, L. (2000). Globalização e reeducação expressivo-artística: E pela asa do sonho eu me crio.... In Escola Superior de Dança (coord.). *Educação pela arte – Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte/ Fundação Calouste Gulbenkian; pp. 127-142.
- Bezerra, P. (1999). *Psicologia da arte/ L. S. Vigotski*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brown, S.; Race, P. e Smith, B. (2000). *Guia da avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cachapuz, A.; Praia, J. e Jorge, M. (2002). *Ciência, educação em ciência, ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Calixto, J. A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Caminho.
- Cardoso, J. P. S. (1989). Prefácio. In I. A. Costa e F. Baganha (coord.). *O fantoche que ajuda a crescer*. Porto: ASA; pp. 13-15.
- Charpak, G. (1997). *As ciências na escola primária. Uma proposta de acção*. Mem Martins: Editorial Inquérito.

- Coll, C. *et al.* (2001). *O construtivismo na sala de aula. Novas perspectivas para a acção pedagógica*. Porto: ASA.
- Condemarín, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Cortesão, L. (1993). *A avaliação formativa – que desafios?* Porto: ASA.
- Curto, P. M. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto: Porto Editora.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.
- Damas, M. J. e Ketele, J. M. de (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Almedina.
- Day, C. (2001). *Desenvolvimento profissional de professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.
- Diez, J. J. (1989). *Família-Escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Fabregat, C. H. e Fabregat, M. H. (1989). *Como preparar uma aula de História*. Rio Tinto: Asa.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens. Desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Figueiredo, M. A. R. (2005). *Ideias para a construção de projectos*. Lisboa: Bola de Neve.
- Fisher, J. (2004). A relação entre o planeamento e a avaliação. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores; pp. 21-40.
- Fonseca, A. (1990). *Guia dos direitos da criança*. Lisboa: Instituto de apoio à criança.

- Freire, Paulo (1991). *A importância do ato de ler – Em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados.
- Freitas, L. V. de e Freitas, C. V. de (2002). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA.
- Galvão, C.; Reis, P.; Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências. Sugestões para professores dos ensinos básicos e secundário*. Porto: ASA.
- García, C. M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Gomes, J. A. (1993). *A poesia na literatura para a infância*. Rio Tinto: ASA.
- Gómez, A. P. (1992). O pensamento prático do professor: A formação do professor como profissional reflexivo. In A. Nóvoa (coord.). *Os professores e a sua formação*; pp. 93-114.
- Graça, A. et al. (2011). *Avaliação do desempenho docente. Um guia para a ação*. Lisboa: Lisboa Editora.
- Grosso, C. (2004). *Matemática volume III. Grandezas e medidas. Áreas e volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Gúzman, M. de (1996). O ensino através da resolução de problemas em torno dos conteúdos do currículo. In AA. VV. *Dez anos de profmat. Intervenções*. S.l.: Associação de Professores de Matemática; pp. 225-234.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar. Grandes ideias, regras simples*. Alfragide: Academia do Livro.
- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesus, J. M. S. de (2002). *Educação do movimento: livro de apoio*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Korthagen, F. (2009). A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida. In M. A. Flores e A. M. V. Simão (ed.). *Aprendizagem e*

desenvolvimento profissional de professores: contexto e perspectivas.
Mangualde: Edições Pedagogo.

Lajus, S. P. e Magnier, M. R. (1998). *A escola na era da internet. Os desafios do multimédia na educação.* Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Landier, J. C. e Barret, G. (1991). *Expressão dramática e teatro.* Lisboa: ASA.

Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas.* Porto: ASA.

Lima, J. Á. de (org.) (2002). *Pais e professores um desafio à cooperação.* Porto: ASA.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula.* Porto: Asa.

Magalhães, V. (2008). A promoção da leitura literária na infância: ‘Um mundo de verdura’ a não perder. In O. Sousa e A. Cardoso (Eds). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa.* Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação Lisboa; pp. 55-73.

Maluf, A. C. M. (2008). *Atividades lúdicas para educação infantil. Conceitos, orientações e práticas.* Petrópolis: Vozes.

Matos, J. M. e Serrazina, M. de L. (1996). *Didáctica da matemática.* Lisboa: Universidade Aberta.

Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa.* Lisboa: Editorial Presença.

Mesquita, E. (2011). *Competências do professor: representações sobre a formação e a profissão.* Lisboa: Edições Sílabo.

Mialaret, G. (1981). *A formação dos professores.* Coimbra: Almedina.

Minicucci, A. (1987). *Técnicas do trabalho de grupo.* São Paulo: Atlas.

Ministério da Educação (2002). *Recomendação sobre a componente de prática profissional dos cursos de formação inicial de professores.* Lisboa: Instituto Nacional de Acreditação da Formação de Professores.

- Ministério da Educação (2006). *Organização curricular e programas – 1.º Ciclo do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão* Lisboa: Presença.
- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação: uma prática diária*. Lisboa: Presença.
- Paquay, L.; Perrenoud, P.; Altet, M. e Charlier, É. (1998). *Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed Editora.
- Pereira, P. C. (2010). Educação infantil e intervenção psicopedagógica. Educação para o desenvolvimento. *Educação para o Desenvolvimento n.º 1*. Lisboa: ESE João de Deus (66-76).
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula. Desenho e avaliação*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pombo, O.; Guimarães, H. M. e Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P. da; Costa, F.; Lopes, H.; Moreirinha, O. e Salvado, D. (1997). *Histórias da aula de Matemática*. S.l.: Associação de Professores de Matemática.
- Ponte, J. P. e Serrazina, M. de L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/ Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Read, H. (2001). *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rebelo, D. e Atalaia, L. (2000). *Para o ensino e aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Reis, M. P. I. F. C. P. dos (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de doutoramento inédita, Universidade Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación.
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robinson, N. (2006). *Enciclopédia do origami. Guia completo e totalmente ilustrado da arte da dobragem de papel*. Lisboa: Dinalivro.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é reflectir sobre o ensino*. Rio Tinto: ASA.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de doutoramento inédita, Universidade Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sanches, T. (2007). Biblioteca escolar e leitura em tempos de mudança. In F. Leal (coord.). *Leitura (s)*. Oeiras: Biblioteca Municipal; pp. 69-77.
- Santos, A. M. R. dos e Balancho, M. J. (1993). *A criatividade no ensino do português*. Lisboa: Texto Editora.
- Santos, E. M. dos (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Santos, M. da C. (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Savater, F. (2006). O valor de educar. In F. Savater, R. Moreno Castillo, N. Crato, H. Damião. *O valor de educar, o valor de instruir*. Porto: Porto Editora; pp. 7-43.
- Serrazina, L. e Matos, J. M. (1996). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

- Silva, L. M. da (s.d.). *A prática da redacção (didáctica da expressão escrita)*. Porto: Porto Editora.
- Silveira, D. M. A. da (2003). *A participação de famílias na educação Pré-Escolar: Um estudo de caso*. Monografia a apresentar à Escola Superior de Educação João de Deus como requisito final para a aprovação à disciplina de elaboração do projecto sob a orientação do Mestre José Manuel Correia.
- Silveira, L. (2000). *Detecção, identificação e análise de necessidades de formação e aprendizagem*. Matosinhos: Contemporânea.
- Simão, A. M. V. (2002). *Aprendizagem estratégica. Uma aposta na auto-regulação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA.
- Soares, V. (2010). *Práticas pedagógicas vivenciais*. Petrópolis: Vozes.
- Solé, M. de B. (1992). *O jogo infantil*. Lisboa: Instituto de apoio à criança.
- Sousa, A. B. (1979). *A dança educativa na escola*. Aveiro: Básica Editora.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (1.º vol.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, M. de L. D. de (1993). *A interpretação de textos nas aulas de português*. Rio Tinto: ASA.
- Spodek, B. e Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern, A. (1974). *Aspectos e técnicas da pintura de crianças*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stern, A. (s.d.). *Uma nova compreensão da arte infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Veloso, R. M. (1995). António Torrado, um humor penetrante. In M. J. Costa (coord.). *António Torrado*. Porto. Civilização; pp. 31-35.

- Veloso, R. M. e Riscado, L. (2002). Literatura infantil, brinquedo e segredo. *Malasartes*, Cadernos de literatura para a infância e a juventude, n.º 10, Lisboa (26-29).
- Verderi, É. B. L. (2000). *Dança na escola*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: ASA.
- Vieira, H. (2000). *A comunicação em sala de aula*. Lisboa: Presença.
- Villas Boas, B. M. de F. (2006). *Portefólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Porto: ASA.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA.
- Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação

Despacho normativo n.º 1/ 2005, de 5 de janeiro

Webgrafia

- Ministério da Educação (2007). Programa de Matemática do Ensino Básico. Recuperado em 2012, março 27 de <http://www.dgidec.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=20>
- Ministério da Educação (2009). Programa de Português do Ensino Básico. Recuperado em 2012, março 27 de <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/wp-content/uploads/2010/09/ProgramadePortuguesEB.pdf>

Anexos

Anexo 1

Dispositivo de avaliação da área curricular de Língua Portuguesa

Jardim Escola João de Deus – Estrela

Lisboa, _____ de maio de _____

Nome: _____

Língua Portuguesa
2.º ano

Menino da selva

Essila é um menino que desde tenra idade vive e sobrevive numa densa floresta.

Este menino cresceu com os cães selvagens, a quem chama família. Ele sabe tudo sobre a floresta, sobre os seus animais e as suas **plantas**. Sabe utilizar as diferentes **raízes, caules, folhas, flores, frutos e sementes** para sobreviver e tratar de alguma ferida sua ou de algum dos seus amigos animais. Essila cumpre sempre todas as suas funções como um verdadeiro amigo.



Essila utiliza a sua destreza para a aprendizagem das línguas e já fala macaquês (língua dos macacos), serpentês (língua das serpentes), canês (língua dos cães), passarês (língua dos pássaros) e um pouco do que se lembra do chamado humanês (língua dos humanos). A maioria das línguas que ele fala não tem todas as complicações de **verbos da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações**.

(Texto adaptado)

1. Em cada frase, **sublinha** os verbos. **Escreve** o infinitivo dos verbos e **indica** as respectivas conjugações.

a. “Este menino cresceu com os cães selvagens, a quem chama família.” (parágrafo 2)

Verbo _____, na _____ conjugação.

b. “Ele sabe tudo sobre a floresta (...) plantas.” (parágrafo 2)

Verbo _____, na _____ conjugação.

c. “Essila cumpre sempre todas as suas funções como um verdadeiro amigo.” (parágrafo 2)

Verbo _____, na _____ conjugação.

d. “Essila utiliza a sua destreza para a aprendizagem de línguas (...) (língua dos humanos).” (parágrafo 3)

Verbo _____, na _____ conjugação.

2. Completa o quadro.

Forma verbal	Infinitivo	Vogal temática	Radical
cresceu			cresc-
	saber		
	cumprir	i	
utiliza			

3. Observa o quadro. **Completa-o**, de acordo com o exemplo.

Forma verbal	Pessoa	Número
utiliza	3.^a pessoa	singular
cumprem		
sobrevives		
falastes		

Anexo 2

Dispositivo de avaliação da área curricular de Matemática

Jardim Escola João de Deus – Estrela

Lisboa, _____ de maio de _____

Nome: _____

Matemática

3.º ano

Medidas de área

1. **Calcula** a área de cada uma das figuras.

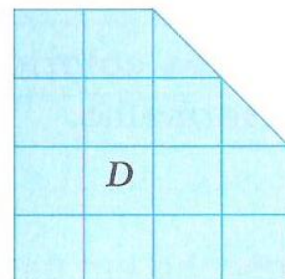
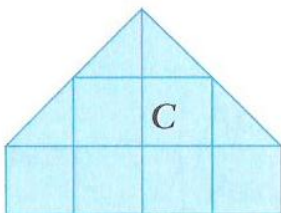
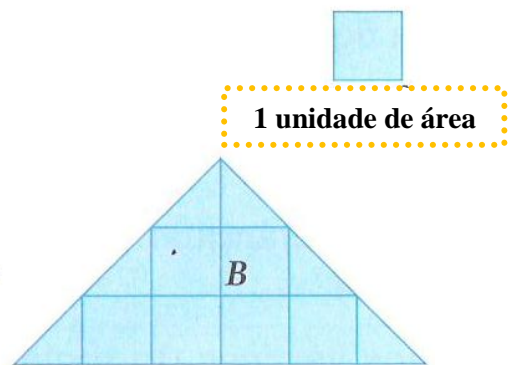
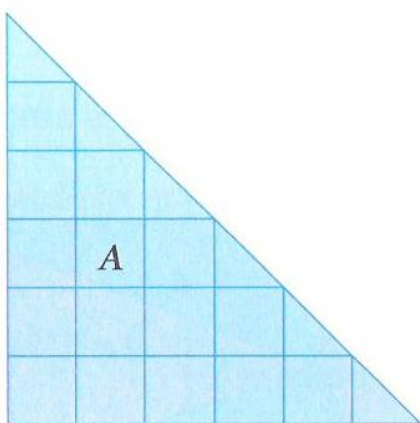


Figura A: _____

Figura B: _____

Figura C: _____

Figura D: _____

2. **Calcula** a área de cada uma das figuras.

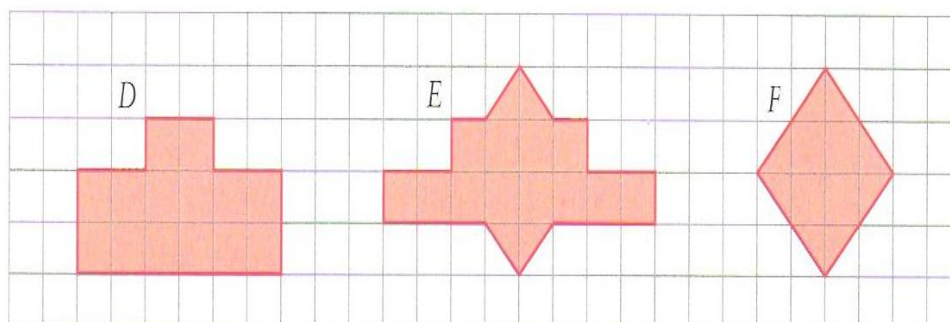


Figura D: _____

Figura E: _____

Figura F: _____

3. **Completa:**

3.1. $7\text{cm}^2 = \underline{\hspace{2cm}}\text{m}^2$

3.2. $0,5\text{dm}^2 = \underline{\hspace{2cm}}\text{cm}^2$

3.3. $42\text{mm}^2 = \underline{\hspace{2cm}}\text{dm}^2$

3.4. $2,65\text{m}^2 = \underline{\hspace{2cm}}\text{cm}^2$

3.5. $139\text{dm}^2 = \underline{\hspace{2cm}}\text{m}^2$

3.6. $6,1\text{m}^2 = \underline{\hspace{2cm}}\text{dm}^2$

Anexo 3

**Dispositivo de avaliação da área curricular de Estudo do Meio,
domínio de História de Portugal**

Jardim Escola João de Deus – Estrela

Lisboa, _____ de maio de _____

Nome: _____

1. **Preenche** corretamente os espaços do quadro.

B.I.

Cognome: *O Lavrador*

Reinado: _____

Filiação: D. Afonso III
e D. Beatriz



2. **Completa** o texto lacunar.

O Reinado de D. _____

_____, de cognome *O Lavrador*, nasceu em 1261. Filho de D. Afonso III e D. Beatriz, casou com D. Isabel de Aragão, que ficou conhecida como _____.



Este monarca era muito culto, defendeu a _____, tornando obrigatório o seu uso nos documentos públicos, nos quais até então era usado o Latim. Em 1290, criou os _____, ou seja, a _____, na cidade de Lisboa, que mais tarde foi mudada para Coimbra e depois novamente para Lisboa. Só em 1537, no reinado de D. João III, se

Fig. 1 – D. _____

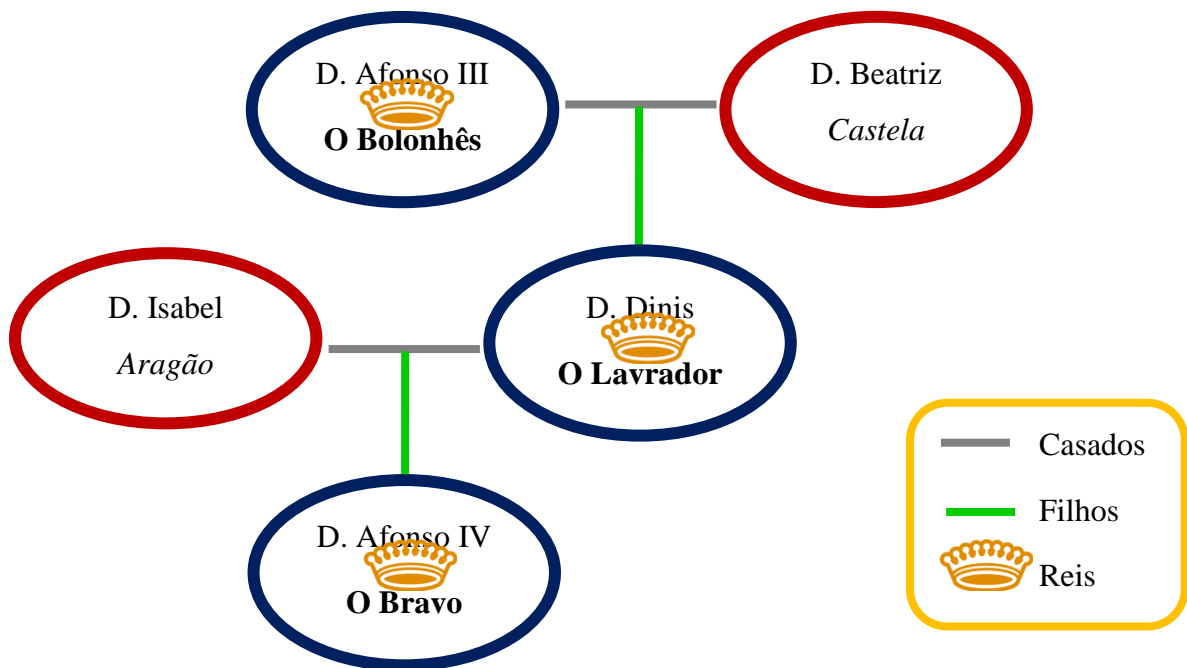
fixou definitivamente em Coimbra.

D. Dinis era _____, tendo escrito muitas trovas e canções, existindo mesmo um livro intitulado “_____”. Protegeu a agricultura (mandou semear o _____), o comércio, a indústria e a marinha.

Em 1277 celebrou-se o _____, a partir do qual as fronteiras de Portugal se mantiveram, sensivelmente, como as atuais.

D. Dinis faleceu em 1285 e os restos mortais repousam no _____, que ele próprio tinha mandado construir.

Árvore Genealógica



DOC. 1 – Ay flores do verde pyno

Ay flores, ay flores do verde pyno,
Se sabedes novas do meu amigo!
Ay Deus, e hu é*?*

*Ay flores, ay flores do verde ramo,
Se sabedes novas do meu amado!
Ay Deus, e hu é?*

*Se sabedes novas do meu amigo
Aquele que mentiu do que pôs* comigo!
Ay Deus, e hu é?*

Poema escrito por D. Dinis em português antigo